



Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

Mestrado em Treino Desportivo: Especialização em Futebol

**Relatório apresentado com vista à obtenção do grau de mestre pelo
Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo**

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

Orientador:

Professor Doutor Valter Pinheiro

(João Paulo da Cunha Rendeiro Chumbinho)

2022



Instituto Superior
de Lisboa e Vale do Tejo

**Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva
e de Transição Ofensiva**

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Resumo

A decomposição do modelo de jogo em vários momentos é uma operação que tem em vista o estudo e a análise do jogo de futebol, que facilita o estudo, o treino e o jogo, numa lógica do aprofundamento do conhecimento do mesmo numa visão limitada à luz da perspetiva científica cartesiana.

O presente estudo de cariz qualitativo, com recurso a entrevistas semiestruturadas a treinadores de futebol e conseqüente análise de conteúdo, tem como pano de fundo o modelo de jogo e, como enfoque central, dois momentos do jogo em concreto, a organização defensiva e a transição ofensiva. Os objetivos desta investigação traduzem-se na compreensão das relações que se estabelecem entre o momento da organização defensiva (equipa sem posse de bola) e o momento da transição ofensiva (equipa com posse de bola), em especial compreender que factos, que situações e que comportamentos são analisados e tratados no momento da organização defensiva, mas que já dizem respeito a algo que vai ocorrer no momento da transição ofensiva, sem deixar de tentar compreender e explicar todos os fenómenos que forem surgindo ao longo do estudo e se relacionem com o objeto de estudo. Esta Investigação tornou mais evidente a ideia de que na fase de ataque há uma preparação da defesa e na fase de defesa preparamos o ataque, exigindo-se fluidez, congruência, conjugação e sequência lógica entre o que se quer ou que se prepara num momento e o que se quer ou o que se prepara no outro, o que se traduz no aumento de pormenores e detalhes a tratar em cada momento e no aprofundar da tendência do jogo de futebol no sentido do aumento da velocidade em que é pensado e jogado.

Palavras-chave: Transição ofensiva; Organização defensiva; Modelo de jogo; Futebol; Posse de bola.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Abstract

The decomposition of the game model at various times is a an operation that aims at the study and analysis of the football game, which facilitates the study, training and game, in a logic of deepening the knowledge of the game in a view limited to the light from the Cartesian scientific perspective.

The present qualitative study, using semi-structured interviews with football coaches and consequent content analysis, has the game model as its background and two central moments of the game, the defensive organization and the offensive transition, as a central focus. The objectives of this study are to understand relationships that are established between the moment of the defensive organization (team without possession of the ball) and the moment of the offensive transition (team with possession of the ball), in particular to understand what facts, what situations and what behaviors are analysed and treated at the time of the offensive transition, while trying to understand and explain all the phenomena that arise during the study. This investigation made more evident the idea that in the attack phase there is a preparation of the defense and in the defense phase we prepare the attack, requiring fluidity, congruence, conjugation and logical sequence between what is being prepared in the other, wich translates into increase of details to be dealt with at each moment and the deepening of the trend of the football game in the sense of increasing the speed at wich is is played and thought.

Keywords: Offensive transition; Defensive organization; Game model; Soccer; Ball possession.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Agradecimentos

O caminho percorrido nesta investigação contou com a participação e o contributo de muitas pessoas a quem manifesto a minha enorme gratidão.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, Professor Valter Pinheiro, pela sua incansável ajuda, sugestões, comentários, críticas e acompanhamento em todos os passos desta investigação.

Em segundo lugar, a todos os treinadores que se disponibilizaram a ser entrevistados e a partilhar a sua experiência e o seu conhecimento sobre o jogo de futebol, sem os quais não teria sido possível realizar este estudo.

Em terceiro lugar, a todos os treinadores, jogadores(as) e dirigentes que me fizeram, reflectir e problematizar sobre o objeto de estudo desta investigação.

À Marina e aos meus filhos, João Maria, Luisinha, Inês e Matilde, pelas muitas horas que não estive presente.

Ao futebol por ser uma paixão de uma vida, quer enquanto jogador, treinador, adepto, espetador, observador, scout, que desde criança me tem permitido sonhar e concretizar sonhos com muito entusiasmo.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Índice

1. Introdução.....	7
1.1. A Definição do Problema.....	9
1.2. O Objeto de Estudo.....	9
1.3. Os Objetivos.....	9
2. Revisão de Literatura.....	11
2.1. A Dinâmica Interna do Jogo de futebol.....	12
2.1.1. As Fases do Jogo.....	19
2.1.2. Os Princípios do Jogo.....	21
2.1.3. Os Métodos do Jogo.....	26
2.1.4. A Operacionalização da Ideia de Jogo e a Metodologia de Treino.....	30
2.1.5. Os Modelos de Periodização do Treino.....	31
2.1.6. O Ato tático, a Perceção e a Decisão.....	34
2.1.7. O Modelo de Jogo.....	37
2.1.7.1. Os Momentos do Jogo.....	39
2.2. A Organização Defensiva.....	41
2.3. A Transição Ofensiva.....	42
2.4. As Relações entre Transição Ofensiva e Organização Defensiva.....	49
Conclusões.....	52
3. Metodologia.....	55
3.1. Os Participantes.....	56
3.2. Os Instrumentos e os Procedimentos.....	56
3.3. Análise dos Dados.....	58
3.3.1. Análise de Conteúdo.....	58
3.3.1.1. A Criação e a Definição das Categorias.....	59
3.4. Limitação na Recolha de Dados.....	61
4. Apresentação dos Resultados.....	62
5. Discussão dos Resultados.....	166
6. Conclusões.....	188
7. Referências Bibliográficas.....	196
8. Anexos.....	203



**Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva
e de Transição Ofensiva**

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

1. Introdução

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

1. Introdução

Este estudo tem o enfoque central na relação de dois momentos de jogo: a organização defensiva e a transição ofensiva.

Os objetivos desta investigação traduzem-se na compreensão das relações que se estabelecem entre o momento da organização defensiva (quando a equipa não tem a posse de bola) e o momento da transição ofensiva (quando a equipa recupera a posse de bola), em especial compreender que situações, que problemas, que comportamentos/ações e que factos são analisados e tratados no momento da organização defensiva, mas que já dizem respeito a algo que vai ocorrer no momento da transição ofensiva, ou seja, dito de outro modo, será que há algo que se faz ou que se pense sem posse de bola que está diretamente ligado com o momento em que se terá a posse de bola?

O objeto de estudo traduz-se em identificar situações, problemas comportamentos/ações e factos que surgem no momento da organização defensiva e dizem respeito à transição ofensiva no futebol atual, bem como todas ações necessárias para o desenvolvimento da transição ofensiva.

A importância do estudo pode ser justificada com uma ideia de José Mourinho publicada numa Entrevista do Jornal “a Bola” e reiterada por Castelo (2019), ao referir que os jogadores e a equipa quando atacam, além de pensarem em atacar têm de pensar em defender e quando defendem têm de pensar em atacar. As transições são cada vez mais decisivas no futebol da atualidade e surgem, em regra, após um momento de organização ofensiva (transição defensiva) ou após um momento de organização defensiva (transição ofensiva) (Castelo, 2019).

A metodologia assenta exclusivamente em métodos qualitativos, através da realização de entrevistas semiestruturadas a treinadores de futebol e posterior análise de conteúdo.

Num primeiro momento será enquadrado o tema a nível teórico e tendo presente os anteriores estudos realizados nesta área.

Em segundo lugar trataremos da questão da metodologia adotada, a descrição dos participantes e procedimentos aplicados.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Em terceiro lugar, a apresentação e discussão dos resultados, findando com as conclusões.

1.1. A Definição do Problema

Houve tempos em que o jogo de futebol se resumia à análise do processo ofensivo e do processo defensivo. A partir de determinado momento começou a entender-se que à perda da posse de bola ou no ganho de posse de bola seguem-se momentos muito importantes que têm de ser estudados.

Para Valdano, mais do que atacar ou defender é importante transitar entre as fases (defesa e ataque), as equipas devem ter a capacidade de fazê-lo de forma rápida, forte e equilibrada (Valdano, 2001).

O cerne da questão é perceber qual é o grau de articulação e de relação entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva e, mais propriamente, como se prepara a transição ofensiva no momento da organização defensiva.

1.2. O Objeto de Estudo

O pano de fundo desta investigação é o modelo de jogo (ou a ideia de jogo) e o enfoque incide sobre dois momentos do modelo de jogo, a organização defensiva e a transição ofensiva, mais concretamente as ligações entre estes dois momentos, numa lógica temporal e sequencial Organização defensiva/Transição ofensiva, onde tentamos compreender essas relações, em especial na preparação da transição ofensiva no momento em que se está em organização defensiva.

O objeto deste estudo incide sobre a ligação/relação entre esses dois momentos e principal e concretamente o que se prepara num determinado momento que já está diretamente relacionado com o momento seguinte.

1.3. Os objetivos

São objetivos deste estudo:

- Analisar a interdependência entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva;

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Conhecer o pensamento dos treinadores de futebol sobre a relação entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva;
- Identificar as situações, ações, comportamentos e factos que determinam a relação entre o momento da organização ofensiva e o momento da transição defensiva.

2. Revisão de Literatura

2. Revisão de Literatura

Este primeiro capítulo intitulado de revisão de literatura vai iniciar com o tema da dinâmica interna do jogo de futebol, recorrendo à literatura mais ilustrativa no que se refere à temática, falando no jogo de futebol e nas suas tendências evolutivas atuais, não deixando de se abordar as fases, princípios e métodos do jogo, na operacionalização da ideia de jogo e na metodologia do treino, terminando com a definição do modelo de jogo e tratando, com maior profundidade e dentro dos momentos de jogo, aqueles dois que são mais relevantes no contexto desta investigação: a organização defensiva e a transição ofensiva e a sua inter-relação, finalizando com umas breves conclusões.

2.1. Dinâmica interna do jogo de futebol

A dinâmica ou lógica interna do jogo de futebol é o que resulta da contínua interação entre as normas regulamentares e a evolução das soluções encontradas na prática pelos jogadores em face das suas habilidades táticas, técnicas e físicas (Deleplace, 1979).

O Futebol é um jogo desportivo coletivo (JDC) que ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto, disputando objetivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando, em cada momento, ações contraditórias entre si (ataque/defesa), baseadas na dicotomia oposição/cooperação (Garganta, 1997).

Para Castelo (2019) o jogo de futebol caracteriza-se em cinco dimensões: enquanto sistema aberto e finalístico, dinâmico, com auto-organização, complexo e múltiplo.

1) Enquanto sistema complexo resulta da interação interdependente do comportamento dos jogadores no contexto de uma dinâmica emergente, que cria e se recria, enformado e organizado pela dimensão estratégico-tática no sentido do projeto coletivo. O futebol enquanto complexidade pauta-se por momentos de ordem (equilíbrio) e a desordem (desequilíbrio), em que face à desordem o sistema tende a auto-organizar-se reagindo às emergências que o envolvem, resolvendo problemas e superando-se. Os comportamentos dos jogadores, descontínuos (em constante mudança e transitórios), complexos (dependentes de uma multiplicidade de fatores em interação) adaptativos (que exigem ajustamentos em face das intenções, ações e decisões do jogador e dos outros jogadores ao meio envolvente) são uma manifestação do jogo

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

(Castelo, 2009). Enquanto sistema dinâmico e da interação dos vários sistemas tende a auto-organizar-se.

2) Enquanto jogo com uma lógica individualizada e intransmissível, que se desenvolve num todo organizado e numa metodologia específica do treino;

3) Enquanto jogo de decisões/ações, em que as interações prevalecem sobre as ações, prevalece a autonomia sequencial perante a não linearidade, o inconsciente prevalece sobre o consciente, as totalidades coletivas prevalecem sobre o individual e treinar em qualidade prevalece sobre o saber treinar;

4) Enquanto jogo de personalidades e inteligências, em que os jogadores manifestam a sua personalidade e inteligibilidade na prestação segundo conceções de meios e de treino inteligíveis;

5) E, por fim, um jogo em constante mudança, enquanto jogo, na análise que se faz do jogo (Castelo, 2019).

Castelo distingue duas estruturas na caracterização do jogo de futebol, por um lado, a regulamentar que incide sobre as condições de confrontação individuais e colectivas e que se traduz na aproximação regulamentar que adequa as ações dos jogadores (neste contexto também Queiroz, 1983) – entendia os princípios de jogo como as regras a seguir) e, por outro lado, a funcional que incide sobre as relações técnico/táctica, ataque/defesa e cooperação/oposição (Castelo, 1996).

Segundo Garganta (2002) a essência do jogo assenta, principalmente, na relação de confrontação entre as duas equipas em questão e na relação de cooperação entre os jogadores da mesma equipa em função da aleatoriedade dos contextos. Os factores tácticos são considerados por alguns treinadores como elemento central da dimensão organizacional do jogo na prossecução do rendimento (Garganta, 1997), no entanto, todos os outros factores têm a sua importância relativa como meios para alcançar o rendimento desportivo (Barreira, 2006).

A cooperação é considerada um dos traços mais específicos dos desportos coletivos, em que cada jogador comunica em função dos objetivos comuns pré-definidos e de um “sistema de referência comum”, em que a atitude e a ação do jogador se devem direccionar no sentido desse referencial comum (Bayer, 1994).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O futebol é caracterizado pelos binómios ordem/desordem, estabilidade/instabilidade, equilíbrio/desequilíbrio e uniformidade/variabilidade (Castelo, 2009), o que ocorre de modo contínuo o que exige uma constante adaptação dos jogadores e da equipa às vicissitudes decorrentes do desenrolar do jogo e, acima de tudo, exige dos jogadores elevados índices de concentração e de coordenação para as fontes de informação disponíveis e mais importantes para decidirem e executarem as mais adequadas e eficientes ações técnico-táticas (Garganta, 2009).

A competição das duas equipas, dos vinte e dois jogadores em campo, incide na questão de saber quem introduz mais vezes a bola na baliza adversária e na garantia de que a equipa adversária não marca golos na baliza de quem defende (Castelo, 2009).

A maioria dos autores defende que atualmente o jogo é perspectivado principalmente pela vertente tática. Garganta entende que esse papel central da tática decorre do tipo e das relações de forças entre as equipas, das mudanças de contextos e características técnicas dos jogadores em permanentes e sistemáticas interações e relações (Garganta, 1998; Barreira, 2006).

Uma das características diferenciadoras do futebol como JDC é o número reduzido de golos em termos percentuais (1%) decorrentes de ataques (Dufour, 1992).

A vertente tática é atualmente o fator unificador entre outros. A dimensão tática é na atual conjuntura a dimensão aglutinadora do jogo de futebol (Queiroz, 1983; Oliveira, 2004).

Para Castelo (2019) a dimensão estratégico/tática é aquela que emerge das ações/decisões dos jogadores e das equipas como o ponto de conformidade da organização do jogo, além de que a tática é o elemento central que só se manifesta quando as equipas estão em contacto, pela interação das equipas, dos jogadores entre si e do jogador com o seu contexto (Castelo, 2019).

A tática entronca nos objetivos do jogo que está a decorrer (de curto prazo) e da competência em que se insere esse jogo (de médio e longo prazo), exprime-se por comportamentos manifestados, "...desenvolvidos por um processo decisional que pressupõe informação e conhecimento dos sujeitos da ação que se enfrentam, das condições em que se desenvolve o confronto da relação intrínseca com os objetivos e do carácter refletido dos planos e alternativas para a solução de problemas colocados"

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

(Teodorescu, 2003; Barreira, 2006), podendo a tática ser observada numa dimensão individual, coletiva e inter-equipa, estando influenciada por dimensões de carácter psíquico, condicional e de perícia motora (Garganta et al., 1996).

A unificação de uma equipa em termos táticos exige uma cultural organizacional específica e diferenciadora, uma linguagem comum assente em princípios fundadores de cumplicidade, união e uniformização, ou seja, uma conceção unitária (Castelo, 1994). Além disso, é importante estarem previstos os comportamentos táticos de um jogador, em função da posição e das circunstâncias do jogo (Teodorescu, 2003). Este conjunto de saberes era denominado por alguns autores como “saber em uso”, disponível para ser aplicado em função das situações do jogo, individual ou coletivamente (Malglaiive, 1990, citado por Gréhaigne, 2001).

O rendimento desportivo tem várias dimensões (tática, psicológico/social, energética funcional, técnica, antropométrica, entre outras) e interage com o acaso (sorte ou azar) e com as variáveis caóticas (obtenção de resultados de forma não planificada), resultando desta interação o resultado do jogo (Barreira, 2006).

A qualidade, a eficácia e a eficiência desta “organização racional do jogo” (Barreira, 2006) resulta da interação dos elementos da equipa em funções dos princípios da equipa e das atitudes exigidas em função deles.

Segundo Couture e Valcartier (2007) um sistema complexo caracteriza-se por um conjunto de componentes em interação, resultando daí uma dinâmica de padrões que operam no espaço e no tempo (padronização). A complexidade decorrente das várias variáveis existentes no jogo manifesta-se em interligações e em redes de comunicação entre os seus elementos (jogadores), tendo presente a mutação tendencialmente constante em cada equipa da relação das duas fases do jogo – o processo ofensivo e o processo defensivo - em função da posse de bola, sempre com o fito de marcar golos na equipa adversária e, simultaneamente, evitar que o adversário marque golos na nossa baliza (Castelo, 1996).

Importa ter presente que o jogo de futebol tem evoluído face às alterações decorrentes da “lógica do espaço“, da “lógica do tempo” e da “lógica da tarefa” (Barreira, 2006).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

A compreensão do jogo e dos seus elementos exige uma visão holística do jogo (Frade, 2015). A atividade dos jogadores durante o jogo é dividida por alguns autores (Mahlo, 1997) em: a) a perceção e análise da situação em função da bola, companheiros de equipa e dos adversários; b) a solução mental do problema em função dos objetivos táticos e estratégicos e ainda das restrições ou limitações de ação técnica ou capacidades físicas; c) e execução da solução motora do problema (Williams, 2000 citado por Falcão, 2014).

O futebol, como muitos outros desportos, depende do espaço e do tempo existentes, em que a tomada de decisão é exigida continuamente num ambiente de pressão imposto pelo adversário ao condicionar o espaço e o tempo existentes no momento da tomada de decisão, reduzindo a capacidade de perceber, de decidir e de executar em tempo útil em cada situação de jogo (Castelo, 2009), sendo a capacidade de pensar e de agir rapidamente um fator determinante para o sucesso (Tavares, 2003), pois a velocidade de processamento mental do jogador na obtenção de um raciocínio tático é condição básica para o jogador prever e antecipar a solução dos conflitos e constrangimentos do jogo (Falcão, 2014). A vertente cognitiva, numa perspetiva de “inteligência tática” é, cada vez mais, uma competência exigida ao jogador de futebol de alto rendimento face aos constrangimentos de espaço, de tempo, de tarefa (Barreira, 2006) e face às vicissitudes circunstanciais decorrentes do momento.

As transições como momentos do jogo (quer ofensiva, ou seja, defesa-ataque, quer defensiva, ou seja, ataque-defesa) ao lado dos momentos de organização (defensiva e ofensiva) ocorrem em situações de desequilíbrio decorrentes da perda/ganho da posse e que as transições são cruciais para o resultado dos jogos (Barreira, 2006; Castelo, 2019).

A transição ofensiva ocorre quando a equipa ganha a posse de bola (estando num momento anterior a equipa a defender e os jogadores eram defesas) e que após a recuperação de bola passam a ser atacantes (Barreira, 2006).

A ausência de equilíbrio na transição defensiva (quer da equipa quer do adversário) em consequência da desorganização decorrente da perda de bola pode ser um momento determinante na fixação do resultado do jogo.

Quanto à noção de centro de jogo segundo Castelo (1996) circunscreve-se à zona onde a bola se encontra num momento específico, dependendo a conduta dos jogadores

desse constrangimento, em que a sua delimitação dependeria da construção imaginária de um círculo para o definir, estando dentro do centro de jogo o que estivesse dentro círculo e fora do centro de jogo tudo o que estivesse fora (Castelo, 1996). Este conceito baseado num critério métrico, foi questionado Barreira (2006), pois argumentou que um jogador pode estar melhor posicionado e com maior capacidade de intervenção no jogo estando fora do centro do jogo, comparativamente com outro jogador colocado no centro do jogo, por um lado, e a utilização desse círculo pode limitar a observação de situações que estão fora desse delimitado campo de observação e, por isso, defende que deve ser a capacidade de intervenção e a função dos jogadores que deve determinar a definição do conceito de centro de jogo. Parece-me que o critério espacial e geométrico defendido por Castelo (2009) como instrumento de análise e categorização de determinados momentos em função da bola, um critério a seguir, sem prejuízo de existirem situações, como por exemplo, nas equipas de topo, as oito melhores equipas da liga dos campeões, há jogadores que permitem relativizar a importância do centro de jogo, pelo facto de pela sua qualidade técnico tática poderem causar desequilíbrios se a bola for colocada no espaço onde se encontram apesar de estarem fora do centro de jogo, seguindo, neste contexto, a posição defendida por Barreira (2006).

O futebol pode ser compreendido como um “sistema de sistemas” (Castelo, 1996; Garganta, 1997; Barreira, 2006) em que o jogo é um “todo integrado” que se manifesta nas relações entre as suas partes e, além disso, o jogo é um sistema total devido ao facto de a rutura de um dos seus elementos bloqueia quer esse elemento, quer o funcionamento geral do sistema que corporiza o jogo (Barreira, 2006). Por último, o futebol é um sistema dinâmico em que as equipas se identificam pelos seus padrões diferenciados e pela sua “variabilidade interindividual” (Barreira, 2006). Como salienta Barreira (2006), citando Garganta (2005) o essencial é compreender o “enredo do jogo” que se traduz mais no fluxo histórico do que com a conduta dos seus elementos, defendendo Garganta (2005) que o enredo se inclina mais para o processo do que para o resultado na medida que o jogo surge “das intersecções dos comportamentos condensadas na dinâmica auto-organizacional das equipas” (Barreira, 2006).

O estudo do jogo, quer no campo da investigação, quer na área no treino e da competição, tem sido efetuado, como nos ensina Garganta (1996) recorrendo a duas

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

ferramentas: a utilização da observação e análise (do treino e da competição) e da modelação (do treino e da competição).

Neste estudo o modelo de jogo vai ser uma ferramenta utilizada recorrendo à sua decomposição em momentos.

Neste capítulo não pode deixar de se referir que o jogo de futebol pode ser abordado por várias perspetivas.

Em finais do século XX e com necessidade de explicar o jogo e de descrever a estrutura do rendimento no futebol muitos autores questionavam a necessidade de sistematizar e descobrir métodos que permitissem organizar os conhecimentos do jogo à luz da complexidade e da dinâmica interativa das equipas de futebol, enquanto conjuntos ou totalidades (Garganta & Gréhaine 1999).

Na segunda década do século XXI o jogo de futebol caracteriza-se no incremento da velocidade das ações realizadas num espaço mais reduzido e efetivo de jogo, com grande densidade de jogadores, com consequentes reduzidos tempos de decisão, o que tende a aumentar em termos de complexidade e dificuldade. O Futebol é, acima de tudo, um jogo de decisões e interações, mais de interações do que ações porque estas dependem sempre daquelas (Castelo, 2019).

Quanto à observação das tendências evolutivas atuais do jogo podemos defini-lo com a seguinte natureza: imprevisibilidade, variabilidade, aleatoriedade, transitoriedade, padronização. Quanto à imprevisibilidade é impossível prever os resultados decorrentes das várias situações previsíveis que acontecem no jogo. No que se refere à variabilidade o jogo muda em função das várias situações mesmo que estas sejam previsíveis; quanto à aleatoriedade ela depende da imprevisibilidade e da variabilidade, quer haja ou não, posse de bola, bem como das interdependências e relações de cooperação e de oposição; quanto à transitoriedade, ela é visível quer nas transições de fase, quer nas transições internas exigidas pela padronização quer pela oposição. No que se refere à padronização, cada equipa e principalmente no alto rendimento tem comportamentos padronizados que consubstanciam os seus padrões de jogo, que resultam da definição da ideia de jogo, na definição do modelo de jogo e de treino e na repetição de comportamentos decorrentes das suas operacionalizações. A este respeito alguns estudos baseados na análise das relações interpessoais aferidas pelo método de análise

de redes num momento específico do jogo permitiram concluir que quanto maior forem as ligações existentes entre os jogadores na circulação de bola maior será a probabilidade de sucesso das equipas (Travassos, 2014).

Recorrendo à análise e observação da Liga dos Campeões 2018/2019, pode afirmar-se que 55% dos golos marcados ocorreram nas segundas partes dos jogos e especialmente entre os 51' e os 55'; 58% dos resultados finais são alcançados entre os 75' e os 90'; 20% das equipas que ganham vantagem nos primeiros 15' ganham o jogo; o futebol é um jogo de resultado reduzido e em 96% dos jogos houve golos; dos 1226 pontapés de canto, apenas 41 deram em golo (3,34%). O marcar primeiro é importante para atingir a vitória o que aconteceu em 73% dos jogos, e na fase de grupos 73% das equipas que marcaram primeiro não perderam (fonte: site da UEFA e Formação em 16/05/2020 com Jorge Castelo, não publicado).

Nos capítulos seguintes, em função dos objetivos propostos, e tende presente as ideias já defendidas por Teodorescu (2003) de que uma equipa é um sistema e que as ações dos jogadores decorrem da estrutura adotada segundo um modelo e princípios que lhe dão funcionalidade (Teodorescu, 2003), sendo esse sistema dinâmico enquanto capaz de autorregular-se em face das perturbações (Garganta, 1997; Castelo, 1998), vamos abordar ainda alguns conceitos como as fases do jogo, o modelo de jogo ou a ideia de jogo, os princípios de jogo (ofensivos e defensivos) e os métodos de jogo (ofensivos e defensivos).

2.1.1. As Fases do Jogo

As fases do jogo estão relacionadas com o objetivo do jogo de futebol, uma em sentido positivo - marcar golos (fase ofensiva) e outra em sentido negativo - impedir que a equipa adversária marque golos (fase defensiva) (Castelo, 2009). Como sublinha Garganta (2009), no futebol, ao contrário do que acontece com o basquetebol e no andebol, em regra, há uma supremacia da defesa sobre o ataque (Garganta, 2009).

Bayer (1994) no contexto do comportamento estratégico dos jogadores e partindo da distinção entre ter (ataque) e não ter (defesa) a posse de bola, criou princípios gerais do ataque (conservar a bola; progressão dos jogadores e da bola até à baliza e marcar golo na baliza adversária), em que os jogadores devem ajustar os seus comportamentos segundo vários elementos – posição da bola, espaços livres de qualquer ocupante, a

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

situação dos companheiros e o objetivo a alcançar - e de defesa (recuperar a bola, impedir a progressão dos jogadores e bola até à baliza; proteger a baliza e o seu campo).

Na fase defensiva a equipa não tem a posse de bola, tem o objetivo de impedir a finalização do adversário, de impedir a progressão da equipa adversária e de recuperar a posse de bola, o que exige uma boa organização (Castelo, 2009) e um bom posicionamento defensivo (Ferreira, citado por Amieiro, 2004). Para Jesualdo Ferreira “...defender bem é, em primeiro lugar, a equipa estar bem posicionada no momento em que tem a posse de bola, porque ao perdê-la, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente.” (Ferreira, citado por Amieiro, 2004) ou seja, a equipa deve estar organizada garantindo uma base defensiva sólida (Castelo, 2009), o que implica que a equipa ocupe determinados espaços, para recuperar rapidamente a bola enquanto ataca e para atacar eficiente e eficazmente quando recupera a posse de bola.

O processo defensivo de uma equipa depende do respeito pelos princípios da defesa (contenção, cobertura defensiva, equilíbrio e concentração) impedindo que a equipa adversária finalize, tentando recuperar a posse de bola.

No processo ofensivo, como vimos, o objetivo principal do jogo é marcar golos, no entanto, o futebol dentro das modalidades coletivas e comparativamente com o andebol ou como o basquetebol tem índices de eficácia muito baixos, quer numa perspetiva de golos marcados quer na proporção obtida entre os ataques e os golos marcados (Castelo, 1996). A eficácia do processo ofensivo depende tanto do conhecimento das situações que permitem decifrar o nível do processo ofensivo da equipa como daquelas que terminam com golo (Garganta, 1997). Além disso, as equipas que têm um jogo ofensivo eficiente e eficaz são aquelas que recuperam a posse de bola junto da baliza adversária e com uma rápida transição ofensiva (Castelo, 1996).

Atualmente a recuperação da posse de bola junto à baliza adversária e o seu treino tem muita importância para as equipas de topo na medida em que a equipa que tenta recuperar a posse tem muitos jogadores junto à zona de finalização sem elevados riscos para o equilíbrio defensivo, mas tal exige agressividade, coordenação, concentração na zona ofensiva (Festa, 2009).

Os jogadores cumprem tarefas defensivas e ofensivas, participam no processo defensivo e ofensivo, aliás, os jogadores que participam no processo defensivo devem

estar preparados para participar no processo ofensivo e há jogadores, defesas ou atacantes, apesar de terem uma tarefa principal, defender ou atacar, não devem deixar de complementarmente atacar e defender (Castelo, 1996).

Daqui decorre a ideia de modelo unitário do Jogo de futebol que é defendido Cerveira e Malavés citados por Barreira (2006) segundo o qual a equipa participa quer na defesa quer no ataque e que a incidência numa ou noutra fase depende da situação do jogo, mas que deve estar preparada para a transição que vai ocorrer quando recuperar ou perder a posse de bola conforme esteja a defender ou a atacar e, portanto, justifica-se criar condições e dinâmicas organizacionais para as transições.

2.1.2. Os Princípios do Jogo

O jogo de futebol decorre de uma interação entre dois planos, um mais imprevisível ligado à ação tática, à autonomia dos jogadores e outro mais previsível ligado mais às leis e aos princípios de jogo (Garganta, 1999). O que se pretende ao abordar os princípios é focar esse plano mais previsível e determinar em que medida a adoção de princípios determina ou influencia o que acontece nos vários momentos do jogo.

O Futebol é, no essencial, um jogo de valorações e de decisões tomadas numa dinâmica relacional coletiva, em que o desenvolvimento, coordenação e conjugação de ações racionais advêm do estabelecimento de princípios, regras e formas de interação entre os elementos, promotores da dinâmica grupal, quer no ataque, quer na defesa (Teodorescu, 2003). O Futebol é um jogo desportivo coletivo (JDC) que ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto, disputando objetivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando, em cada momento, ações contraditórias entre si (ataque/defesa), baseadas na dicotomia oposição/cooperação (Garganta, 1997).

No estudo dos desportos coletivos e no que toca ao *transfer* da aprendizagem entre as várias teorias (teoria associativista, fenómeno-estrutural) encontramos a teoria global iniciada em Judd e na atitude do lançador de flechas sobre um alvo imerso, que fazia alusão à teoria dos princípios gerais comuns aos desportos coletivos, em que seriam um meio orientador para o aluno/jogador poder encontrar situações-problema muito ricas cabendo ao treinador proporcionar a existência dessas situações, contribuindo para o envolvimento do aluno/jogador na compreensão e concretização dos princípios (Bayer,

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

1994). Por sua vez, a teoria fenómeno-estrutural complementa essa teoria de uma forma dinâmica e não estática ou rígida como admitia Gestalt (Bayer, 1994), pois essas estruturas ou princípios, auto-organizam-se assegurando a sua conservação e o seu equilíbrio, em que a atitude do sujeito é transformadora, no processo de selecionar, conduzir e perfeccionar e orientar a ação. A eficácia da aprendizagem depende do grau de capacidade de explicação da conceptualização dos princípios, dos métodos ou de outros fatores, da participação e da experiência adquirida na construção do futuro motor do atleta (Bayer, 1994).

O conhecimento dos princípios do jogo produz efeitos importante nos planos do ensino, do treino e no controlo das equipas e dos jogadores (Garganta, 1999).

No contexto dos princípios do jogo os autores distinguem os princípios gerais, os princípios fundamentais e os princípios operacionais, cujo critério diferenciador se prende com o facto de distinguirem ou não as duas fases do jogo (a fase ofensiva e a fase defensiva).

Os princípios gerais não distinguem as duas fases do jogo e são pensados em função do adversário, do espaço e do centro do jogo (o local onde a bola se encontra) e distinguem três objetivos: 1) não permitir a inferioridade numérica, 2) evitar a igualdade numérica e 3) procurar criar a superioridade numérica (Queiroz, 1983).

Os princípios fundamentais consubstanciam-se num conjunto de orientações de base que determinam as ações dos jogadores nas duas fases do jogo (ofensiva e defensiva) com o fito de alcançar desequilíbrios na organização da equipa adversária, estabilizar a organização da própria equipa e adequar as ações dos jogadores no centro do jogo, distinguindo os autores quatro princípios na fase defensiva: da contenção; da cobertura defensiva; do equilíbrio; e da concentração. Na fase ofensiva, quatro princípios: da penetração; da mobilidade; da cobertura ofensiva; do espaço (Queiroz, 1983; Castelo, 1999; Costa et al., 2009).

Quanto aos quatro princípios fundamentais da fase ofensiva têm em vista a condução da bola para zonas vitais do campo com vista à obtenção de golo (Castelo, 1996).

O princípio da penetração diz respeito às situações em que o portador da bola progride em relação à baliza adversária, com vista à desorganização da defesa

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

adversária, criando vantagens em termos numéricos e espaciais, permitindo o acesso a zonas que permitam a finalização (por exemplo dribles ou progressões).

O princípio da cobertura ofensiva traduz-se nas ações de aproximação dos colegas de equipa ao portador da bola, com vista a dar soluções ofensivas, através do passe ou por uma ação de penetração na defesa adversária. Os objetivos da cobertura ofensiva implicam a simplificação da ação a realizar pelo portador da bola, levando à diminuição da pressão dos adversários sobre o mesmo, a manutenção da posse de bola e, ainda, garantir o equilíbrio defensivo e uma reação rápida no caso de o portador da bola perder a sua posse. As ações referentes a este princípio dizem respeito às que têm em vista garantir linhas de passe, através de triangulações ou tabelas com o portador da bola, o que implica que o jogador se coloque no centro do jogo (Castelo, 1994).

O princípio da mobilidade diz respeito à iniciativa dos jogadores de ataque, sem a posse da bola, em procurarem posições para receber a bola, quer em movimentos de rutura quer em movimentos atrás da última linha de defesa adversária, criando espaço ao portador da bola, com o objetivo de criação de linhas de passe em profundidade e a rutura da estrutura defensiva do adversário, através de deslocamentos efetuados em função do portador da bola, impossibilitando ao adversário o cumprimento do princípio da cobertura defensiva e consequentes desequilíbrios defensivos (Worthington, 1974).

Todos os animais sentem necessidade de controlar um espaço vital que conservam ou somam a novos territórios, no futebol os jogadores vão partilhar esse espaço com os companheiros para competir com os adversários para a conquista de mais território, existindo espaços a conquistar e espaços ou situações a defender, cada manobra do jogador, do adversário e da bola altera todo o cenário e dá ao jogo uma perspetiva funcional e dinâmica que exige uma redefinição dos intervenientes do jogo no espaço (Bayer, 1994).

O princípio do espaço traduz-se, logo após à recuperação da posse de bola, na busca permanente dos jogadores, sem a posse da bola, por posicionamentos mais distantes do portador da bola, criando dificuldades defensivas à equipa adversária que, face à “ampliação transversal e/ou longitudinal do campo de jogo” (campo grande/campo pequeno), deverá optar por marcar um espaço vital de jogo ou o adversário (Worthington, 1974; Garganta, 2009) e em que o afastamento de alguns jogadores do

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

“centro de jogo” cria espaços para os seus colegas usufruírem de corredores livres em direção à baliza adversária ou a possibilitar a ocorrência de situações de 1X1, com vantagem para o jogador de ataque (Castelo, 1996). Importa ainda acrescentar que segundo Garganta “...o domínio das ações características desse princípio é fundamental para o sucesso no jogo, uma vez que o espaço condiciona o tempo de realização da ação e da tomada de decisão em função da configuração momentânea da partida. Assim, quanto mais espaço a equipa tiver para atacar, mais bem elaboradas poderão ser as suas respostas às exigências e demandas da situação. No jogo as ações do princípio do espaço podem ser percebidas quando os jogadores executam movimentações de dispersão, tanto na largura quanto na profundidade, buscando a ampliação do espaço de jogo efetivo...” (Garganta, 2009).

Quanto aos princípios fundamentais da defesa, estes auxiliam todos os jogadores a coordenarem as suas atitudes e os seus comportamentos técnico táticos numa lógica global de movimentação da equipa em função do método de defesa adotado, com vista a alcançar dois objetivos essenciais, a defesa da própria baliza e a recuperação da posse de bola (Worthington, 1974). Bayer afirmava que “...a defesa inicia-se durante o ataque...” no sentido de assegurar o equilíbrio ofensivo para a equipa reagir quando perder a posse de bola (Bayer, 1994).

O princípio da contenção traduz-se na oposição do defesa face ao portador da bola com vista a diminuir o espaço de ação ofensivo, limitando as possibilidades de passe, limitando o drible que permita a progressão da equipa adversária e a finalização (Castelo, 1996). Os objetivos deste princípio exigem uma marcação individual sobre o portador da bola, adiar a ação atacante do adversário, limitar as linhas de passe e evitar a finalização, a progressão no espaço defensivo e “a indução do jogo para um determinado lado do campo e o ganho de tempo para a organização defensiva de modo a aumentar a probabilidade de defender eficazmente e a recuperar a bola” (Garganta, 2009; Worthington, 1974).

O princípio da cobertura defensiva prende-se com as ações de apoio ao primeiro de defensor que está junto ao portador da bola, com vista a manter a marcação defensiva (será um novo obstáculo ao portador da bola caso este ultrapasse o outro defensor que está em contenção) e a não permitir o avanço do portador da bola até à baliza (Garganta,

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

2009). O jogador em cobertura defensiva deverá posicionar-se entre o jogador de contenção e a própria baliza, apoiando e garantindo segurança ao portador da bola (Garganta, 2009).

O princípio do equilíbrio assenta em duas ideias: na organização defensiva da equipa deverá existir superioridade numérica ou, pelo menos, a igualdade numérica de jogadores a defender no “centro de jogo” numa posição entre a bola e a baliza; no reajustamento do posicionamento defensivo em função das movimentações dos jogadores adversários (Garganta, 2009). O fim a alcançar prende-se com a estabilidade defensiva no “centro de jogo”, apoiando os jogadores da mesma equipa que executam a contenção e a cobertura defensiva (Castelo, 1996), que se pode manifestar na cobertura de espaços e de linhas de passe, na marcação de jogadores livres (Garganta, 2009).

Por fim, o princípio da concentração traduz-se na ideia de movimentação de jogadores para a zona de mais elevado risco para a baliza, com vista a proteger a defesa, reduzir o espaço à expressão ofensiva da equipa adversária no centro do jogo e de facilitar a posse de bola (Bangsbo & Petersen, 2002, citados por Garganta, 2009), anulando a existência de espaços livres entre os jogadores que executam a contenção, a cobertura e o equilíbrio defensivo e a última linha defensiva.

Os princípios operacionais traduzem segundo Bayer (Bayer, 1994, p.145), “... as operações necessárias para tratar uma ou várias categorias de situações”, e remetem para a distinção as duas fases do jogo, distinguindo os objetivos defensivos (anular as situações de finalização; recuperar a bola; impedir a progressão do adversário; proteger a baliza; reduzir o espaço de jogo do adversário), dos objetivos ofensivos (conservar a bola; construir ações ofensivas; progredir pelo campo de jogo adversário; criar situações de finalização; e finalizar na baliza adversária) (Costa et al., 2009).

Castelo segue uma classificação de princípios de jogo assente em três ideias nucleares: rutura da organização da equipa adversária, estabilidade da própria equipa e na intervenção do centro de Jogo (Castelo, 1996). Assim, a equipa deve manter a integridade da organização coletiva em função do centro de jogo e, simultaneamente criar ruturas nos elementos da equipa adversária no sentido de provocar o enfraquecimento da interação dos jogadores e da estrutura coletiva da equipa adversária (Castelo, 1996). Segundo Castelo (1996) o centro do jogo é onde se encontra a bola

num determinado instante, estando os jogadores constringidos em função do centro do jogo.

A respeito do modelo e dos princípios do jogo, Jesualdo Ferreira refere que o êxito desportivo das equipas depende do domínio dos princípios do jogo e da qualidade dos jogadores (Ferreira, 2005).

2.1.3. Os Métodos de Jogo

Castelo (2009) refere que “A natureza de qualquer método de jogo, no domínio ofensivo ou defensivo, deriva da coordenação unitária das ações dos jogadores da equipa, da divisão das tarefas táticas, compreensão unitária da atitude, da decisão e da ação, promoção de princípios diretores e orientadores, e rentabilização dos esforços de carácter físico dos jogadores” e que “cada missão tácita tem objetivos, tarefas, responsabilidades e espaços fundamentais da atuação bem estabelecidos” (Castelo, 2009).

Os métodos de jogo podem ser ofensivos ou defensivos.

Os métodos de jogo ofensivos (contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional) dependem dos seguintes pressupostos: equilíbrio ofensivo; velocidade de transição; relançamento do processo ofensivo; deslocamentos ofensivos em largura e em profundidade e circulação tática (Castelo, 1996, 2009; Sarmiento, 2012). Estes são os pressupostos que estarão presentes no processo decisional e nos comportamentos dos jogadores quando atacam nas mais variedades situações, circunstancialismos e constringimentos concretos.

Os métodos (formas de organização) do ataque visam essencialmente assegurar três objetivos fundamentais: criação de condições mais favoráveis, em termos de tempo, do espaço e de número, para a concretização dos objetivos do ataque ou dos objetivos táticos momentâneos da equipa, levando consequentemente, os adversários a errar; a continua instabilidade da organização da defesa adversária, em qualquer das fases do processo ofensivo; e, por último, a execução da maior parte das ações técnico-táticas individuais e coletivas, em direção à baliza adversária ou para as zonas vitais do terreno de jogo.” (Castelo, 1996).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O contra-ataque define-se como uma ação tática em que uma equipa, em tempo reduzido (inferior a 12 segundos) e num elevado ritmo de circulação de bola, procura chegar rapidamente à baliza adversária logo após ter recuperado a posse de bola e sem que a defesa adversária esteja defensivamente organizada (Garganta, 1997).

O Ataque rápido distingue-se do contra-ataque pelo facto de a defesa adversária já estar organizada, implica o número máximo de sete passes realizados e com uma duração até 18 segundos (Castelo, 2009; Sarmiento, 2012).

Por último, o ataque posicional, consiste num método de jogo ofensivo com uma fase de construção com maior duração (superior a 18''), mais lenta e mais elaborada, assentando em passes curtos, movimentos de rotura e coberturas ofensivas (Garganta, 1997). O ataque posicional que assenta na posse de bola, a defesa tem maiores probabilidades de não ser surpreendida com uma transição ofensiva do adversário e tem mais possibilidades de coordenar os seus deslocamentos defensivos (Hughes & Franks, 2005, citados por Falcão, 2014) e, por sua vez, aquelas equipas que têm mais posse de bola concretizada em várias sequências de passe são aquelas equipas que têm mais possibilidades de marcar golos (Castelo, 1996). Mourinho entende que a opção pelo ataque posicional e por maior posse de bola implica um bom posicionamento e tal só será alcançado com a adoção de um método defensivo de defesa à zona (Mourinho, citado por Falcão, 2014).

Os métodos de jogo podem ser defensivos (defesa individual, defesa à zona, defesa pressionante e defesa mista) e dependem dos seguintes pressupostos: equilíbrio defensivo; recuperação defensiva; concentração defensiva; organização da última linha defensiva; e articulação da última linha defensiva (Castelo, 1996, 2009).

A defesa homem a homem tem a desvantagem no que toca à transição ofensiva de os jogadores não estarem devidamente posicionados para a transição, até porque estão próximos dos adversários (Festa, 2009) o que favorece um jogo mais direto e em profundidade (Falcão, 2014). A este respeito, José Mourinho entende que uma equipa em organização defensiva se optar por defesa individual, terá de que ser sempre uma equipa de transição rápida quando conquista a posse face à necessidade de ter de esticar o jogo quando a conquista (Mourinho, citado por Falcão, 2014). Para Amieiro (2004), "...«defender homem-a-homem» ou «individualmente» não é pensar coletivamente o

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

jogo”. Aliás, não podemos deixar de concordar com Amieiro (2004) que defender à zona fomenta a identidade ao contrário da defesa homem a homem na medida em que, nesta a posição da equipa que defende não depende da sua própria organização mas sim do posicionamento da equipa adversária, que leva os jogadores adversários para os espaços para onde se movimentam (Amieiro, 2004).

A defesa pressionante traduz-se em pressionar a zona do portador da bola e caracteriza-se pela adoção de uma pressão rigorosa e agressiva ao portador da bola, independentemente onde ela se encontre, mantendo-se cada jogador na sua zona, mas desloca-se em função do centro de jogo para que ocorra concentração de jogadores no centro de jogo ou na zona onde se encontra a bola, o que equivale a abrir espaços onde não se encontra a bola. A organização defensiva oscila em função da circulação da bola em concentração. O jogador que pressiona o jogador da bola fará contenção, os restantes jogadores ao concentrarem-se também garantem a cobertura defensiva, o equilíbrio e a eliminação das linhas de passe.

A defesa à zona é uma forma de defender mais fluída, flexível, com uma estrutura mais flutuante e mais adaptada a transições ofensivas pois a repartição racional dos jogadores facilita a criação de linhas de passe e o primeiro passe, o que aumenta a probabilidade de se criarem “...várias linhas de passe em apoio e garantir algumas linhas de passe em rutura” (Garganta, 2004, citado por Amieiro, 2004), o que é reforçado por Jesualdo Ferreira ao referir que a defesa à zona fomenta um posicionamento e facilita a fase ofensiva (Ferreira, citado por Amieiro, 2004), acrescentando Mourinho que optando pela defesa à zona, quanto se parte para a transição ofensiva, as dinâmicas da equipa ocorrem em função do que é treinado, rotinado e aperfeiçoado no processo de treino (Mourinho citado por Amieiro, 2004). Amieiro defende que na organização zonal tem três pressupostos ou referências de posicionamento: os espaços (são a referência alvo de marcação), a localização da bola e a localização dos companheiros (Amieiro, 2004).

Para Amieiro a defesa à zona implica que:

“...quando se «defende à zona»: i) os espaços são a grande «referência-alvo» de «marcação»; ii) a grande preocupação é, por isso, «fechar como equipa» os espaços de jogo mais valiosos (os espaços próximos da bola), para assim condicionar a equipa

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

adversária; iii) a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros são as grandes «referências de posicionamento»; iv) cada jogador, de forma coordenada com os companheiros, deve fechar diferentes espaços, de acordo com a posição da bola; v) a existência permanente de um «sistema de coberturas sucessivas» é um aspeto vital, o qual é conseguido pelo escalonamento das diferentes linhas; vi) é importante pressionar o portador da bola para este se ver condicionado em termos de tempo e espaço para pensar e executar; vii) é a ocupação cuidada e inteligente dos espaços mais valiosos que permite, por arrastamento, «controlar» os adversários sem bola; e viii) qualquer «marcação próxima» a um adversário sem bola é sempre circunstancial e consequência dessa ocupação espacial racional “ (Amieiro, 2004).

Acrescenta Garganta

“...O que nos permite identificar uma zona não é uma fotografia, mas um filme, ou seja, algo dinâmico que nos dá a perceber se as movimentações ou a forma como os jogadores vão evoluindo no terreno são ou não coordenadas em função da posição da bola, da posição dos colegas e da posição dos adversários. Por exemplo, o facto de nós percebermos num jogo que uma equipa, quando perde a posse da bola, encurta os espaços de uma forma coordenada, harmónica, equilibrada, que executa movimentos de basculação de uma forma apropriada no sentido de encurtar os espaços entre linhas, que tem a preocupação de fazer sair um jogador para fazer a contenção, e que dá sequência através de imediatas coberturas e do reagrupamento da equipa, todos estes são indicadores macroscópicos importantes. É também um indicador relevante não ver jogadores a correrem atrás de indivíduos, como se lhes tivessem roubado a carteira. Outro indicador que tem a ver com a noção de zona, é precisamente o facto da equipa se revelar ativa a defender, mas simultaneamente o fazer com tranquilidade, com equilíbrio, com tempo para «digerir» a jogada. Se estivermos na presença de uma zona, na verdadeira aceção da palavra, é possível perceber um movimento global harmónico, desde o ponta-de-lança até ao guarda-redes” (Garganta citado por Amieiro, 2004).

A defesa mista é o método que, globalmente, sintetiza o método de defesa individual com o método de defesa à zona. A marcação além de abranger a zona acompanha o jogador com posse de bola até outra zona até haver compensação por outro colega ou o portador da bola se desfazer da bola.

Tendo presente que os princípios e os métodos de jogo têm sido ferramentas para ensinar e compreender o jogo em processo de treino ou em competição, vamos avançar para a operacionalização e para o processo de treino.

2.1.4. A Operacionalização da ideia de Jogo. O Processo de Treino.

A ideia de jogo, espelhada no modelo de jogo deve ser concretizada através de um modelo de treino que permita a passagem de um conjunto de mensagens essenciais para o surgimento dessa ideia de jogo, como um local privilegiado de aprendizagem dos princípios e das ações que compõem esse modelo de jogo nos vários momentos do jogo e que permitam aos jogadores tomarem decisões em função do modelo e da organização da equipa e, portanto, deverá ser no treino onde aprendem e simulam as situações que se pretende que ocorram no jogo, iniciando a rede comunicacional inter-relacional que dará lugar a um determinado modelo de jogo, diferenciado e genuíno. No entanto, tendo presente que o jogo de futebol é um sistema dinâmico complexo, com imprevisibilidade e incerteza em que as possibilidades de ação decorrem da riqueza do contexto e da interação de todos os fatores que influenciam o comportamento dos jogadores, essa ideia de jogo ou modelo de jogo decorre também da criatividade dos jogadores, decorrente da interação entre os vários fatores (Castelo, 2019).

O treino assenta e dois objetivos primários: em primeiro lugar, a obtenção de sucesso e a realização de desempenho desportivos nas competições desportivas e, em segundo lugar, a evolução contínua do desempenho desportivo segundo critérios individuais ou coletivos (Carl, 1992 citado por Garganta, 1997).

Os fatores do treino que são independentes entre si são os seguintes: físico, técnico, tático e psicológico (Bompa, 2007).

A teoria e a metodologia de treino são áreas complexas de investigação recente e multidisciplinar envolvendo os saberes de várias disciplinas psicologia, fisiologia, sociologia, biologia, entre outras (Castelo, 2019). Os conceitos de periodização (divisão do tempo de treino) planeamento (operações inerentes ao desenvolvimento da equipa) e programação (conceção de conteúdos temáticos de jogo) fazem parte da organização e da estrutura metodológica que com enfoque nos fatores estratégico/tático tentam alcançar o maior rendimento desportivo das equipas (Castelo, 2019).

Importa referir que nas equipas profissionais de futebol é ao treinador principal que cabe a liderança e a articulação de todas as variáveis que determinam os resultados, exercendo, entre outras, as seguintes funções essenciais: “Definição do modelo de jogo: Definição das opções estratégicas e táticas; Planeamento e execução dos treinos; Liderar o processo do plano de jogo: convocatória, equipa escolhida e substituições; Liderar o processo de análise frequente ao trabalho da equipa nos treinos e jogo; Supervisionar o trabalho de todos os elementos da equipa técnica; liderar o relacionamento com os jogadores. Saber dos seus objetivos individuais e como estes se interligam com a equipa” (Santos, F. & Pinheiro, V., 2020).

2.1.5. Os Modelos de Periodização do Treino

Há, pelo menos, três modelos de periodização que têm sido aplicados ao futebol: periodização convencional; periodização baseada no treino integrado e a chamada periodização tática criada por Vítor Frade (Castelo, 2019).

A periodização convencional (com origem na Europa de Leste e na América do Norte e Norte da Europa) defendida por Lev Matveiev nos anos cinquenta do século passado e proveniente do Leste da Europa, ao fazer uma sùmula dos conhecimentos sobre o treino e a competição, criou uma fundamentação teórica – o que se pode chamar de teoria clássica – que foi a base e a referência para o desenvolvimento do treino e do jogo. A sua teoria assentava na teoria da síndrome geral da adaptação de Hans Selye, e defendia três fases para atingir os níveis físicos ideais: preparação, competição e transição. Estas ideias foram pensadas para desportos individuais, mas foram aplicadas nos JDC em geral e no futebol em particular. Como acentua Carvalhal assentava essencialmente no fator físico em detrimento dos fatores técnico, tático e psicológico (Carvalhal, 2002).

Dentro desta periodização convencional, surge o modelo modelar em 1974 com Vorobjev que, além de criticar o modelo de Matveev defendia a utilização de cargas específicas de treino, pois só assim os atletas atingirão níveis de adaptação correspondentes ao esforço e às condições específicas da modalidade (Silva, 1998).

Além deste modelo modelar surge o chamado modelo pendular em 1976 com Arosjev que se traduziu num aprofundamento do modelo de Matveev, partindo de dois pressupostos: a capacidade de trabalho melhora quando há uma recuperação ativa com

uma atividade contrastante; e a capacidade de trabalho melhora quando há microciclos de regulação e de base que permitem que os organismos dos jogadores recuperem (Braz, 2006). Este mesmo autor referia no que toca à ideia de treino integrado que a técnica deveria ser entendida como algo ligado ao processo de jogo e interdependente da tática e das qualidades motoras (Teodorescu, 2003).

Nos anos oitenta surge a periodização defendida por Leon Teodorescu que cria um conjunto de conceitos e de princípios referentes ao treino de JDC, em que há uma ênfase na intensidade em prejuízo do volume e da densidade, dando origem à abordagem do jogo e à modelação de jogo e de exercícios (Carvalho, 2019).

A periodização baseada no treino integrado foi desenvolvida nos países latino-americanos entre os anos 80 e 90 do século passado e em contraposição com o carácter analítico da periodização convencional assentava na ideia de integrar todos os fatores do rendimento tático técnico, físico e psicológico numa dimensão única e global. Segundo Braz (2006) foi Bondarchuk na década de oitenta o primeiro a defender esta conceção. Esta é uma ideia sedimentada na atualidade, como mais ou menos adaptações, e é aquela que evita uma fragmentação dos fatores de rendimento e permite a existência de uma complexa interação dos jogadores (Castelo, 2019).

A periodização tática foi uma abordagem criada pelo professor Vítor Frade e defendida por muitos a partir dos finais do século XX, que assenta nos seguintes princípios: a) princípio das propensões que consiste em alcançar através da criação de um exercício contextualizado os princípios e os subprincípios do jogar da equipa. Consiste em modelar o exercício ao modelo pretendido, repetindo sistematicamente os comportamentos específicos pretendidos; b) o princípio da progressão complexa, consiste em colocar por prioridades os princípios e os subprincípios do modelo de jogo. Na primeira semana é dedicada de forma geral ao jogar da equipa e depois coloca-se por prioridades os princípios e os subprincípios do “nosso jogar”, com o objetivo de verificar a evolução desse jogar. Ao nível do morfociclo (microciclo padrão) consiste em ter em conta o controlo e a regulação da complexidade durante os treinos que compõem o morfociclo. Deve ter-se em conta o esforço/desempenho e a recuperação emocional e saber regular através da complexidade do exercício para que os jogadores estejam preparados (recuperados) para a competição; c) Princípio da alternância

horizontal em especificidade, consiste em treinar sempre em especificidade sem estar ao nível da especificidade. Treinar sempre o modelo de jogo da equipa, mas em diferentes níveis do jogar da equipa, tanto a nível de contração muscular, como na alternância entre princípios e subprincípios, de forma a respeitar a recuperação emocional, a recuperação esforço/desempenho (Tobar, 2013).

Podemos simplificar dizendo que há uma conceção moderna assente na dimensão tática ou estratégico/tática onde impera o princípio da especificidade naquilo que é a lógica interna do jogo de futebol e uma conceção convencional ou tradicional que surge na segunda metade do século XX e vai até aos finais desse século em que encontramos autores como Matveev, Hans Selvye passando por Teodorescu com o estudo da problemática dos jogos desportivos coletivos, entre outros, em que não havia uma integração de todos os fatores de rendimento desportivo.

Resta-nos fazer uma breve alusão à abordagem da Dinâmica Ecológica. Estudos recentes têm recorrido aos sistemas adaptativos complexos para estudar as equipas no desporto por se entender que elas manifestam semelhanças em relação ao comportamento grupal de outros sistemas animais, peixes, pássaros, entre outros, na medida em que os constrangimentos concretos fazem emergir comportamentos e uma auto-organização que podem servir para explicar como surgem os comportamentos no sistema coletivo (Davids et al., 2005; Araújo & Davids, 2016; Duarte et al., 2012; Ribeiro et al., 2019) e tendo presente que nos JDC as fontes de sinergia das relações surgem da interação dos jogadores, dos elementos individuais (Vilar et al., 2012). Esta teoria associada à Psicologia Ecológica de Gibson deu lugar à dinâmica ecológica (Davids, Araújo & Shuttleworth, 2005; Araújo & Davids, 2016; Vilar, Araújo, Davids, Button, 2012; Ribeiro, Davids, Araújo, Guilherme, Silva & Garganta, 2019). As equipas desportivas enquanto sistemas dependem da auto-organização individual dos jogadores (dimensão local) que cria outputs sem qualquer imposição da dimensão global e esta, por sua vez, através dos padrões táticos, por exemplo, cria outputs que não se reduzem aos componentes individuais (jogadores), no entanto, “os níveis de interação estão intrinsecamente conectados, dando origem a sistemas que exibem tendências de auto-organização local-para-global e global-para-local” (Riley et al., 2012, in Ribeiro et al., 2019), estabelecendo o sistema global e local (individual) uma relação de

causalidade não circular e não linear dado que se influenciam e modelam reciprocamente, seguindo tendências organizativas bidirecionais e não unidirecionais (Ribeiro et al., 2019). A dinâmica ecológica é uma estrutura integrada com algumas características: o processo de tomada de decisão ocorre pela perceção das possibilidades de ação (affordances); o comportamento emerge de tendências de auto-organização em vários subsistemas; as restrições de interação moldam esses comportamentos emergentes; e permite projetar oportunidades de ação ou recursos em cenários de aprendizagem pode orientar os indivíduos a usar ações para explorar as informações (Araújo et al., 2020), o treino deve ter como enfoque principal “as relações funcionais com o ambiente” e não a ideia ou modelo de jogo ou em processos de memorização/automatização, dado que a coordenação do jogador assenta na sua capacidade de se adaptar ao contexto e é esta capacidade de adaptação, de perceber informações em função dos objetivos que deve ser treinada. O que se reconduz à visão de Gibson – a perceção é ecológica e não reside no cérebro - em que o controlo da ação decorre do sistema individuo/ambiente e que a perícia dos jogadores apenas é revelada nas suas ações, numa tomada de decisão complexa e expressa por ações ecológicas, que consiste em “direcionar o curso das interações em direção a um objetivo” com vista alcançar decisões que emergem do “processo cíclico de procurar informação para agir e de agir para detetar mais informação” (Araújo, 2010, p. 69), ou seja, ambiente e agente são unidos no ato percetivo.

2.1.6. O Ato Tático, a Perceção e a Decisão.

O jogo de futebol é segundo Oliveira et al. (2006) um sistema dinâmico e complexo de causalidade não linear, em que a antecipação das ações futuras, condicionam as ações que as precedem, e são referentes às fases, momentos e etapas do jogo (Castelo, 2009). A complexidade do jogo acentua-se com a diversidade de reações dos jogadores em relação a situações semelhantes e perante diferentes adversários, resultando o carácter caótico do jogo da premente necessidade de os jogadores analisarem o momento presente e concreto, como sendo imprevisível e aleatório (Oliveira et al., 2006).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

A natureza imprevisível e aleatória do jogo de futebol enquanto JDC e enquanto sistema aberto e não linear, com um elevado número de jogadores, num espaço de jogo de grandes dimensões e, ainda da duração de jogo (no mínimo 90 minutos), exige dos jogadores uma elevada capacidade perceptiva e de visualização enquanto fonte de informação (Costa et al., 2002). A grande importância da componente tática no futebol para fazer face à maioria dos problemas do jogo – essencialmente de natureza tática - exige dos jogadores conhecimentos prévios, resultando a ação do jogador desse conhecimento e da percepção que tem no momento de atuar (Costa et al., 2002).

O desenvolvimento das capacidades perceptivas e intelectuais dos jogadores e a sua interação com outros fatores são determinantes sucesso nos jogos táticos (Costa, 2002).

Na literatura encontramos dois tipos de conhecimento tático, o conhecimento declarativo e o conhecimento processual, exigindo a especificidade do jogo um conhecimento das ações (declarativo) e um conhecimento de como fazer, de como utilizar as ações (processual) (Costa et al., 2002), sendo o conhecimento declarativo circunscrito a conhecimento das regras do jogo, posicionamentos e estratégias essenciais de defesa e ataque e o conhecimento processual referente às ações durante o jogo (Thomas, French & Humphriest citados por Costa et al., 2002).

Mahlo (1997) definia o ato tático em todas as atividades desportivas como sendo orientado, consciente, diferente dos outros atos e define-se como essência na sua função de, no cumprimento das regras em vigor, em resolver, em termos práticos, “um grande número de problemas postos pelas diversas situações de jogo”, implicando o desenvolvimento das qualidades físicas, a aquisição do “Savoir Faire” e de conhecimentos para a sua resolução (Mahlo, 1997, p.17). O pensamento no jogo, que se chama “pensamento tático” é uma componente essencial da ação tática. Mahlo, à semelhança de muitos autores, parte da psicologia cognitiva para estudar o treino da tática. Ele distinguia três fases principais da atividade dos jogadores durante o jogo; a) a percepção e análise da situação, b) a solução mental do problema; c) e a solução motora do problema. Referia ainda que as fases representavam uma sucessão de tentativas estreitamente correlacionadas, e a ação tática além de ciberneticamente representar um sistema de investigação para escolher a melhor solução entre várias possíveis, aperfeiçoa-se e resolve o problema. (Mahlo, 1997). Teodorescu, poucos anos depois,

entendia a tática como representação da “contribuição ativa do fator consciência” é uma forma de valorizar os jogadores condicionada pela “criação, através de ações coletivas e individuais, das condições e situações de jogo favoráveis” e pressupõe a existência de uma conceção de jogo em que a tática está condicionada pela preparação técnica e física, existindo uma relação dialética e recíproca entre técnica e tática, afirmando mesmo que o jogo desportivo se podia definir como a soma da técnica com o raciocínio tático (Teodorescu, 2003). O mesmo autor defendia que a eficácia da tática numa equipa dependia de duas características: acessibilidade (deve estar em conformidade com os níveis técnico, psíquico e físico dos jogadores); e elasticidade (garantia de adaptação às situações de jogo e capacidade de resolução dos problemas de forma criativa e segundo os interesses da equipa) (Teodorescu, 2003). Em sentido amplo, tática, segundo Teodorescu, é o conjunto das ações individuais e coletivas ao nível da preparação técnica, psíquica física e teórica, organizadas e coordenadas de modo unitário, com vista à sua aplicação prática e ao objetivo da vitória dentro dos limites das normas regulamentares e éticas e “com o objetivo de obtenção da vitória” (Teodorescu, 2003, p. 32). Em sentido mais restrito, mas não menos importante, Teodorescu definia a tática individual como fundamento da tática coletiva e “...representativa do conjunto de ações individuais utilizadas conscientemente por um jogador na luta com um ou mais adversários e em colaboração com os companheiros, com o objetivo de realização de missões de jogo, tanto no ataque como na defesa” (Teodorescu, 2003, p. 33). Ainda neste sentido mais restrito, define ação individual como “a escolha e aplicação consciente feita por um jogador, numa fase, do mais indicado complexo de procedimentos técnico-táticos, com o objetivo de realizar uma missão parcial do jogo” (Teodorescu, 2003, p. 33). Este mesmo autor referia no que toca à ideia de treino integrado que a técnica deveria ser entendida como algo ligado ao processo de jogo e interdependente da tática e das qualidades motoras (Teodorescu, 2003). Os jogadores devem perceber informação sobre a bola, companheiros de equipa e os seus adversários/opositores, antes de decidir qual a resposta apropriada para uma determinada situação de jogo, com base nos objetivos táticos e estratégicos bem como restrições ou limitações de ação técnica ou capacidades físicas (Williams, 1999). O conhecimento dos princípios do jogo produz efeitos importantes nos planos do ensino, do

treino e no controlo das equipas e dos jogadores (Garganta, 1999). Para Castelo (2019) “As decisões expressas em atos motores realizadas pelos elementos constituintes das duas equipas, durante o desenvolvimento do jogo de futebol, tendo propósitos estratégico/táticos...”, e dependem da realização das missões e dum plano prévio e, quanto às” ... ações realizadas suportam-se em capacidades percetivas de cada jogador, elegendo informações pertinentes no âmbito dos contextos situacionais que os envolvem em cada momento que o jogo proporciona. Logo, a eficácia dos comportamentos efetuados, sejam estes defensivos ou ofensivos, estão dependentes de informações e exploração do contexto situacional e, em simultâneo, do que o jogador tem capacidade técnica para executar” (Castelo, 2019). Muitos autores defendem a ideia de que no jogo de futebol nenhuma ação é igual à outra e que o sucesso da adaptação é determinante para o sucesso da ação (Garganta, 2009; Guia & Araújo, 2014).

2.1.7. O Modelo de Jogo

O modelo de jogo consiste na definição de um conjunto de referências necessárias para construir a organização dos processos ofensivos e defensivos da equipa, no que concerne aos princípios, aos métodos e aos sistemas de jogo (Queiroz, 1986; Bompa, 1994; Castelo, 1994).

Na criação de um modelo de jogo de uma equipa, deve-se ter em conta algumas variáveis que se interrelacionam, como sejam a conceção de jogo do treinador (Queiroz, 1983; Garganta, 1997; Castelo, 1998; Oliveira, 2004), as capacidades e as características dos jogadores (Castelo, 1996; Oliveira, 2003), os princípios de jogo, as organizações estruturais e a organização funcional (Oliveira, 2003). Consequentemente, o Modelo de Jogo deve desenvolver metodológica e sistematicamente um conjunto de ideias de como se quer jogar, onde necessariamente se define sucintamente as tarefas e os comportamentos tático-técnicos exigíveis aos jogadores (Queiroz, 1983).

O modelo é uma tentativa de apreender a realidade, uma construção teórica, que nunca consegue aglutinar o nível da complexidade da realidade e do jogo. É sempre uma visão parcelar e subjetiva da realidade e do jogo e há tantos modelos quantas tentativas de apreender a complexidade do jogo (Castelo, 2019).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

A criação do modelo de jogo deve decorrer da observação e sistematização das regularidades existente nas tendências atuais do jogo de futebol (Garganta, 2005).

O modelo de jogo consiste na definição de um conjunto de referências necessárias para construir a organização dos processos ofensivos e defensivos da equipa, no que concerne aos princípios, aos métodos e aos sistemas de jogo (Castelo, 1994) e é essa definição primeira do treinador (ideia/modelo de jogo) que permite aos jogadores apreenderem e agirem em todos os momentos do jogo em função das normas (princípios e regras) instituídos no início da época desportiva, sem deixar de ter em conta a autonomia dos jogadores na concretização desse modelo. O modelo de jogo é o ponto de conformidade que deve nortear toda atividade da equipa e dos jogadores desde o início e até ao fim da época desportiva, preponderante para regular o processo de treino-competição no sentido dos objetivos previamente aprovados (Garganta, 1997) e deve condicionar a organização da perceção e da ação dos jogadores (Garganta, 1998). O modelo de jogo é uma bussola ou um guião para orientar as decisões dos jogadores (Castelo, 2004).

O modelo de jogo é uma construção teórica que define e reproduz todo um sistema de relações estabelecidos pelos elementos que o constituem, com três finalidades e ou perspectivas: finalidade analítica que se traduz em compreender cada elemento individualmente considerado; finalidade estrutural que se traduz em estabelecer as variadas hipóteses de interdependência entre os vários elementos; e finalidade prospetiva, que se concretiza na previsão das modificações dos vários elementos em função das novas inter-relações (Jorge Castelo, Do Modelo de Jogo à Conceção de Métodos Específicos do Treino de Futebol. Não Publicado. Curso realizado em 20 de maio de 2020 – Sapianta Sports).

A planificação conceptual da equipa traduz-se no seu modelo de jogo, o qual resulta de uma análise organizacional da equipa (os seus valores e as suas intenções) no presente; pela ideia de jogo do treinador, na qual se incluem as tendências evolutivas do próprio jogo; pela planificação e pela gestão da equipa e, ainda, na escolha dos métodos para atingir os objetivos pretendidos (Castelo, 2009).

O modelo de jogo, além do contexto cultural e social e dos meios concretamente existentes que o influenciam, é constituído pela ideia de jogo do treinador, pelo modelo

de jogo adotado corporizado nos seus princípios, pela organização estrutural (sistema tático) e pela sua organização funcional (as suas dinâmicas e múltiplas relações), no entanto, é um processo inacabado que se transforma, a cada dia que passa.

O modelo de jogo tem sido pensado e concretizado a partir dos quatro momentos do jogo: Organização Defensiva, Transição Ofensiva, Organização ofensiva e Transição Defensiva (Oliveira, 2006). Entre os autores tem sido defendido que, apesar de uma ideia de continuidade entre os vários momentos, há vantagens em analisar o jogo em momentos distintos entre si, no entanto, na operacionalização em treino os momentos devem estar todos presentes. A propósito Quinta (2005) refere que “Não existe ataque e defesa, mas sim ataque-defesa-ataque-defesa...isto é, existe uma relação contínua entre esses dois momentos e a nossa preocupação deverá ser também a preocupação entre eles (transições). Guilherme Oliveira defende que a separação do jogo e dos seus momentos deve ser evidente em termos teóricos e metodológicos como meio orientador e facilitador da análise da estruturação e organização do treino e nos jogos,. o que não deve ser evidente na prática (Oliveira, 2006).

Outros autores optam por um modelo de organização segundo duas fases, a fase ofensiva e fase defensiva (Teodorescu, 1984; e Barreira, 2006). Garganta e Barreira (2006) optam por esse modelo de organização, distinguindo Barreira, os conceitos de Transição Estado e Transição indireta ou estática, consoante a posse de bola resulte de uma recuperação de bola, ou não (Barreira, 2006).

A definição do modelo de jogo passa por definir em cada momento de jogo, macro princípios, princípios, subprincípios e todas as ações dos jogadores a realizar no jogo de uma forma coordenada, articulada, coerente e fluída, o que exige a uma definição clara de um modelo de treino e de jogador para concretizar esse modelo.

2.1.7.1. Os Momentos do Jogo

O modelo de jogo tem sido decomposto pelos autores em quatro momentos: organização ofensiva; transição defensiva; organização defensiva e transição ofensiva. Há quem acrescente os esquemas estáticos, as “bolas paradas”, cantos, livres e lançamentos de linha lateral, bem como pontapés de grande penalidade e de baliza.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

A organização ofensiva abarca todos os comportamentos que a equipa assume quando recupera ou tem a posse de bola, com o fito de preparar e criar situações ofensivas com vista a marcar golo. Nas palavras de Vítor Frade “O que é difícil na equipa do Barcelona não é só os “gajos” que têm a bola, é os “gajos” constantemente estarem a criar possibilidades para o que tem a bola ter a quem entregar. Portanto, quem tem a bola não está acelerado! Pode até estar mentalmente, mas os outros é que se movem” (Frade, in Tobar, 2013).

A transição defensiva começa quando se perde a posse de bola e traduz-se naquilo que acontece em breves segundos após a equipa ter perdido a posse bola, enquanto a organização ofensiva começa quando a equipa ganha a posse de bola, depois de passar o momento da transição ofensiva e até ao momento em que a perde. José Mourinho considera mesmo a transição defensiva como um momento decisivo, tal como Carlos Queiroz que refere que “...qualquer equipa que na fase de transição tem problemas, é imediatamente dominada pela outra equipa. Tem um prejuízo de efeitos psicológicos trágicos” (Mourinho, 2003; Queiroz, 2006). A equipa que acabou de perder a posse de bola deve fechar as linhas de passe, fechando os espaços perto do centro de jogo e do jogador que recuperou a posse de bola, com vista a impedir a transição ofensiva do adversário e permitir à equipa recuperar o equilíbrio defensivo (Garganta, 1997).

A organização defensiva é aquele momento do jogo em que a equipa não tem a posse de bola, ou seja, quando a equipa se encontra no seu processo defensivo e tenta impedir que a equipa adversária prepare o seu processo ofensivo e obtenha golo (Oliveira, 2006).

A transição ofensiva começa quando se recupera a posse de bola e traduz-se naquilo que acontece em breves segundos após a recuperação da bola, a recuperação da posse de bola é, por sua vez, o primeiro momento da posse de bola coincide com o início da fase ofensiva (Garganta, 1997).

Os esquemas táticos vulgarmente denominados “bolas paradas” são todas aquelas situações em que, em conformidade com as leis do jogo, o jogo é interrompido, por duas causas: ou porque a bola saiu do espaço regulamentar do jogo, provocando o pontapé de canto ou de baliza, lançamento de linha lateral, ou porque foi cometida uma infração dando origem a pontapés de livre diretos ou indiretos e a grandes penalidades

(Castelo, 2019). A importância deste momento decorre do facto de traduzirem entre 25% a 50% das situações de finalização e de criação das situações de finalização, sendo mais determinantes naquelas situações em que as equipas têm um equipamento desportivo equilibrado e onde há maior equilíbrio (Castelo, 2019).

2.2. A Organização Defensiva

A organização defensiva é aquele momento do jogo em que a equipa não tem a posse de bola, ou seja, quando a equipa se encontra no seu processo defensivo e tenta impedir que a equipa adversária prepare o seu processo ofensivo e obtenha golo (Oliveira, 2006).

Para Castelo a organização defensiva deve garantir:

“a) a constante estabilidade da organização da defesa (...); b) “criar constantes condições desfavoráveis aos atacantes, em termos de tempo, espaço e número nas situações momentâneas de jogo, para a concretização dos objectivos do processo defensivo”; e b) “direccionar os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores adversários para fora dos caminhos da baliza, ou seja, levá-los para espaços de jogo menos perigosos” (Castelo, 1996), e que permitam recuperar rapidamente a bola (Amieiro, 2004).

Amieiro ao debruçar-se sobre a organização defensiva refere

“No que toca à organização defensiva, só se conseguirá que esta seja verdadeiramente colectiva se as acções táctico-técnicas a empreender por cada um dos onze jogadores forem perspectivadas em função de uma ideia comum. Isto é, respeitando um referencial coletivo, as tarefas individuais dos jogadores terão de se relacionar e regular entre si. Só assim o «todo» (a equipa a defender) será maior que a soma das «partes» que o constituem (os comportamentos táctico-técnicos de cada jogador)” (Amieiro, 2004).

Uma das tendências evolutivas atuais no momento de organização defensiva é a adoção do método de jogo defesa à zona (Amieiro, 2004) e o encurtamento das linhas defensivas no que toca à disposição da equipa em comprimento e amplitude ocupando as equipas em média 36,8 metros de largura e 33,8 em profundidade, o que revela que as equipas no processo defensivo tendem a reduzir mais do que proporcionalmente a

profundidade do que a amplitude, apesar de a profundidade, em regra, duplicar a amplitude (Castellano & Alvaréz, 2013) tendo presente que o campo de futebol segundo a primeira das Leis de jogo tem de comprimento 90 a 120 m (competições nacionais) ou 100 a 110 m (competições internacionais) e de largura 45 a 90 m (competições nacionais) e 64 a 75 m (competições internacionais), o que resultou de um estudo realizado junto de equipas espanholas de elite, tendo os mesmos autores chegado também à conclusão que as equipas em média, tinham a linha defensiva a 33 metros da sua baliza (Castellano, 2013). Estes comportamentos revelam a utilização de linhas muito próximas e blocos compactos no momento da organização defensiva.

2.3. A Transição Ofensiva

O estudo das transições no futebol tem particular importância na medida em que são momentos em que há mais probabilidades, em regra, de ambas as equipas estarem desequilibradas e são propícios para as equipas marcarem ou sofrerem golos. As transições estão diretamente ligadas à posse de bola, pois são aqueles momentos de jogo imediatamente após a perda (transição defensiva) ou após o ganho (transição ofensiva) de posse de bola. Para Valdano, mais do que atacar ou defender é importante transitar entre as fases (defesa e ataque), as equipas devem ter a capacidade de fazê-lo de forma rápida, forte e equilibrada (Valdano, 2001). O domínio das transições é uma variável que permite qualificar as equipas de qualidade (Sousa, 2005).

Há uma ideia que, que acresce àquilo que foi dito acerca do jogo de futebol que é a ideia de reversibilidade do movimento geral da equipa (em profundidade e em largura) quando perde a bola ou quando ganha a bola que é extensível a outros jogos desportivos coletivos, que implica uma resposta coletiva, uma reorganização segundo quadros de referência coletivos de que todos os jogadores, em regra, têm conhecimento (Gréhaigne & Godbout, 2012).

Aliás, atualmente a maioria dos golos ocorrem dos esquemas táticos e das transições (Carvalho, 2002; Mourinho, 2005). Segundo Miguel Leal (Amieiro, 2004) “...as equipas que dominam estas *nuances* do jogo normalmente são as equipas mais inteligentes e são aquelas que têm uma ideia coletiva, ideia essa que, mediante o contexto e sem anular a criatividade individual dos jogadores, permite que estes possam

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

ter referências coletivas que lhes facilitem o jogo, em cada momento do mesmo” e “...o jogo é feito de ataque, de defesa, de transições e, cada vez mais, as equipas que melhor dominam estes momentos do jogo – as transições – são as que, mais facilmente, dominam o jogo. Penso que tudo está interligado e, para mim, o ataque não tem sentido se não se preparar o momento em que a equipa vai procurar rapidamente conquistar a bola (...)”. “Muito sinceramente, estou em crer que, hoje em dia, as equipas que melhor dominam as transições, são as que conseguem ganhar mais vezes” (Leal citado por Amieiro 2004). Segundo Mourinho “...no futebol de hoje, os dois momentos mais importantes do jogo são o momento em que se perde a bola e o momento em que se ganha a bola” (Amieiro 2004) e o equilíbrio defensivo mantido durante a fase do ataque é um fator determinante para qualificar a qualidade do processo das equipas (Mourinho, 2002; Queiroz, 2006). E acrescenta Mourinho:

“Estou cada vez mais convencido de que o momento chave para se defender bem e para se poder fazer a zona pressionante é o momento da perda da posse de bola, porque aquilo que se vê claramente é que, seja com marcação homem-a-homem (...), com marcação mista, com zona ou com zona baixa, são raras as equipas que sofrem golos quando estão bem posicionadas sob o ponto de vista defensivo. A maior parte dos golos e das situações de risco acontece em situações de transição e, se assim é, penso que o momento da perda da posse de bola é o momento crítico na organização defensiva”... “Para mim, se calhar, defender bem é uma mistura de «pouco», em termos de quantidade de tempo, mesclado com o momento da perda da posse de bola, os segundos imediatos à perda da posse de bola”(Amieiro, 2004) e que “quando se possui a bola, também tem que se pensar defensivamente o jogo, da mesma forma que, quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também tem que se estar a pensar o jogo de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a posse de bola”(Amieiro, 2004).

O conceito de transição tem sido enquadrado pelos autores a três macroestruturas: espaço, tempo e tarefa (Garganta, 1997; Barreira, 2006), sem descuidar aspetos como a dependência da eficácia da transição do seu treino, a interação e inter-relação entre sistema de jogo e transição, da relação entre o sucesso da transição e a inteligência tática de cada jogador e que a sua efetivação estará dependente da estrutura defensiva

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

adversária (Barreira, 2006). A estas macro-estruturas deve ser acrescentada a tomada de decisão. Em face dos vários constrangimentos nem sempre o jogador dispõe de tempo para pensar, no entanto, tem de decidir, tem de tomar uma decisão, o que exige exploração do contexto do jogo (ação tática), capacidade percetiva informada pela potencial funcionalidade do comportamento escolhido pelo jogador (Travassos, 2014).

A superestrutura espaço influencia a superestrutura tempo, na medida em que a existência de espaço permite ter mais tempo para decidir melhor. Além disso a ocupação desse espaço dependerá da fase de jogo ataque/defesa em que a equipa se encontra num determinado momento, pois a perda da posse de bola implica uma distribuição racional do espaço que se traduz em tornar o campo pequeno ao fechar os espaços perto da bola, reduzir os espaços entre os jogadores para conseguir retirar fluidez ao jogo (Garganta, 2005). Por sua vez, ao ganhar a posse de bola e com vista a atribuir fluidez ao jogo há que tornar o campo grande, aumentar os espaços entre os jogadores e haver mais preocupação em dar linhas de passe ao portador da bola.

Em face do posicionamento defensivo e conseqüente redução e limitação do espaço da equipa que defende, a equipa que ataca e tem a posse de bola e ao atacar sente constrangimentos nessa tarefa decorrentes da redução de espaço criada pela equipa que defende. Estes constrangimentos na tarefa serão ultrapassados pela equipa que ataca em função do modelo de jogo e tudo o que isso implica e os objetivos da equipa num determinado momento.

A superestrutura tempo é um elemento que impõe constrangimentos ao espaço e à realização de tarefas, podendo ser entendido como um fator regulamentar no que se refere à duração total do jogo ou para medir a participação dos jogadores no jogo, a duração da posse de bola, permitindo ainda, entre outras, aferir as dinâmicas de uma equipa e que métodos de jogo adota quando ataca e quando defende (Barreira, 2006).

Para Quinta (Amieiro, 2004) o no que se refere aos momentos das transições “tem a ver com a equipa estar a atacar, mas, ao mesmo tempo, estar organizada, estar equilibrada, para se perder a bola, rapidamente a voltar a recuperar. Para que isso seja possível, o fundamental é o posicionamento dos jogadores. Quando a minha equipa está a atacar, quero que todos os jogadores participem no processo ofensivo, porém, participar no processo ofensivo também é ajustar comportamentos e posições no sentido

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

de manter a equipa equilibrada. E equilibrada para quê? Para que seja capaz de rapidamente recuperar a bola quando a perder” (Quinta citado por Amieiro, 2004).

A transição ofensiva começa quando se recupera a posse de bola e traduz-se naquilo que acontece em breves segundos após a recuperação da bola, a recuperação da posse de bola é, por sua vez, o primeiro momento da posse de bola coincide com o início da fase ofensiva (Garganta, 1997).

Recentemente a doutrina diverge quanto ao momento da transição, entendendo uns que ela começa quando se recupera a bola e equipa actua coordenada e coletivamente até ao momento em que a equipa adversária entra em equilíbrio e outros entendem que é no momento que se recupera a bola (Carvalho, 2012, citado por Falcão, 2014).

Há autores que consideram que a velocidade da transição ofensiva é um pressuposto essencial para qualquer um dos métodos de jogo ofensivo (contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional) (Castelo, 2009).

Para Oliveira (2006) o momento da transição ofensiva caracteriza-se pelos comportamentos que a equipa deve ter durante os segundos decorridos após a recuperação da posse de bola.

Jesualdo Ferreira refere que “defender bem é, em primeiro lugar, a equipa estar bem posicionada no momento que tem a posse de bola. Esta é a primeira fase. Porquê? Porque ao perdê-la, se a equipa estiver bem posicionada, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente, para poder de novo atacar. Isto significa que as equipas que defendem melhor numa perspetiva ofensiva (e este poderá ser um conceito diferente, um conceito novo), têm mais condições para atacar mais vezes [«defender bem» para atacar melhor!]. Atacando mais vezes têm, naturalmente, mais condições de sucesso”. “Portanto, na minha opinião, existe um conjunto de mecanismos defensivos que se devem começar a articular no momento em que a equipa ganha a posse de bola e entra no processo ofensivo” (Ferreira citado por Amieiro, 2004).

Fernandez (2003) entende que o «momento ofensivo» começa antes de se ter a bola e que o «momento defensivo» começa antes de a ter perdido e, por isso, defende que é uma questão central “não perder a ocupação racional do terreno de jogo” para “estar em condições de atacar e defender em qualquer instante...” e “...ocupar espaços vitais do jogo”.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Os autores nos últimos anos no que toca quer ao processo defensivo quer ao processo ofensivo têm através de metodologias, principalmente, de cariz quantitativo, identificar padrões quer no processo defensivo, quer no processo ofensivo que directa ou indirectamente analisaram e estudaram o mesmo objecto desta investigação (Barreira, 2006; Laranjeira, 2009; Sarmiento, 2013), no entanto, no presente estudo o que se pretende é compreender que situações, problemas, comportamentos e factos, se relacionam com os dois momentos (organização defensiva/ transição ofensiva e aqueles que são analisados e tratados no momento da organização defensiva, mas que já dizem respeito a algo que vai ocorrer no momento da transição ofensiva.

Castelo (2009) refere que há que responder às seguintes questões: quem, onde e como a equipa vai fazer a transição ofensiva?

Para Jorge Castelo responder às questões quem, onde e como a equipa transita de uma fase para outra é um tema importante (Castelo, 2009) quer na construção do modelo e na estrutura funcional da própria equipa, quer para a análise do adversário numa perspetiva estratégica. A resposta a estas questões de saber quem, como e onde recebe o primeiro passe (curto ou longo) após a recuperação da bola é preponderante para conhecer o jogar da equipa adversária (Castelo, 2009). A opção por passe curto ou passe longo pode estar dependente do número de jogadores que se encontram no centro de jogo, se a concentração ou a pressão for reduzida pode optar-se por passe curto e a concentração de jogadores não for reduzida pode optar-se por passe longo, e a opção por passe curto ou passe longo exige uma maior ou menor número de passes (Malta et al., 2014)

O que se vai fazer após recuperar a posse de bola depende segundo Carvalhal de “...em primeira instância das ideias do treinador (da forma como treina para jogar) e dos respectivos princípios de jogo inerentes à ideia de jogo; do local onde se conquista a bola; muitas vezes condicionado pela gestão do jogo (resultado, tempo de jogo, cansaço)”(Carvalhal, 2012).

Nas palavras de Jesualdo Ferreira “...ganhará sempre mais vezes aquela que for capaz de ser mais rápida a responder aos momentos em que se ganha ou se perde a posse de bola”, “...As equipas terríveis são aquelas que diminuem o tempo entre o ganhar a bola e atacar e entre o perder a bola e defender. É aqui que está o segredo do

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

jogo atual. É esta a principal diferença entre as pequenas e as grandes equipas...” (Amieiro, 2004).

Para Carvalho (Amieiro, 2004) “No fundo, o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender [se não contemplar um equilíbrio defensivo no ataque] e ninguém consegue atacar bem se, a defender, a equipa não estiver preparada para atacar [se não contemplar um equilíbrio ofensivo na defesa]. Os equilíbrios são importantíssimos. Estar com a equipa permanentemente equilibrada é meio caminho andado para se poder ganhar” (Amieiro, 2004).

Quer no futebol quer nos jogos desportivos coletivos há uma ligação muito estreita entre tempo e velocidade. A velocidade abrange um conjunto de dimensões: velocidade de perceção, de antecipação, de decisão, de reação (a motora e a cíclica), de ação e de intervenção (Barreira, 2006), falando alguns autores de velocidade técnico-tática (Garganta, 2001), o que implica do jogar uma leitura dos circunstancialismos do momento, das consequências dessa ação em função da velocidade com vista a alcançar uma execução no lugar (espaço) e no momento (tempo) ideal para obter êxitos.

Há uma relação direta entre a redução do espaço e a redução do tempo para executar a tarefa e entre o aumento do espaço e o aumento do tempo para executar a tarefa, sendo o jogo de futebol “uma luta incessante pelo espaço e pelo tempo” (Garganta, 1997).

A macroestrutura tarefa traduz-se nas ações desenvolvidas pelos jogadores nos vários momentos do jogo em face dos constrangimentos decorrentes do espaço e do tempo, no entanto, a eficácia e a eficiência na execução da tarefa também determinam o espaço e o tempo disponível (Garganta, 1997). Sendo o futebol um jogo onde impera o binómio cooperação/oposição, a organização dos jogadores ocorre em função das escolhas táticas e das formas de execução de cada equipa tendo presente os seguintes papéis fundamentais: portador da bola; companheiro do portador da bola; adversário do portador da bola; adversário do jogador atacante não portador da bola (Garganta, 1997).

Além destas três macroestruturas e da sua inter-relação, bem como da tomada de decisão, surge uma variável que é a organização coletiva, que se enquadra naquilo que hoje se chama de padronização nas tendências atuais do jogo de futebol (Barreira, 2006; Castelo, 2020). É através da modelação de uma ideia de jogo que surge uma determinada organização, a essencialidade dessa modelação tático-técnica já era

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

defendia por Queiroz (Queiroz,1986), modelação que descreve as várias tarefas e comportamentos nos vários momentos do jogo e face à complexidade do jogo, onde os jogadores adequam as suas ações àquilo que consubstancia a organização da equipa plasmada previamente no modelo de jogo ou, mesmo que assim não aconteça, o jogador decida no caso concreto inspirado nesse modelo.

Valdano referindo-se ao Ajax referia que ali se conhece o passe de pé para pé que se traduz num andamento coletivo lento e da celeridade que decorre de um passe para o espaço, que sem mobilidade não há toque e que sem a conservação de determinadas posições no campo também não (Soares, 2009). Para Mourinho (2003) são variáveis importantes para se manter a posse de bola: uma grande cultura tática e técnica; um bom jogo posicional dos jogadores; grande capacidade de uso indistinto das duas pernas; boa leitura de jogo; bom primeiro toque; bom controlo de bola; boa qualidade de passe. A verificação destas variáveis permite garantir a velocidade de circulação da bola e consequente desorganização da equipa adversária (Mourinho, 2002) Por sua vez, a forma e o tipo de circulação de bola dependem do modelo de jogo adoptado pela equipa em concreto (Barreto, 2003). Quer Mourinho, quer Cruyff (Soares, 2009) entendem que ter um bom posicionamento implica que certas posições estejam sempre ocupadas, acrescentando Soares que tal posicionamento garante linhas de passe aos jogadores em mobilidade e a manutenção de posse de bola reforçando o equilíbrio defensivo quando a equipa ataca (Soares, 2009).

Os autores têm defendido que para determinar padrões comportamentais de observação e análise das equipas durante a fase ofensiva são importantes quer a localização de onde se recuperou a bola quer as acções que foram levadas a efeito para a recuperação (Pollard et al., 1988 citados por Santos et al., 2015).

A qualidade da transição ofensiva “...está intimamente ligada relacionada com a qualidade do primeiro passe após recuperação de bola, a partir daqui, normalmente define-se a forma como depois entras no outro momento do jogo, que é obviamente a organização ofensiva.” (Carvalho, 2012).

A velocidade de transição, traduzida na rapidez alcançada entre a recuperação da posse de bola e a chegada a zonas de finalização é um dos pressupostos para qualquer método ofensivo (Castelo, 2003 e 2009).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

A eficácia da transição ofensiva exige “jogar com segurança, utilizar a segunda vaga de ataque e criar instabilidade na equipa adversária em ordem à objectivação de uma progressão e finalização eficazes, com o intuito da organização defensiva adversária, não ter o tempo suficiente para se posicionar rapidamente “ (Castelo, 2009).

O objetivo primeiro da transição ofensiva é o aproveitamento da desorganização posicional da equipa adversária e na possibilidade de progredir em relação à baliza, criando rapidamente situações de golo, o que exige bons passes, boa circulação de bola, qualidade técnica dos jogadores e controlo do tempo (Queiroz, 2003). Mas, pode resumir-se a garantir a posse de bola para entrar em ataque posicional se for esse o método ofensivo adotado pelo modelo de jogo da equipa ou, por razões circunstanciais e ou em função do resultado há interesse em manter a posse de bola.

Importa referir que 99% das situações de transição são realizadas com um número de passes entre 1 e 4 (Garganta, 2002 e Travassos, 2014).

Avançamos agora para as relações entre estes dois momentos: organização defensiva e transição ofensiva.

2.4. As relações entre transição ofensiva e organização defensiva

A evolução da ciência em geral e das ciências do desporto em particular, numa perspetiva epistemológica sofreram a grande influência do pensamento cartesiano de há 3 séculos até ao presente, que defendia que a realidade deve ser fragmentada, tanto quanto possível, para ser estudada com vista a alcançar a objetividade e a verdade científica descontaminadas das cargas subjetivas (Capra, 2009). Os conhecimentos decorrentes do princípio da relatividade e na física quântica vieram provar que tudo se relaciona e que não pode ser visto sem estar conxionado com o todo (Capra, 2009). Esta ideia de unidade e de globalidade em que as partes não podem ser estudadas sem essa noção do global ao invés do entender de Descartes que conhecer significa “dividir cada uma das dificuldades ... em tantas parcelas quanto for possível e requerido para melhor resolver” (Descartes, 1984), aplica-se às transições como dois momentos que fazem parte do modelo de jogo, que têm de ser entendidas como parte do todo, pois só esse entendimento tem presente a importância das interações dos jogadores na construção específica de um jogar.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Castelo refere que “Em consonância com a teoria do caos (definida como uma ordem e uma desordem) e dos sistemas dinâmicos (caracterizados por um conjunto complexo de agentes interagindo), em certas fases de evolução de um sistema com carácter aberto, este é particularmente sensível a variações. Logo, uma pequena mudança que aconteça nessas fases, pode assumir no futuro mais ou menos imediato, proporções gigantescas, isto é um micro facto pode provocar uma macro consequência” (Castelo, 2019).

No entanto, dada a “complexidade pluri-dimensional” e a inerente imprevisibilidade do jogo de futebol cada ocorrência pode mudar o curso do jogo (Castelo, 2019) ”.

Segundo Castelo (2019) no futebol atual vive-se da emergência traduzida na seguinte ideia: “ataca-se preparando para defender e defende-se preparando para atacar” (Castelo, 2019), ou seja, uma equipa, quer tenha a posse de bola, quer não tenha a sua posse, ataca e defende em simultâneo, quando os jogadores têm a posse de bola e atacam (organização ofensiva ou transição ofensiva), estão posicionados, orientados e preparados para defender (transição defensiva, organização defensiva), ocupando espaços e marcando adversários para responder à transição ofensiva do adversário. E, para aquilo que interessa ao objeto de estudo, quando a equipa não tem a posse de bola e defende (organização defensiva e transição defensiva), tem de estar posicionada e preparada para desenvolver eficazmente a transição ofensiva/organização ofensiva “atacar rapidamente os espaços vitais à progressão da bola “, evitando a reorganização da equipa adversária (Castelo, 2019).

Vítor Frade concebe o jogo como um todo contínuo e fluido e não há uma a separação estanque entre os vários momentos do jogo, o que é qualificado como a “inteireza inquebentrável do jogo” em que as partes só ganham importância pensadas como fazendo parte do todo (Amieiro, 2004). Para Garganta o jogo é um fluxo contínuo não é faseado e tem de ser construído (Garganta, 2004, citado por Soares, 2009). Para Camacho os jogadores têm de participar nos vários momentos do jogo, têm de defender e de atacar, porque saber jogar é saber o que fazer nesses momentos (Camacho 2003, citado Soares, 2009).

A transição ofensiva (defesa-ataque) tem de ter uma relação estreita com o momento da organização defensiva, tal como a transição defensiva tem uma relação estreita com a organização ofensiva (Ferreirinha, 2008).

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O jogo de futebol desenvolve-se em função de: estados transitórios dos seus momentos/fases; estados de estabilidade dinâmica entre previsível (ordem/equilíbrio) e imprevisível (desordem/desequilíbrio); e estados de transição ataque/defesa e defesa/ataque (Castelo,2019); estabilidade dinâmica, onde a regularidade e a previsibilidade alternam com a imprevisibilidade e consequentes desequilíbrios e desordem organizacional; e momentos de transição ataque/defesa e defesa/ataque e esquemas táticos com vista a concretizar ou evitar o golo (Castelo, 2019).

Para Soares há uma grande preocupação em equilibrar ofensivamente a equipa quando se defende (e vice-versa), porque desse equilíbrio depende a eficácia da mudança do momento de organização defensiva para o momento da transição ofensiva e, por isso, conclui que o jogo está ligado nos seus momentos, é contínuo, não fraccionado e necessita de grande fluidez entre eles e só assim se alcança os objetivos do jogo (Soares, 2009).

As equipas organizadas revelam “interdependência e concordância” entre os métodos defensivos e ofensivos, na medida em que os pressupostos táticos de uns não podem pôr em causa a existência dos outros, ou seja, exige-se uma “flexibilidade estratégico/tática suficiente para transitar” de um momento para outro momento, de uma fase para outra fase (Castelo, 2019), aliás, a solução ideal é que um método de jogo num momento ou fase de jogo potencie o surgimento de outro método no outro momento ou fase (Castelo, 2019). Além disso, na vertente de competição, a equipa deve ajustar o comportamento dos seus jogadores no momento que defende aos comportamentos dos jogadores adversários quando atacam e, além disso, preparar o momento em que recupera a bola e vai transitar ofensivamente adequando esta transição (ofensiva) ao modo como o adversário se comporta quando perde a posse de bola (transição defensiva).

Castelo refere que a organização/desorganização da defesa adversária influencia também o método de ataque que a equipa que recupera a bola vai adotar, ficando em ataque posicional quando a defesa adversária está organizada e em contra-ataque ou ataque rápido quando a defesa está desorganizada (Castelo, 2019).

Resta apresentar umas breves conclusões.

Conclusões da Revisão da Literatura

O pensamento cartesiano deixou de ser a referência do pensamento da ciência em geral na perspetiva que só estudando as partes até onde elas se podem decompor é que alcançamos a objetividade e a verdade científica. Este pensamento não tem em conta aquilo que é a visão sistémica dos sistemas dinâmicos e complexos em que a interação e a conexão entre as partes é determinante para compreender e conhecer a realidade. Vítor Frade sempre chamou a atenção para esta ideia basilar de pensar o jogo de futebol. E tal ideia é aprofundada pela abordagem ecológica do jogo de futebol (Araújo, 2010).

Segundo Castelo, no futebol atual vive-se da emergência traduzida na seguinte ideia: “ataca-se preparando para defender e defende-se preparando para atacar” (Castelo, 2019).

A transição ofensiva (defesa-ataque) tem de ter uma relação estreita com o momento da organização defensiva, tal como a transição defensiva tem uma relação estreita com a organização ofensiva (Ferreirinha, 2008).

Há factos para os autores que são determinantes para a relação que se estabelece entre organização defensiva e transição ofensiva, em concreto, a dimensão da equipa em termos económicos, a sua cultura, a qualidade dos jogadores das duas equipas, a relação interdependente e qualitativa entre treino e jogo/competição. Acresce ainda que são reconhecidas uma interdependência e concordância entre os princípios do ataque e da defesa, os métodos defensivos e ofensivos e os momentos de organização defensiva e transição ofensiva.

A eficácia da transição ofensiva não ocorre de um mero acaso, mas sim de um elevado grau de regularidade e probabilidade, de padrões preestabelecidos, em que o contra-ataque e o ataque rápido são os mais eficazes, o que implica uma sequência curta de passes e, preferencialmente, a utilização de passe longo, além de que as ações de condução de bola e de drible apesar de implicarem risco essas ações aplicadas no contexto certo e em função do coletivo são as ações mais eficazes (Barreira, 2006).

A transição ofensiva varia em função de várias situações: do lugar onde é recuperada a bola, o posicionamento da equipa adversária e da própria equipa, do modelo de jogo da própria equipa, dos métodos ofensivos e defensivos da equipa; da organização

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

defensiva da equipa adversária; do método de jogo ofensivo do adversário; dos métodos defensivos do adversário; e da qualidade técnica dos jogadores das duas equipas.

Além disso, a problemática decorrente da complexidade, imprevisibilidade e interdependência das variáveis, dos momentos, das equipas e da emergência de atacar preparando a defesa e vice-versa levanta desafios que a metodologia do treino e a teoria do futebol tenta encontrar respostas científicas aos problemas e aos objetivos levantados. A adoção de determinados conceitos como “centro de jogo” em que não tem em conta o posicionamento de um jogador tecnicamente evoluído é algo a rever e a alterar.

Quanto às ações/comportamentos os autores entendem que uma sequência de passes e preferencialmente a adoção do passe longo são ações preponderantes para a eficácia da transição ofensiva. As ações de condução de bola e de drible, apesar do risco inerente, são as mais eficazes para a transição ofensiva se forem realizadas em função do coletivo (Barreira, 2006).

O princípio do equilíbrio defensivo é considerado o mais importante nessa relação e a ideia de equilíbrio e de um bom posicionamento quando se ataca parece ser para os peritos uma ideia basilar (Mourinho, 2004, Carvalhal, 2002, Ferreira 2004, Leal,2004). Para Carvalhal (Amieiro, 2004) “No fundo, o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender [se não contemplar um equilíbrio defensivo no ataque] e ninguém consegue atacar bem se, a defender, a equipa não estiver preparada para atacar [se não contemplar um equilíbrio ofensivo na defesa]. Os equilíbrios são importantíssimos. Estar com a equipa permanentemente equilibrada é meio caminho andado para se poder ganhar” (Amieiro, 2004).

Assim, depois de terminar o capítulo que diz respeito à revisão da literatura, avançamos, agora, para a exposição da metodologia a que recorreremos nesta investigação.

3 – Metodologia

3 – Metodologia

O propósito desta investigação é compreender as relações entre dois momentos do modelo de jogo - organização defensiva e transição ofensiva - ao nível da conceção e da operacionalização, tendo presente a importância que os momentos de transição e sua preparação têm no futebol atual, tendo-se adotado uma metodologia exclusivamente qualitativa.

O que fundamentou o recurso exclusivo a uma metodologia qualitativa baseou-se na ideia de que “...As metodologias de investigação qualitativa que visam, mais do que a explicação, a compreensão, alicerçam-se nos estudos de profundidade. Tratam-se de metodologias de carácter intensivo por oposição a uma abordagem extensiva...” (Rosado, Mesquita & Colaço, 2012, p. 9) “... A pesquisa qualitativa examina contextos humanos e sociais, procurando conhecer factores que possam permitir a sua compreensão e dar significado a essas situações, valorizando a produção de conhecimento também como resultado de trabalhos locais e, portanto, situado e contextualizado, possibilitando, mais, genericamente, enfrentar problemáticas que só com estas abordagens podem ter respostas” (Rosado, Mesquita & Colaço, 2012, p. 26), o que é facilitado pelo recurso a uma metodologia indutiva (do particular para o geral) ao invés das metodologias quantitativas que se parte do geral para o particular (Rosado, 2012). Em suma, a metodologia qualitativa faculta uma análise profunda, detalhada e mais referenciada a contextos locais identificáveis (Rosado, Mesquita & Colaço, 2012).

A investigação apresentada, como se disse, é de carácter qualitativo e englobou a recolha de informação, através de entrevista semiestruturada a sete treinadores de futebol, tendo sido atribuída a cada um, uma numeração para melhor compreensão dos resultados.

Para análise interpretação e integração da informação foram elaboradas sete categorias distintas, agrupando as diferentes respostas dos treinadores pelos subtemas, realçando a pertinência de cada um no âmbito deste estudo face às questões centrais do mesmo, ou seja, uma abordagem que tem em vista fundamentalmente conhecer as relações entre aqueles momentos do jogo mencionados e, em concreto, as ações e os comportamentos adoptados no momento da organização defensiva que já dizem respeito à transição ofensiva.

Entre os vários métodos de investigação qualitativa, esta investigação enquadra-se na fenomenologia (Rosado, Mesquita & Colaço, 2012) em que a compreensão da realidade do objeto de estudo decorre da consciência humana e não de outra fonte, isto é, como os entrevistados definem a realidade, em função das suas experiências de vida e o significado que dão à realidade (Rosado, et al., 2012).

Em suma, é uma investigação de carácter qualitativo e fenomenológico, em que se recorreu a entrevistas cuja análise assentou na técnica de análise de conteúdo com vista a alcançar os objetivos propostos e a compreender o fenómeno. Esta metodologia permite estudar aprofundadamente o tema e essa também foi uma das razões da escolha da mesma.

3.1. Participantes

Participaram no presente estudo sete treinadores portugueses profissionais de futebol (n=7), com idades compreendidas entre os 33 e os 50 anos, detentores do Grau 4 / UEFA Pro de treinador de futebol.

O recrutamento dos interessados foi efetuado diretamente através das redes sociais e de um anterior contacto, até atingir um número satisfatório de entrevistados de acordo com o previamente previsto.

Estes participantes acabam por ser uma amostra de conveniência na medida em que só foi possível chegar a estes treinadores e não a outros, apesar de ter sido uma decisão inicial o não recorrer a treinadores com experiências anteriores em entrevistas. Entendemos que um universo maior de treinadores daria à amostra uma consistência científica mais significativa, mas sempre esteve presente a ideia de entrevistar treinadores num intervalo de 5 a 10, por se entender que nesse intervalo podia ser encontrado o momento da saturação teórica (Morrow, 2005).

3.2. Instrumentos e procedimentos

A recolha de informação, como se disse, assentou numa metodologia exclusivamente qualitativa nos moldes acima mencionados com recurso à técnica da análise de conteúdo.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Na sequência da revisão de literatura foram formuladas 11 perguntas abertas com vista a dar alguma liberdade da resposta, no entanto, manifestadas de modo a circunscrever a objetivação das respostas aos objetivos deste estudo.

O recurso a entrevistas semi-diretivas, também denominadas com plano, com guia, com grelha ou semiestruturadas (Bardin, 2019) em que a entrevista foi realizada com base num guião de perguntas previamente elaborado, mas a existência de perguntas abertas com intenções prévias exploratórias permitiu aos entrevistados desenvolver ideias, aumentar a interação pela informalidade e a estimular respostas espontâneas, estabelecendo ligações com outras ideias importantes e detalhes sobre o objeto de estudo.

Imediatamente após a revisão da literatura, tendo presente a revisão efetuada e os objetivos do estudo foi elaborado um guião de entrevista. Num primeiro momento houve a preocupação de estruturar o guião em blocos temáticos em consonância com o que tinha ocorrido na revisão de literatura. Num segundo momento, foram colocadas algumas questões concretas para responder a objetivos específicos em que as perguntas tinham carácter mais fechado ou menos aberto. A validação do guião ocorreu no âmbito de uma apresentação de um trabalho com alunos/colegas de curso de mestrado, pelo comentário apresentado por eles e sugestões de correção e, acima de tudo, por um perito reconhecido no meio académico, um professor da disciplina de metodologia de investigação científica, ao pronunciar-se sobre um guião de entrevista não validado sobre um tema muito semelhante ao tratado neste estudo, o que permitiu corrigir e validar um guião de entrevista que teve em vista as críticas e as sugestões apresentadas, tendo havido uma testagem do guião da entrevista com entrevistados no âmbito de outra investigação, já com o guião corrigido. Esse guião foi construído, validado e concebido sempre com a possibilidade de, pontualmente, o entrevistador colocar questões conexas e concretas sobre o tema em discussão, pois há matérias concretas cuja existência não pode ser perspectivada à partida, por isso termos aderido a entrevistas semi-estruturadas.

A existência de duas perguntas semelhantes foi algo que, assumido à partida como um meio de aprofundar os temas, tentando obter respostas detalhadas e profundas sobre as questões.

Os resultados foram obtidos através de realização de 7 entrevistas (com duração entre 30 e 90 minutos), obtidas por meios eletrónicos (com imagem e som) em período de confinamento (entre 30 de março e 31 de maio de 2020), onde foi assegurada a confidencialidade e anonimato, tendo sido solicitada a sua gravação e a respetiva autorização. No momento da realização das entrevistas apenas se encontravam presentes o entrevistador e o entrevistado (tendo presente a realidade observada). As entrevistas foram realizadas num só dia, cada uma em dias diferentes, nunca havendo a necessidade de agendamento de nova data para continuação da mesma. As entrevistas foram gravadas recorrendo à plataforma *zoom* e posteriormente transcritas, seguidas de várias leituras dos áudios e várias leituras das entrevistas transcritas.

Os dados foram manipulados e armazenados com vista a garantir o anonimato dos participantes.

3.3. Análise dos dados

Após a realização das entrevistas e das suas transcrições efetuadas apenas pelo autor desta investigação, as mesmas foram entregues aos entrevistados, tendo um deles procedido a validação e correções.

3.3.1. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo, enquanto técnica, consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto de forma a verificar (análise de verificação) ou desvendar (análise de exploração) uma determinada factualidade (Azevedo, 2004). A escolha desta metodologia deve-se ao facto da mesma permitir estudar em profundidade os temas em discussão na dissertação, ao invés do que acontece com outras metodologias.

A análise de conteúdo decorreu em conformidade com os procedimentos sugeridos por especialistas em metodologia da investigação qualitativa e da análise do conteúdo, em que se obedeceu aos princípios e etapas prescritas (Bardin, 2019).

Num primeiro momento procedeu-se à transcrição das entrevistas. Seguidamente, efectuou-se uma primeira leitura e análise cuidada (com vista a obter uma ideia global, acrescida de mais duas leituras, com vista a identificar significados e a coerência nas respostas, com o objectivo último de alcançar uma interpretação lógica e semântica do

conteúdo das respostas. Em terceiro lugar, houve um agrupamento dos temas específicos com resultados semelhantes em perspetivas gerais (procedimentos por caixas (Bardin, 2019).

3.3.1. A Criação e a Definição das Categorias

A categorização, segundo Laurence Bardin, traduz-se na criação de classes ou rubricas sob um título genérico, assim organizadas em função dos elementos diferenciados que as compõem (Bardin, 2019). O critério de categorização adoptado foi o semântico que é aquele que assenta numa categoria temática, em detrimento dos critérios sintáctico, léxico expressivo (Bardin, 2019). Além disso, as categorias foram criadas previamente aos elementos (procedimento por “caixas”, segundo Bardin) e não decorrentes da classificação analógica e progressiva dos seus elementos em que a identificação das categorias apenas é efectuado no final da operação (Bardin, 2019).

Houve o objetivo de criar um conjunto de categorias que possuísse as seguintes qualidades (Bardin, 2019): Exclusão mútua (cada elemento não pode existir em mais de uma divisão); homogeneidade (numa mesma categoria há uma dimensão de análise); pertinência (há um enquadramento entre a categoria e os dados tratados); objetividade e fidelidade (os dados são codificados da mesma maneira mesmo que estejam sujeitos a várias análises) e produtividade (resultados férteis em índices de referência, questões novas e em dados exatos).

Neste contexto e tendo presente os objetivos da investigação foi criado um sistema de categorias formado pelas seguintes seis: 1) Interdependência dos momentos do jogo; 2) Preocupação e cuidados com a transição ofensiva; 3) Operacionalização da transição ofensiva 4) Métodos de jogo defensivos e sua relação com a transição ofensiva; 5) Métodos de jogo ofensivos e sua influência na transição ofensiva 6) Os Sistemas táticos e a sua relação com a transição ofensiva.

Quanto à definição das referidas categorias, podemos dizer, em primeiro lugar, “**a interdependência dos momentos do jogo**” é uma categoria que permite perceber como o treinador concebe a ideia de jogo e que relação se estabelece entre os vários momentos do seu modelo de jogo, permitindo situar o pensamento do treinador face às várias concepções que existem sobre as tendências atuais do jogo de futebol.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Quanto à segunda categoria “**preocupação e cuidados com a transição ofensiva**” são efeitos da conceção de transição ofensiva de cada treinador e o que se pretende com esta categoria é saber que conceção tem de transição ofensiva e seus contornos.

No que se refere à terceira categoria “**operacionalização da transição ofensiva**” está mais ligada com o treino da transição ofensiva e em saber como e em condições é treinada (preparada, simulada) a conceção teórica de transição ofensiva. Enquanto a segunda dimensão está ligada ao pensamento dos treinadores sobre o objeto da investigação esta terceira dimensão está ligada à operacionalização que os treinadores fazem desse pensamento, concretamente através do treino.

No que toca à quarta categoria “**métodos de jogo defensivos e transição ofensiva**” o que se pretende saber é se os treinadores estabelecem e como estabelecem a articulação entre a sua ideia de transição ofensiva e os vários métodos de jogo defensivo.

Quanto à quinta categoria “**métodos de jogo ofensivo e transição ofensiva**” o que se pretende saber é se os treinadores estabelecem e como estabelecem a articulação entre a sua ideia de transição ofensiva e os vários métodos de jogo ofensivo.

A sexta categoria, e última, “**Sistemas tático e a sua relação com a transição ofensiva**” o que se pretende saber e compreender como os treinadores articulam ao sistema estrutural da equipa e o momento em que a equipa em organização defensiva recupera a bola.

Por fim, os resultados foram analisados tendo presente essas dimensões gerais, com vista a extrair as conclusões mais relevantes.

TABELA EXPLICATIVA DAS SEIS (6) CATEGORIAS

CATEGORIAS	Conteúdo e significado
1- Interdependência dos momentos do jogo.	1- As relações que se estabelecem entre os vários momentos do jogo.
1- Preocupação e cuidados com a transição ofensiva.	2- Qual é a importância do momento da transição ofensiva na ideia de jogo do treinador.
2- Operacionalização da transição	3- Como os entrevistados treinam a

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

ofensiva.	transição ofensiva.
3- Métodos de Jogo defensivos e sua relação com a transição ofensiva.	4- Saber se os treinadores estabelecem e como estabelecem a articulação entre a ideia de transição ofensiva e os vários métodos de jogo defensivos.
4- Métodos de Jogo ofensivos e sua relação com a transição ofensiva.	5 - Saber se os treinadores estabelecem e como estabelecem a articulação entre a ideia de transição ofensiva e os vários métodos de jogo ofensivos.
5- Sistemas táticos e sua relação com a transição ofensiva.	6- Saber como os treinadores articulam o sistema estrutural da equipa e o momento em que a equipa está em organização defensiva e recupera a posse de bola.

3.4. Limitação na Recolha de Dados

A deficiente qualidade da internet, em fase pandémica, impediu o aproveitamento de mais duas entrevistas na medida em que parte delas ficaram inutilizadas e com cortes, não permitindo a sua transcrição. Tendo presente que a possibilidade de chegar a determinados peritos apenas ocorreu por motivos excepcionais, em plena pandemia e em confinamento social, os pedidos para repetir as entrevistas não foram possíveis devido à indisponibilidade dos entrevistados.

Após a enunciação da perspetiva metodológica desta investigação avançamos para o momento de apresentação dos resultados.

4 – Apresentação dos Resultados

4 – Apresentação dos Resultados

Neste capítulo vamos apresentar os resultados do conteúdo das entrevistas já categorizado e distribuído nas respetivas categorias.

Categorias	Respostas
<p>(Interdependência dos momentos do jogo)</p>	<p>T1 “Claramente, que não. Eu vejo o jogo como um círculo temporal e esta é uma ideia muito clara na minha cabeça. O jogo é um círculo temporal, ou seja, imaginando que nós temos a bola estamos em organização ofensiva, o tempo vai andando, nós perdemos a bola passamos para a transição defensiva, organização defensiva, ganhamos a bola transição ofensiva, organização ofensiva, portanto, isto anda sempre à volta de um círculo temporal, onde cada momento do jogo está, obviamente, ligado ao momento seguinte. Se queremos que o momento seguinte seja feito de uma determinada forma o momento anterior tem de ser preparado para que essa forma aconteça. É fácil perceber esta ideia do círculo temporal.”</p> <p>T2 “Não, ou melhor, há ligeiramente, pelo menos, na minha forma de trabalhar há ligeiramente e quanto mais as camadas são jovens mais essa separação existe, porque a capacidade cognitiva não é tão desenvolvida num miúdo de dez anos do que um miúdo de 19 e, portanto, nós queremos que num primeiro contacto com as nossas ideias, eu, pelo menos, tenho feito assim ao longo dos tempos, começo sempre do menos para o mais, em termos de complexidade e, portanto, muitas</p>

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>das vezes, se eu estou a trabalhar um certo e determinado momento, nos primeiros passos desse ensino, esse momento é passado de forma isolada, ou seja, por exemplo, num momento defensivo no alinhamento do trabalho de uma linha defensiva, em termos de posicionamentos eu trabalho sem oposição num primeiro momento, eu quero que eles tenham, em primeiro lugar, a ideia daquilo que nós queremos, dos posicionamentos, dos detalhes dos apoios, de tudo o que é inerente ao trabalho de uma linha defensiva, posicionamentos fora da área, dentro da área em função do espaço, da bola dos colegas, isso é passado para que a ideia seja adquirida de forma mais rápida, sem que haja uma dispersão que possa causar oposição ou criar complexidade, depois quando começamos a aumentar a complexidade, começamos a dar passes em frente e começamos acrescentar coisas que tornem a compreensão, ou comecem a manifestar o primeiro momento da compreensão, saber se a parte aquisitiva correu bem, se agora a partir de aqui estamos a adquirir conhecimento, que eles já adquiriram, portanto, depois no segundo e no terceiro momento, começamos a desenvolver já exercícios sem oposição, e já proximidade com aquilo que é o jogo, por exemplo um trabalho com linha defensiva em que eu colo adversários e obviamente colando adversários colo o momento da parte da conquista da bola da parte de quem está a defender e do momento a seguir que é o da transição ofensiva, seja colocar a bola em duas balizas pequenas, seja passar uma linha com a bola controlada mas já começo a ligar os momentos do jogo e, posso ligar a</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>transição defensiva de quem estava a atacar e perdeu a bola, portanto, num primeiro momento de complexidade micro não, a partir daí da parte aquisitiva, a partir daí, sim, começamos a testar com graus de complexidade, nada melhor que trabalhar o jogo, esse sim, nos vários momentos a um nível de complexidade macro. Com jogadores mais velhos já não é tanto assim, porque isso já depende do conhecimento deles, do nível de desenvolvimento deles enquanto jogadores e se nós entendermos passar um momento isolado de complexidade muito baixa podemos estar a perder tempo porque eles já dominam essas situações, aí sim, nós já começamos a criar complexidades, com oposições e com ligação de momentos, essa é a parte ideal do que eu acho que se deve fazer quando tu queres operacionalizar o teu modelo de jogo, os momentos já têm lógica se tiverem interligados entre todos, por isso é que é o jogo e se os cortas o jogo perde algum sentido, quando estás a treinar seniores e treinas uma linha defensiva ou se treinas um ataque contra defesa e quando o ataque perde a bola, um oito contra sete mais GR, se quando os sete estão a defender ganham a bola e tu paras o exercício, tem pouca lógica com aquilo que é o colar do teu modelo de jogo e com aquilo que é o jogo. Se tu deres a partir daí azo que outros momentos aconteçam estás obviamente a aproximares-te do jogo.”</p> <p>T3 “É importante perceber que há uma separação, mas eu não vejo o jogo dessa forma, não vejo o jogo de uma forma segregada. Eu vejo o jogo de uma forma interligada, não considero que, por exemplo, os</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>momentos do transição não estejam completamente associados ao processo defensivo ou ao processo ofensivo, eu acho que é necessário, na minha perspetiva, atenção, é necessário perceber que as transições só acontecem após o processo defensivo ou após o processo ofensivo, portanto, se existe um momento de transição após um determinado processo é necessário considerá-lo associado a esse mesmo processo, ou seja, vamos imaginar, quando operacionalizamos as transições no treino, quando queremos trabalhar as transições no treino eu considero importante perceber que ninguém trabalha transições sem estar primeiro num determinado processo, na prática, isto significa o quê? Se tivermos a treinar a organização ofensiva, vamos imaginar, primeira fase de construção e queremos, o nosso foco será, sobretudo, a transição do ataque para a defesa quando perdemos a bola na primeira fase de construção, ninguém começa, ou melhor há quem comece, na minha perspetiva penso que é mais correto começar a trabalhar o processo ofensivo da primeira fase de construção, que o exercício comece na primeira fase de construção e, no momento em que fica sem a bola, a equipa tem de transitar de acordo com as indicações do treinador, a transição é esse momento, será sempre após o momento de perder a bola por isso é que eu acho, isto é só um exemplo bruto, numa perspetiva de operacionalizar as transições no processo de treino, para perceber que na minha perspetiva eu não considero, não vejo, não tenho uma visão muito segregada dos processos e dos momentos, tenho sim, uma visão integrada de todos os processos e momentos</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>do jogo e que o exemplo que eu dei penso que é perceptível.”</p> <p>T4” Não há separação. O modelo de jogo permite ao treinador dividir os momentos da equipa quer para a organização da equipa em que permite saber o que o treinador pretende quando ganha a bola, a zona do campo, seja no sector defensivo na zona mais recuada do campo, seja na intermediaria ou mesmo mais à frente no campo, mas não está separado dos outros momentos do jogo. Há uma separação clara dos momentos do jogo, até porque o jogo não pára, o jogo está sempre em continuum, há uma separação na forma para depois sistematizar a informação e para poder operacionalizá-la. Mas no jogo não há separação dos momentos., é sempre continuo, mas para nós podermos operacionalizar devemos saber muito bem em todos os momentos, no caso da transição ofensiva, o que é queremos fazer quando a equipa recupera a bola? E para ganhar a bola em determinada zona do campo e não está dissociado da organização defensiva, como estamos a defender, podemos, há treinadores que preparam a transição ofensiva a partir da organização defensiva, quanto apostam muito na transição ofensiva, há jogadores que deixam jogadores específicos para aproveitarem as características para chegarem mais rápido à frente.”</p> <p>T5 “Existe uma identificação de quais são os momentos do jogo, mas depois no jogo não pode haver essa separação, atacar com qualidade significa estar preparado para a perda da bola e vice-versa defender</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>com qualidade é estar preparado para recuperar a bola e para a transição ofensiva, ou seja, no meu entender, os cinco momentos estão dissociados apenas para identificação e para melhorar a comunicação com os jogadores, mas depois não podem estar dissociados, durante o treino e durante o jogo, pelo menos no meu entender, estarem sempre preparados, obviamente interligados, para atacar e defender com qualidade e, depois, quando existe uma transição estar preparados para o fazer melhor. “</p> <p>T6 “Eu admito que a separação dos momentos é uma tendência que tem já há muitos anos e surge como necessária para que haja uma maior facilidade ao nível da operacionalização do processo de treino, contudo, é uma divisão no abstrato, essa divisão não existe, mas nós temos de a fazer uma vez que facilita o entendimento dos jogadores e a nossa intervenção enquanto treinadores. Eu acredito que nós não conseguimos dividir os momentos em gavetas, ou seja, aliás os indicadores que nós temos de ter ao nível da análise do jogo e do processo de treino devem incluir, necessariamente, uma certa transição do momento anterior, quando, nós também temos de ter presente que não há uma lógica sequencial num jogo de futebol. A seguir a uma organização pode surgir outra organização, a seguir a uma transição pode surgir outra transição e, portanto, não há uma lógica sequencial. Há tendências ao nível da sequência de momentos, mas aquilo que eu acho importante dizer ao nível da sua pergunta é que, na verdade, não existe uma separação radical, ou seja,</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>separação de facto sem qualquer intervenção de um momento no outro porque, vou dar-lhe um exemplo muito concreto, quando nós falamos em organização ofensiva e em transição defensiva, eu, necessariamente, terei uma transição defensiva que estará dependente da forma como eu estou em organização ofensiva, se eu estou em organização ofensiva em campo grande, em largura, não tanto em profundidade, e estou com os jogadores sem coberturas próximas, estou com um, dois jogadores a dar apoio próximos e estou com o resto da equipa a ocupar um espaço de jogo efetivo muito grande, naturalmente quando perco a bola eu vou ter pouca probabilidade de a recuperar através dos dois elementos que eu tenho perto, terei de ter uma transição defensiva que permita proteger-me que não será necessariamente fácil recuperar a posse de bola. Se porventura eu tiver uma organização ofensiva no meio-campo adversário em que tenha três, quatro, cinco coberturas próximas em que, quando eu perco a bola e o exemplo disto é o Barcelona do Pepe Guardiola, a melhor equipa de todos os tempos, segundo dizem, que tinha sempre gente perto que quando perdia a bola quase sempre a recuperava, portanto, a transição defensiva está, naturalmente, dependente da organização ofensiva e das ideias que o treinador tem. Portanto, nós não podemos separar os momentos, teremos que os separar quando os treinamos, embora, e deixe-me também dizer-lhe que, certamente, me perguntará algo relativamente a isto, mas eu enquanto treinador raramente trabalho um momento separadamente, a não ser em momentos em que eu preveja que a equipa necessite de um maior</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>aprofundamento de conteúdos de um momento, mas eu trabalho aquilo que vai fazer no seu estudo, trabalho organização ofensiva e transição defensiva e trabalho organização defensiva e transição ofensiva juntos, porque parece-me que são momentos que estão sequencialmente ligados e têm sempre uma interdependência muito grande...Enquanto analista de jogadores, eu vejo sempre na perspectiva de treinador, ou seja, eu estou a ver um jogador, a ver aquilo que ele tem e aquilo que ele não tem e estou sempre a ver como é que eu poderei modificar este jogador enquanto treinador. Será que ele vai conseguir modificar as lacunas que tem? E como é que eu o posso fazer? Penso sempre desta maneira enquanto treinador. É sempre aquele desafio que eu tenho de perspetivar os trabalhos que temos nas nossas mãos no futebol, numa perspectiva de treino, aquilo que eu considero fundamental para que o jogador se desenvolva.”</p> <p>T7 “Eu acho que na operacionalização nada está separado, sempre que nós queremos incidir nalguma coisa nós temos de perceber que essa incidência não incide só numa coisa, tem sempre repercussões nas outras todas, não só ao nível dos momentos, mas também entre as várias escalas de cada momento, isto é, se nós trabalharmos um grande princípio da organização ofensiva, por exemplo, isso vai ter repercussões quer na transição no momento defensivo, quer na outra transição, da mesma maneira que um grande princípio tem depois consequências na manifestação como isso se traduz em termos</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>individuais, ou seja, nas escolhas das coisas mais pequeninas. Dando um exemplo muito prático, se nós decidirmos que o nosso ataque é um ataque muito posicional, instalado no meio campo ofensivo, nós temos de saber que isso exige, primeiro chegar lá e a transição tem de implicar uma transição no terreno, isto é, a transição nem sempre se faz no meio campo adversário, isto é, há todo um conjunto de coisas que ao tomarmos uma escolha trás atrás de si outras coisas que nós temos de ter em consideração e, por isso é que eu lhe digo que as coisas não estão separadas. Nós podemos muitas das vezes tentar incidir e ao tentar incidir até tentar um pouco o estorvo para ser muito aquisitivo, isto é, se eu quiser treinar a transição, eu não posso fazer um exercício que incida só na organização ofensiva, tem de haver muitas transições para aquilo ser realmente muito aquisitivo, que é realmente o que eu quero trabalhar e posso fazê-lo com os jogadores todos, com alguns jogadores, e apenas com pequenas partes desse todo, isto é, a grande escala da organização defensiva da transição de cada momento de jogo depois repercute-se em termos individuais, porque só se concretiza quando todos individualmente estão ligados de acordo com uma determinada lógica e, por isso, é que eu digo que não estão separados e os quatro momentos quando estão separados, normalmente, criam um conjunto de bloqueios, por aquilo que é a minha experiência prática, pelos muitos erros que eu já cometi ao longo do meu percurso prático, percebi que cada vez que eu separava um pouco as coisas eu criava um conjunto de bloqueios que não me permitia que as</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>coisas fossem fluídas. O exemplo que referi à bocadinho, eu gosto em termos de organização ofensiva gosto de ser uma equipa dominante com bola, fechar o meio campo adversário, circular, pautar os ritmos de jogo, reconhecer as zonas de finalização, criar oportunidades de finalização, mas depois isso exigia-me estar lá e com equipas onde eu consigo fazer isso porque são bocadinho mais fracas isso acontece naturalmente, mas existem equipas que são de um nível igual ao nosso e outras que são de um nível superior, isso vai obrigar que as nossas transições se vão fazer no nosso meio campo, consigam ter progressão para que consigam chegar ao meio campo ofensivo e entrar em organização, percebe? Portanto este é um pequeno detalhe de uma escolha que nós fazemos e, portanto, se eu, por exemplo, decidi em organização defensiva optar por um bloco baixo, estar em organização defensiva, fechada, isto também me implica que depois de ganhar a bola, como é que eu vou ganhar a bola? Em que zonas predominantemente eu vou ganhar a bola? Não quer dizer que eu não ganhe na frente, mas, muito provavelmente a maioria das vezes vou ganhá-la cá atrás na zona onde faço mais pressão, a zona onde eu crio os meus contextos referenciais de pressão, portanto, isto para dizer que cada escolha tem sempre um efeito em todas as outras e, portanto, nesta questão dos momentos do jogo é decisivo nós percebermos que efeitos e que tipo de efeitos eles têm, seja no momento de transição, seja no momento de organização porque, depois há aqui outro lado que tem a ver com a conceção do jogo, os momentos para mim são todos muito importantes, há</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>quem diga e isto não é critica nenhuma, que dizem que o momento mais importante é o momento ofensivo. Eu dou importância ao modelo ofensivo mas eu para dar relevância ao modelo ofensivo tenho de defender bem, se eu defender mal eu não vou passar muito tempo a atacar, porque eu não vou ganhar muitas vezes a bola e não vou ser uma equipa consistente. Da mesma maneira se eu não transitar ofensivamente bem também não vou conseguir depois de defender entrar em organização, portanto, a minha escolha, ai eu gosto mais deste momento do jogo, preciso dos outros três para que isso se concretize, isto é, eu se treinar uma equipa como o Futebol Clube do Porto e Benfica no contexto nacional eu nem que seja pelo contexto, eu vou ser uma equipa predominantemente ofensiva e isso, pode me dizer que o momento ofensivo é o mais importante? É, mas se uma equipa que passa muito tempo a atacar, não quer dizer que seja o momento mais importante, a transição pode ser um momento mais importante para aquela forma de jogar, isto sem divagar muito, isto para dizer que, em termos de jogo, são todos muito importantes, mas depois há o outro lado, que é o lado da hierarquia que tem a ver com o modelo de jogo, para mim o aspeto central do modelo de jogo é nós conseguirmos criar uma fluidez entre os quatro momentos, dizendo que este momento para mim é crucial para eu jogar desta forma, seja momento ofensivo, seja transição, mas se não houver ligação entre os 4 e esta ligação é os equilíbrios fluídos entre aquilo que são as nossas intenções, porque, como lhe disse há bocadinho, se eu defender mais atrás eu vou ganhar mais vezes a bola atrás se eu fizer um bloco mais</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>alto eu posso ganhar a bola mais à frente mas também deixo espaço nas costas que pode ser aproveitado pelas equipas adversárias, como é que eu vou fazer isso? Como é que eu vou fechar esses espaços? Que estratégias eu vou adotar para se a bola passar e entrar nas minhas costas e eu não sofrer golo? Isto são consequências naturais das escolhas que nós fazemos, portanto, quando me fala da ligação dos quatro momentos, não pode ser de outra forma, os quatro momentos têm de estar ligados e esta ligação tem de ser uma ligação que seja muito equilibrada e, sobretudo, muito dinâmica, que é: quando uma equipa ganha a bola não pode estar a pensar e agora ganhei a bola e vou entrar noutro momento, não!, a transição tem de ser fluída para entrar em organização, quando em organização perde bola a transição tem de ser uma coisa fácil de concretizar para que aquilo aconteça, o que é que eu quero dizer com isto? Por exemplo, quando eu treinava nos clubes de maior dimensão, digamos assim, onde tinha jogadores tecnicamente mais evoluídos do que a maioria das equipas com quem competia eu passava grande parte do meu momento ofensivo muito afastada para ganhar espaço, ataque posicional, grande, aberto para a bola poder circular, para arrastar os adversários para zonas que eu queria depois aproveitar mais à frente e isto fazia com que quando perdia a bola, no momento da perda, na transição, por mais que eu quisesse ser agressiva eu tinha os jogadores afastados e a transição era uma transição que, muitas vezes, era desequilibrada porque eu dizia aos jogadores para pressionar, mas muitas das vezes não chegávamos a</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>tempo e, só com alguma prática é que eu percebi que num primeiro momento nalguns espaços eu queria que os jogadores mais próximos se afastassem mas o resto da equipa compactava linhas e fechava um bocadinho mais a trás para ter muito mais sucesso. Isto para dizer o quê? Para dizer que o equilíbrio muitas vezes não acontece porque as nossas intenções, os nossos momentos não estão fluidos em termos de dinâmicas, nós pedimos uma coisa num momento que , muitas das vezes, não permite que no momento seguinte, digamos assim, aconteça naturalmente e seja fácil de concretizar e, por isso, é que eu lhe digo, eu podia no ataque para estarem afastados, por exemplo, os extremos de linha a linha e quando nós perdíamos a bola no corredor central esses jogadores não podiam, precisavam de correr muito espaço para chegar à bola, à pressão, e o que é que isso fazia? Fazia com que muitas das vezes as equipas que batiam a bola na frente conseguissem fazê-lo com alguma eficácia e isto não era um problema dos meus jogadores que não conseguiam chegar a tempo, era, sobretudo, um problema concetual da minha parte, que pedia aos jogadores uma coisa num momento e, no momento seguinte, passados 30 segundos, eu queria que eles fizessem uma coisa que para eles era difícil. Então, tive de arranjar uma estratégia de maneira a tornar o equilíbrio entre estes dois momentos, muito mais fácil de concretizar e com muito mais sucesso para quem o pratica.</p> <p>aEu procuro sempre ir para as minhas experiências práticas em que é mais fácil de explicar o</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>que nós pretendemos e para quem lê é mais fácil de adquirir.”</p>
<p>(Preocupação e cuidados com a transição ofensiva)</p>	<p>T1 “Claro que sim. Eu separo em dois grandes grupos as transições ofensivas, obviamente que entre estes dois extremos, obviamente que estou a falar numa transição ofensiva agressiva, rápida e em profundidade ou de uma transição ofensiva que privilegia, acima de tudo, a manutenção da posse de bola. Esses são os dois extremos das transições ofensivas, ou fazemos a transição ofensiva desta forma rápida, agressiva, vertical a procurar a profundidade ou fazemos uma transição ofensiva que privilegia a manutenção da posse de bola. Estes são os dois extremos, no meio disto, de uma para a outra há aqui muitas nuances que tem a ver com a equipa que estamos a treinar, tem a ver com a qualidade dos jogadores e, acima de tudo tem a ver com aquilo que o treinador define para cada modelo, porque eu, dou um exemplo, eu estive no Chaves e aquilo que nós pretendíamos para aquela equipa do Chaves era uma coisa claramente definida que é muito diferente daquilo que nós trabalhávamos quando estava no Boavista, portanto, são coisas muito diferentes. Obviamente que a transição ofensiva de uma equipa, do Chaves, tinha pouco a ver com aquilo que nós fazíamos no Boavista, porque a nossa organização defensiva também era diferente, porque as nossas zonas de pressão também eram diferentes, portanto, na ideia de que há uma interligação de todos os momentos do jogo, assim, se</p>

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>estabelece, diferentes formas de saída para o ataque, transição ofensiva” ...”... Claro que há. Tu falavas há pouco de uma equipa que se organize, a fase defensiva à zona e, aliás, a mim já me faz muita confusão sequer pensar em equipas que não o façam desta forma, porque acho que a evolução do jogo caminha e caminhou claramente nesse sentido e hoje em dia, tirando, raras exceções em determinadas zonas do campo, quase todas as equipas fazem uma defesa à zona e a defesa à zona, como é obvio, facilita muito o local onde a bola e onde pretendemos recuperar a bola, as zonas de pressão para que consigamos recuperar a bola em determinado local, os jogadores estarem no sítio ou na posição previamente preparada para que <u>consigamos tirar a bola do sítio onde a recuperamos com qualidade para poder atacar</u>, portanto, acho que fica clara a resposta nesse sentido”...”_Eu tenho muito dificuldade em responder a isso, porque eu não vejo a transição ofensiva como um momento isolado. Ok, quero fazer esta transição ofensiva, então vamos preparar a nossa organização ofensiva desta forma, não, não é um momento isolado. Eu gosto de pensar as coisas, lá está, como um todo, de que forma, como é que é o nosso jogo, como é que queremos jogar? E, então se queremos jogar desta forma, vamos defender desta forma, ou queremos preferencialmente atacar desta forma e quando atacamos o que é que fazemos a seguir a perder a posse de bola, e quando estamos em organização defensiva, estamos onde? Em que zona? Com quantos jogadores? Quais são as zonas preferenciais para recuperar a posse de bola? E, a partir daí, a transição ofensiva surge em função disso,</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>porque se eu estou com uma linha baixa, o meu bloco está completamente baixo, o meu ponta está ainda mais baixo, a meio do meio-campo, o meu ponta de lança, imagine-se, a transição ofensiva significa que, no momento de recuperar a bola, eu estou numa zona extramente baixa, sem jogadores com capacidade para, ou melhor, condiciona muito aquilo que é a minha transição ofensiva. Ao invés, se eu pretendo fazer uma pressão muito alta que tenho a minha primeira linha de pressão lá bem em cima, encostada na área adversária, a minha linha de 4 está a pisar o meio-campo, o momento em que vamos recuperar a bola, seguramente, vai ser completamente diferente, vamos recuperá-la no meio campo ofensivo, podemos condicionar a progressão do adversário por dentro por fora, podemos recuperá-la nos corredores e a transição ofensiva tem de ser em função disso. É isso que nos pretendemos, pretendemos pressionar alto? Pretendemos recuperar a posse de bola onde e com quantos jogadores? Quantos jogadores mobilizados para essa zona de pressão? E a partir daí a transição ofensiva surge de uma forma que contempla essas condições. Ou seja, imagine-se que nós queremos recuperar a bola lá em cima no corredor e por fora, no corredor lateral e primeiro terço de construção adversário? Ok, então, a nossa linha de 4 vai estar subida o nosso quadrante vai estar fechado no corredor lateral que todos os jogadores sejam mobilizados para lá e , se recuperarmos a bola na zona previamente definida, estás perto da baliza adversária, estamos a mobilizar muitos jogadores para a zona de pressão temos de ter o lucro deste gasto de energia e o lucro é estarmos perto</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>da baliza no momento de recuperarmos a posse de bola e atacar rápido a baliza, se possível. Estou-me a fazer entender? Deixa-me que eu te diga o que entendo por transição ofensiva, e choca-me pessoalmente ouvir muitas pessoas a falar de transição ofensiva como um acontecimento alargado no tempo. Para mim, na minha cabeça, segundo aquilo círculo temporal de momentos do jogo, as transições são momentos, breves, e são quantos segundos? Um, dois, vinte segundos? Não, são momentos suficientemente claros, para que nós possamos definir o que é pretendemos fazer, qual é a intenção da equipa, ou seja, uma equipa não tem a posse de bola, recupera a posse de bola e a partir que tem a bola controlada começa a transição ofensiva, a partir do momento em que é claramente perceptível o que é que o jogador que está em posse de bola pretende fazer, acabou a transição ofensiva e começou a organização ofensiva, em ataque, portanto, as fases do jogo de ataque quanto tem a posse de bola e em defesa quando não tem a posse de bola, é tão claro como isto e, depois há os momentos da transição, que as mudanças, transitar da fase ofensiva para a fase defensiva e vice-versa. São momentos breves no tempo que permitem identificar qual é a intenção, transição ofensiva é o momento após recuperar a bola que permite identificar se é feita de uma forma agressiva, vertical, procurando a profundidade ou, ao invés, como eu dizia no outro bloco, é perfeitamente identificável que eles querem ter comportamentos de manter a posse de bola. Quer do jogador que a recuperou quer da equipa toda como um coletivo. E, depois, entramos, na organização ofensiva</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>ou na organização defensiva, em ataque ou em defesa, portanto, a mim choca-me, pessoalmente choca-me, é mesmo uma palavra boa, quando eu oiço que esta equipa marcou golo em transição ofensiva, ninguém marca golo em transição ofensiva, a transição ofensiva são momentos em que ele define quando recupera ou perde a posse de bola. E as equipas podem marcar golo em contra-ataque, ataque rápido e em ataque posicional. Ninguém marca golos em transição. Isto a mim choca-me, é uma coisa conceptual, porque fala-se nessas coisas sem se definir o que é a coisa que estamos a falar. O que é transição, ou que é contra-ataque? O que é um ataque rápido? Como é que diferencia um ataque rápido de um contra-ataque? Para mim estão muito claras estas noções, uma equipa que joga preferencialmente em contra-ataque e uma equipa que joga preferencialmente em ataque, são coisas diferentes. Para mim, porque eu tenho isto muito claro na minha cabeça. “</p> <p>T2 “Essa é uma pergunta muito boa que tem duas alíneas, a descontextualizada e a contextualizada, ou seja, a descontextualizada tem a ver que sim, tu tens sempre preocupação com a transição ofensiva, quando ensinas o jogo tens sempre que passar todos os momentos de jogo, todos os princípios inerentes ao jogo aos teus jogadores, isso é obviamente, tu não podes ensinar o jogo de forma imperfeita ou de forma incompleta, não estás obviamente a ensinar o teu modelo de jogo, estás a ensinar partes do teu modelo de jogo e, portanto, a transição ofensiva é um dos momentos do modelo de jogo e como é natural tens que</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>o ensinar. Em termos de contextualização, num universo Benfica e no universo de futebol de formação do Benfica, pela falta de competitividade que os campeonatos oferecem aos nossos jogadores, por um lado, por outro, pela forma como muitos treinadores adversários veem o jogo e estamos a falar em futebol de formação, atenção, da forma como muitos dos treinadores adversários veem o jogo, na minha opinião, não é melhor, nem pior, mas é na minha opinião, num contexto mais resultadista do que propriamente num contexto de expor os seus jogadores a momentos de dificuldade e dar-lhes coragem e protagonismo contra uma equipa que é, na teoria melhor, em função daquilo que é o medo de ter um resultado mais desnivelado ou pior e que na minha opinião isso estrangula o crescimento dos seus jogadores, nós acabamos por ter problemas naquilo que é as nossas equipas neste contexto experimentarem os vários momentos do nosso modelo de jogo em competição, ou seja, de forma mais prática, 90% dos jogos que nós temos, daquilo que treinamos em treino em termos de modelo de jogo, o que é que acontece, em competição nós experimentamos de forma massiva dois momentos a organização ofensiva e a transição defensiva, porque nos dão a bola, nos dão iniciativa e nos dão o espaço e <u>porque essas equipas defendem em quase praticamente em meio campo defensivo e, portanto, nós estamos ali a tentar deitar abaixo aquele bloco e a desequilibrar aquele bloco com bola e portanto passamos de forma massiva do tempo em organização ofensiva posicional ou coletiva ou trabalhada, como queiram e depois no momento da</u></p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p><u>perda da bola, como essas equipas estão pouco trabalhadas e pouco estimuladas para ter a bola aquilo que acaba por acontecer, se nós tivermos uma transição defensiva muito forte, ao fim de 10, 20, 30 segundos estamos com bola outra vez, porque normalmente estas equipas como defendem muito baixo, ficam muito longe da nossa baliza, como não são estimuladas para ter a bola, dois, três quatro passes e estão a perder a bola novamente, não conseguem esticar-se no campo e chegar à nossa baliza em condições de nos criar perigo ou desequilíbrios, e, portanto, acabamos por vivenciar de forma massiva, como já lhe disse, quase a 90% do jogo, em competição, organização ofensiva, transição defensiva. O que isto faz é que depois o momento de organização defensiva que é o momento em que as equipas com bola nos obrigam e nos chamam para as pressionarmos altas ou nos obrigam através da sua competência e através da sua progressão no terreno e defendermos de forma mais baixa no nosso meio campo, nós não experimentamos em competição os momentos de organização defensiva e de transição ofensiva, não experimentando os momentos de organização defensiva de forma recorrente no jogo também não experimentamos o momento da transição ofensiva, porque estão imediatamente ligados e, portanto, nós não deixamos de trabalhar em contexto de treino, como é obvio, como eu lhe digo, os jogadores têm de saber a interpretação desses momentos todos, mas depois em competição, no futebol de formação das equipas chamadas grandes, Benfica, Porto, Sporting, o que acaba por acontecer é que é isto.</u></p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>E eu posso contar rápida história, esta rápida curiosidade, quando treinei durante 6 anos os meus sub 17 eu sentia claramente esta lacuna, sentia claramente este problema. Em competição os meus jogadores não eram chamados a isto porque não eram estimulados pelos adversários, logo eu tinha aqui um crescimento de provar em competição desequilibrado, dois momentos muito vivenciados, dois momentos de quase nada, então sugeri à estrutura que a partir de novembro, dezembro, quando eu sentia que o nosso modelo já estava mais ou menos adquirido pelos meus jogadores, aquilo que eu sugeri foi ao treino de terça ou de quarta-feira trocar essa unidade de treino que já não é tão aquisitiva porque o modelo já está mais ou menos como nós queremos , trocar com um jogo com uma equipa sénior de terceira divisão, mas uma equipa que tivesse qualidade, de terceira divisão, CNS, equipas estudadas por nós que nós sabíamos que nos iam pôr esses problemas e, portanto, começámos através de um jogo, não oficial, começamos a estimular os miúdos, primeiro para eles jogarem contra mais velhos, para eles irem começando a perceber que o futebol que eles tinham na formação era um futebol mentiroso, em termos do que eles iam encontrar nas suas carreiras profissionais, porque não era aquilo de ganhar por oito e por nove, quase sempre tudo fácil, eles iam experimentar essa situação de ter um futebol sénior e depois iam experimentar que era uma equipa que os empurrava para trás para defendermos, que nos pressionavam para treinar a pressão alta , portanto, se essa pressão alta fosse ultrapassada</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>obrigava-nos à reorganização defensiva posicional, perto da nossa baliza e, depois o tal momento da transição ofensiva acabaria por acontecer, também, e, isto, só acontecia quando íamos lá fora a torneios internacionais e quando encontrávamos equipas do nosso nível, o Barcelona, O Real Madrid, os Manchesters, etc, ai sim, os miúdos experimentavam isso, como os torneios internacionais não acontecem com a regularidade que nós queremos, tive de encontrar esta estratégia para que aquilo que eu passe em treino, depois fosse experimentado e avaliado em competição, mesmo que neste caso não fosse uma competição oficial.”...” Claro, primeiro a nossa ideia é uma ideia de modelo de jogo que queremos que seja uma ideia dominante, uma ideia em que somos protagonistas em que temos de ter a bola, não gostamos de correr atrás da bola, de andar atrás do adversário e, portanto, essa é uma das ideias dominantes do nosso modelo de jogo, logo nos obriga que tentemos de muitas formas pressionar alto os nossos adversários independentemente de quem forem e seja onde for. Se o João vir alguns jogos da equipa B, que é uma equipa muito jovem, que, por vezes, defronta candidatos que em termos de experiência até de qualidade individual de subida são melhores que nós, nós não mudamos a nossa forma de jogar, de pensar e de ser em função, também porque não é para nós prioritário o resultado, o que é prioritário na equipa B do Benfica é fazer crescer os jogadores e, portanto, é dar-lhes estes estímulos, mesmo em contextos de máxima dificuldade, nós o último jogo que fizemos antes desta paragem que foi na Madeira</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>contra o Nacional, o líder da segunda liga e nós não deixámos de ser absolutamente protagonistas, o primeiro e o terceiro golo são em transições ofensivas deles, porque nós tivemos com uma posse de bola extraordinária, quando não tínhamos bola estávamos a pressionar o adversário alto, a tentar ganhar bola de forma alta, a primeira parte é excecional da nossa parte, como eu disse no flash não se sabia quem era o candidato e quem era a equipa de miúdos, aquilo é o que nós queremos para o crescimento dos nossos miúdos e, portanto, sendo assim, é muito importante para nós passar esta ideia aos jogadores, quanto mais alto defendemos mais dificuldades e mais zonas de desconforto nós estamos a criar aos nossos adversários, bem como se nós recuperarmos a bola aí o caminho a percorrer até à baliza adversária é muito menor e se recuperarmos essa bola numa fase de construção adversária em que a equipa adversária está completamente aberta, se nós ganharmos a bola, há espaços para nós podermos entrar rapidamente até chegarmos a situações de finalização. Essa pressão alta é uma forma de convencer os jogadores que o risco muitas das vezes compensa, quando estamos a defender em organização temos dinâmicas que garantem que, pelo menos, dois jogadores se posicionam de forma 30% defensivo e 70% ofensivo e setenta 70% já a pensar na conquista da bola e para que nós consigamos chegar mais rápido à baliza adversária, portanto, em qualquer dos momentos, seja numa pressão alta muito subida, seja num momento de organização defensiva em bloco mais médio ou mais baixo, nós temos sempre</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>dinâmicas trabalhadas de maneira que quanto a equipa conquista a bola tenha noções por onde sair e que esses posicionamentos defensivos, haja alguns que, rapidamente, se convertem em posicionamentos ofensivos”...”Há, muito e, começa, como lhe digo, nos escalões mais baixos não, nos escalões mais altos sim e, na segunda liga, então, nós temos muitos momentos, dada a inexperiência, dada a qualidade do adversário de ser muito mais nivelado e às vezes superior à nossa, nos também temos de utilizar isso como arma e , muitas das vezes nós vamos estar em processo defensivo em que as equipas nos vão empurrar, um bocadinhos, mais para trás e mais para perto da nossa baliza e, obviamente, não devemos descurar o momento que é o da transição ofensiva, nós somos uma equipa de posse, de protagonismo, como já lhe disse, de ter a bola mas, quer dizer, o jogo interpreta-se, para nós, a forma ideal de chegarmos à equipa adversária e a mais rápida e com menos passes, a mais rápida e com menos passes, essa é aquilo que passamos aos nossos jogadores e, portanto, essa forma de sair rápida e com menos passes é através da transição ofensiva portanto, há sempre muito cuidado, como já lhe disse, naqueles dois ou três posicionamentos, às vezes até os mais afastados do centro do jogo, esses jogadores são aqueles que estão, como lhe disse, 30% a defender e 70% já preparados para a transição ofensiva, porque ela, obviamente, é muito importante, senão, é como lhe disse é uma equipa coxa e nós, a este nível temos de ensinar todos os momentos, quando chegarem à primeira equipa e que é para isso que os preparamos ou outro tipo de equipas,</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>têm de levar bem identificados aqueles que são os princípios dos vários momentos e obviamente da transição ofensiva também”...”... Como lhe disse, pelos posicionamentos dos jogadores que estão mais afastados do centro do jogo e, portanto, aqueles que estão mais afastados da bola sabem que devem bascular para junto dos colegas, fechar espaços interiores mas há jogadores que estão claramente preparados para na conquista da bola, interpretarem o momento mais rápido, mais vertical de transição ofensiva, é preparado dessa maneira, estou a falar dos posicionamentos e depois é preparado através de algumas dinâmicas e de alguns conjuntos de regras, estamos a falar, por exemplo, quando nós ganhamos a bola e há um adversário, por exemplo num corredor lateral, aquilo que nós pedimos aos nossos jogadores é que tirem aquela bola dali, o mais rápido possível e que não seja de forma individual, ou seja, normalmente se eu ganho uma bola a um adversário eu estarei rodeado de 2, 3 ou 4 jogadores adversários e se eu tirar aquela bola dali através de uma passe, seja vertical ou de fora para dentro eu estou a eliminar três ao quatro adversários do centro do jogo e a deixá-los para trás e, portanto, se eu tento fazê-lo em drible, passar um, é possível, passar dois pode até ser possível, mas se estão ali mais três ou quatro e o espaço e o tempo é tão pouco, nós acabamos de conquistar a bola e de perdê-la de imediato, portanto, essa é uma das regras, tirar logo a bola da zona de pressão e, depois, através de situação de passe constante, queremos que os três corredores fiquem ocupados, nós queremos que os três corredores quando nós estamos a progredir na</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>direção da equipa adversária, numa transição ofensiva, queremos sempre que os três corredores, o central e os laterais estejam ocupados com jogadores e os nossos jogadores quando nós trabalhamos os princípios da nossa transição ofensiva, sabem isso, e eu sei que a bola é o que mais adversários. Portanto se a bola entrar no corredor direito e um jogador conduzir a bola sujeita-se, quanto mais tempo ele tem a bola há a aproximação o adversário e sujeito a perdê-la ou que lhe façam uma falta e o momento que pode de ser de vantagem para nós perde-se, precisamente, porque houve um excesso de individualismo, portanto, a noção que nós temos é que quando a bola entra no corredor naturalmente, a bola é um fator atrativo do adversário, vai chamar adversários e quando esses adversários estão a chegar a esse corredor se nós tivermos elementos nos outros corredores é tirarmos a bola dali constantemente, quase no jogo do gato e do rato, até chegarmos à baliza adversária, portanto, tirar da zona de pressão, três corredores ocupados, progredir através de passe para que cheguemos à baliza adversária de forma melhor e mais sustentada, não deixando de lhes dizer que quando eu ganho a bola e se consigo isolar um colega de forma vertical através de um passe e que ele faça golo essa é a melhor transição ofensiva do mundo, ponto final, parágrafo. Quanto menos elaborada, quanto mais rápida e direta melhor, é isso que nós procuramos.”</p> <p>T3 Totais, eu penso que é importante, eu penso que, na prática, e na minha perspetiva é importante perceber o seguinte: nas transições ofensivas há aqui duas formas</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>de ver as transições ofensivas, ou seja, eu acho que quando recuperamos a bola, quando a equipa recupera a bola, há, sobretudo, necessidade de perceber em que fase é que ocorre essa recuperação da bola porque depende muito da estruturação de cada treinador tem do próprio campo, do jogo, e por aí fora, eu, pessoalmente divido o campo em quatro fases: primeira fase de construção, que é do guarda-redes onde começamos o primeiro processo, quando a bola sai do guarda-redes; a segunda fase de construção; numa segunda fase em que é ultrapassada a primeira linha de pressão adversária e queremos construir para entrar na terceira fase; a fase de criação, e quando entramos na terceira fase é nessa fase que a equipa vai procurar criar as condições para entrar na quarta fase; a fase de finalização. Eu não divido o jogo, mas divido o campo em quatro fases, para mim a transição ofensiva tem total importância dependendo em que fase ocorre a recuperação da bola, para mim que sou um treinador que gosto de controlar o jogo, que gosto de ter a bola o mais tempo possível para tentar destabilizar a organização defensiva da equipa adversária e depois aí encontrar espaço para atacar, para mim tem todo o sentido a primeira e a segunda fase recuperar a bola e ter posse de bola, ou seja, manter a posse de bola para que a equipa tenha controlo sobre o jogo, mas se recuperarmos a bola numa terceira fase ou numa quarta fase é importante para as minhas equipas perceberem que há:</p> <p>a) necessitar de reter a bola porque não há espaço para atacar a baliza e a equipa manter a posse de bola;</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>b) se , por exemplo, a equipa recuperar a bola e perceber que a equipa adversária está desequilibrada e há espaço para atacar a baliza, não há necessidade de ter posse e há que rapidamente atacar a baliza adversária, num ataque rápido, ou seja, se pensarmos que, por exemplo, a transição ofensiva é, para mim, na perspetiva do treinador uma grande arma que o treinador tem para poder afirmar ou assumir um determinado modelo de jogo eu acho que é neste sentido, quando a equipa recupera a bola , o que deverá fazer em qualquer fase do jogo, porque isso vai determinar, se a equipa recupera a bola na primeira fase e quiser atacar rápido, eu acho que vai marcar o estilo da equipa, já sabemos que é uma equipa que vai ser uma equipa de contra-ataque, de ataque rápido, que vai tentar explorar os erros do adversário. Por outro lado, na minha perspetiva, eu gosto de ver o jogo de uma forma mais global e também, a este nível, dependendo da fase, como lhe disse tenho diferentes abordagens na transição ofensiva. E, resumindo, dá para perceber que a transição ofensiva é um momento determinante para afirmar a minha ideia de jogo”...“Há total (cuidado). Nos meus exercícios, por exemplo, nos meus exercícios de treino eu incluo sempre três componentes que são obrigatórios para mim, por exemplo, quando estou a criar um exercício há sempre componentes que têm de estar associadas ao exercício: em primeiro lugar o exercício tem de ter uma direção, tem de ter uma baliza, uma linha um objetivo para alcançar; tem de ter uma oposição, pode ser mais ativa, menos ativa, pode ser mais complexa, menos</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>complexa, mas tem de ter sempre oposição; e depois tem de ter sempre um momento de transição e quando eu coloco um momento de transição em todos os exercícios, sejam, por exemplo, se estou a defender e a atacar e depois a defender é revelador da importância que eu dou à preparação das transições. Vamos imaginar, Se eu quiser defender sem me preocupar sem a transição se calhar será mais conveniente para a própria equipa, baixar as linhas todas, ter todos os jogadores atrás da linha da bola, fechar os espaços que deverão ser explorados pelo adversário para não entrar na nossa área, mas se eu quiser defender com menos jogadores, que é o meu caso, eu gosto de defender com o menos número de jogadores possível e tenho um número que para mim hoje serve de referência, eu acho que é possível defender com sete jogadores, mais o guarda redes e deixando três jogadores numa posição, por um lado, em primeiro lugar, para bloquear mais jogadores do adversário que ataquem, mas também, por outro lado, como segundo objetivo não é necessariamente prioritário, ou não, por acaso a prioridade é que quando a equipa recupera a bola ter três jogadores preparados, à frente da linha da bola, para que a equipa tenha uma referência para poder explorar o espaço do adversário, e depois permitir que a equipa também suba , os outros sete jogadores também subam de preferência para ter muitos jogadores na frente. Eu, nos exercícios todos que faço coloco sempre transição, e quando estou a preparar a equipa do ponto de vista tático, do ponto de vista organizacional, eu tenho a crença que grande parte do tempo é possível fazer com</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>sete jogadores e deixar três à frente, como lhe disse, para bloquear mais jogadores adversários atacam mas, sobretudo, para ter três referências para servir de apoios frontais, ou, se necessário, para explorar as costas do adversário nos três corredores, três jogadores como referência para as transições ofensivas, sobretudo, para servirem como apoio frontal...” “...Eu posso ainda especificar um bocado mais, eu estou a trabalhar, por exemplo, a pressão alta, vamos imaginar, a pressão alta, organização defensiva numa pressão mais alta, com as linhas mais altas, para mim só faz sentido trabalhar a pressão quando a equipa tem a sensação de recuperar a bola, que é a sensação de sucesso, e tem a sensação de que essa recuperação de bola tem uma consequência, que é ter a bola ou para manter a posse de bola ou para se for numa fase mais à frente, para atacar a baliza, eu tenho que lhes dar essa pista, porque se for só para recuperar a bola o exercício fica pobre, fica incompleto, se , por outro lado, se eu estiver a defender, organização defensiva no treino, com as linhas baixas, e a equipa recupera a bola, aí que é o momento de sucesso que a equipa recuperou a bola, qual é a consequência disso, género , porque é que eu recuperei a bola qual é o objetivo de recuperar a bola? O objetivo de recuperar a bola é manter determinada direção, por aí fora, com determinado objetivo e uma determinada estratégia, portanto, daí a importância que eu dou à inclusão das transições em todos os exercícios, para ser mais real.</p> <p>T4 “É assim, é um momento de jogo que eu acabo por não valorizar tanto, aquilo que é a operacionalização do</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>modelo de jogo, porquê? Porque procuramos mais ser uma equipa de organização ofensiva, de reação à perda da bola, seja de transição defensiva mais agressiva, e depois de organização defensiva. A transição ofensiva acaba por ser muito associada dentro daquilo que nós trabalhamos à organização defensiva, partimos da organização defensiva e queremos, quando ganhamos a bola, principalmente em meio campo defensivo, sair sempre para a frente principalmente variando o centro de jogo, variando o jogo, mas sempre com a preocupação de avançar o mais rapidamente possível para o meio campo ofensivo, tentado conquistar espaços à largura, mais, quando pode atacar a profundidade perfeito, e também acaba por ser um pouco estratégica no nosso caso, mas é o momento de jogo que dou menos importância, até porque o futebol nestas divisões, em todas, para os jogadores ainda é mais fácil absorver ganhar e seguir para a frente, ganhar a bola e tentar rapidamente chegar à baliza do adversário, é mais fácil de trabalhar do que uma equipa que tem posse, que quer o domínio, tem de ter um jogo posicional forte defensivo, etc.. Na minha opinião é um pouco mais fácil de trabalhar, ou seja, existe menos tempo.”...”...Era o que eu estava a dizer há pouco. Quando nós estamos a defender, a minha principal preocupação é defender bem, e sei que depois tenho jogadores no meu modelo de jogo que acabam por dar-me sem eu ter de trabalhar bastante transição ofensiva logo, jogadores com velocidade, etc. Agora, há jogadores que preparam, não costumo prepara muito a transição ofensiva, se calhar, se apanhar uma equipa,</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>como já aconteceu, a defender quase em fora de jogo, com o bloco muito subido, procura-se sustar essa equipa na procura da profundidade, mas há jogadores que preparam claramente a transição ofensiva e fazem disso o seu principal momento de jogo, deixam, por exemplo, o extremo do lado contrário sem defender muito bem, de propósito, para quando ganharem a bola poderem transitar por lá, há treinadores que não obrigam o ponta de lança a não defender com a equipa para poder sair pelo ponta de lança, há treinadores que não obrigam o n.º 10 a defender muito bem, porque querem logo atacar o espaço entre linhas e por isso não se preocupa tanto com o adversário, com o processo defensivo, estão mais preocupados que quando a equipa ganha a bola ter os jogadores posicionados para atacar logo, há treinador que fazem isto, fecham muito bem o lado da bola e deixam o extremo do outro lado pronto, e é de propósito, propositado e quando a equipa ganha a bola vão sair por ali, porque acreditam que aquele elemento é logop muit perigoso, não o querem desgastar a defender, aproveitar a sua relevância no jogo, no meu caso, não tanto, nós procuramos defender de uma forma muito agressiva, a pressionar médio alto e quando somos obrigados a baixar procuramos sempre manter o equilíbrio defensivo, mas se recuperarmos a bola queremos sair para a frente e em quatro passes sair do meio campo defensivo, 4 passes para sair no meio campo ofensivo, valorizar no treino a saída pelo lado contrário, não queremos sair para trás , em princípio, se entretanto perdemos a vantagem, imaginemos que ganhámos a bola em zonas perigosas, em zonas de</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>construção do adversário, aí não vamos querer voltar para trás, temos a baliza muito perto queremos logo atacar a baliza do adversário, 4, 5 passes e se perdermos a vantagem, a partir daí vamos ficar com a bola, fazemos exercícios para isso, valorizamos o lado contrário, valorizamos a saída rápida para a frente com 4 ou 5 passes para valorizarmos uma determinada zona, e se não conseguirmos ferir o adversário procuramos ficar com a bola e ficar em organização ofensiva, mas não somos uma equipa que monta para transitar ofensivamente, preocupa-se mais em defender bem, não tem o hábito de a defender-se preparar-se para sair em transição ofensiva.</p> <p>T5 “ Tenho a mesma preocupação que tenho com o processo defensivo, ofensivo e com as transições defensivas, é um momento extremamente importante, sou um treinador que me considero um treinador ofensivo, trabalho as transições defensivas, mas também as transições ofensivas, é extramente importante trabalhar uma ideia, trabalhar o modelo e, depois, durante a época quando vamos apanhando os adversários vamos adaptando esse nosso modelo aos adversários que vamos encontrar, muitas das vezes, com uma recuperação de bola menos agressiva, mais paciente, outras vezes com uma pressão mãos forte e recuperar mais rápido e atacar mais rápido, mas isso tudo varia em função da estratégia para o jogo e do adversário que vamos apanhar pela frente. Mas o modelo é muito importante para mim, a transição ofensiva também...” (...)“...Sim, obviamente que</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>estando bem organizados, bem posicionados, ter a agressividade necessária são fundamentais é óbvio e é logico e, acima de tudo, a sermos consistentes em ter defensivos. Mas, se estivermos bem posicionados a defender e ao mesmo tempo estar preparados para atacar rapidamente e bem posicionados também para atacar, claro que sim e , isso pode ser trabalhado no nosso modelo de jogo e consoante os adversários, que nós vamos defrontar, muitas vezes orientar a pressão para um lado ou para um corredor, para uma zona do campo e, depois sair rapidamente em transição ofensiva...”...”</p> <p>T5 “Quer que eu dê um exemplo? Vou dar um exemplo, nós identificámos que o lateral esquerdo adversário é o elemento mais fraco, defende mal, ataca muito e defende mal. Podemos convidar a equipa adversária atacar por aquele corredor, porque sabemos que ele é um jogador ofensivo mas que depois não vai chegar lá, em termos defensivos empurramos a pressão para o corredor esquerdo deles, convidamos a atacar por aquele corredor, mas a partir do momento em que , por exemplo, o ponta-de-lança, já não está na zona dele para participar no processo defensivo, quando a linha dele seja quebrada, ele tem de cair sempre naquele corredor, ou seja, no momento da transição ofensiva a equipa está preparada para encontrar o ponta-de-lança naquele corredor, logicamente, não estando lá o lateral vai convidar o central para estar encostado com ele e o objetivo , mal recuperemos a bola é encontrar o ponta de lança, apoio frontal e o extremo contrário a atacar. É uma ideia, obviamente, depende dos adversários, das características dos adversários é apenas um pequeno</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>exemplo onde o processo defensivo é fundamental em que o avançado participa no processo defensivo, mas depois na transição exploramos aquele corredor, que está mais vulnerável e vai estar mais destapado.”</p> <p>T6 “Eu tenho uma preocupação grande com todos os momentos, com a transição ofensiva todos nós teremos, agora, eu acho que para responder a esta pergunta e, como perceberá, eu não consigo responder à pergunta de forma direta, ou seja, de forma curta porque há sempre necessidade de justificar aquilo que nós dizemos. Eu costuma dizer que nós numa conceção de jogo, numa ideia de jogo, nós temos de ter sempre momentos que estamos a privilegiar, em função do contexto que vivemos e em função dos jogadores que temos ou seja, eu, naturalmente, se treinar num clube em que tenho uma predominância de transição derivado das condições que eu tenho, recursos humanos e o contexto até, eu lembro-me quando trabalhei no Leixões, este foi um momento que o próprio clube privilegiava, pela tradição que tem, pela cultura do clube, eles privilegiavam este momento. Eu costumo dizer que nós damos importância todos mas em função dos jogadores que nós temos de privilegiar um ou outro momento no sentido de nós tendermos a ter uma forma de jogar mais adequada ao que nós temos. A transição ofensiva é, naturalmente, as transições são quer a defensiva quer a ofensiva, são momentos cada vez mais importantes, porquê? Porque, como nós sabemos as tendências atuais de um jogo de futebol vão-nos tirando espaço e tempo de execução e de pensar o jogo e estes momentos são</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>aqueles em que as equipas se encontram desequilibradas, ou seja, a reajustar comportamentos de tentar, em termos de transição defensiva, reagrupar jogadores, seja de que forma for depende da ideia do treinador e dos jogadores que nós temos, de forma a fechar espaços, em termos de transição ofensiva, é aproveitar essa ausência de fecho de espaços do adversário para tentar criar situações de golo ou de oportunidades de golo ou, também, manter a posse de bola. Estes são dois momentos muito importante no futebol atual e devem ter sempre uma importância muito grande para os treinadores, no entanto, isso vai depender muito da conceção de jogo do treinador, daquilo que ele pretende para a equipa jogar.” “... Sim, eu já respondi a esta pergunta na primeira em de facto, tem esta importância para mim. Eu só consigo, ora vejamos, eu quando estou a trabalhar organização defensiva eu tenho de preparar a transição ofensiva, a forma como eu coloco, por exemplo, os jogadores que fazem o equilíbrio (ofensivo), normalmente que são os jogadores mais adiantados, está diretamente relacionado com a forma como eu estou a defender e da forma como eu quero fazer a transição ofensiva, após ter recuperado a bola, por isso, eu se quero fazer uma transição ofensiva pelo corredor da bola, onde está a bola, e eu em termos do organização defensiva eu normalmente direciono os comportamentos do adversário para um corredor lateral, eu sei que terei de privilegiar a colocação dos meus jogadores adiantados na zona do corredor onde está a bola, de forma a potenciar isso, portanto, há uma interdependência muito grande entre estes dois</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>momentos. Passa-se a redundância, existe esta necessidade de prepararmos a transição ofensiva olhando à forma como nós defendemos e vice-versa. Há uma dependência muito grande...”...” T6 “...No Futebol, normalmente, o futebol é essencialmente um jogo de espaços. Basicamente, eu olho para o jogo como, há três macro estruturas: tempo espaço e tarefa e a superestrutura que é a organização, que significa a relação e os jogadores e, portanto, eu em função do tipo de transição ofensiva que eu quero eu vou ter de preparar a minha organização defensiva para que isso aconteça da forma como eu vou querer pretender, quer em termos estratégicos, em função daquilo que é o adversário, quer em função da minha conceção de jogo, do meu modelo de jogo. Em termos de treino eu defendo que nós podemos de uma forma mais simples trabalhar intersectorialmente, numa primeira fase, sectorialmente, numa primeira fase, intersectorialmente numa fase em que vai ser de mais complexidade, até chegarmos de uma forma mais coletiva privilegiando sempre as questões de superioridade numérica em termos defensivos para privilegiar mais transições ofensivas. O que eu quero dizer com isto? A gestão dos espaços e a gestão do número de jogadores, nossos, da minha equipa, da equipa do adversário, neste caso do processo de treino que eu pretendo que esteja em organização defensiva contra a equipa que estará em organização ofensiva, se o meu objetivo do treino é o momento defensivo e transição ofensiva, naturalmente que eu tenho de criar ou superioridade numérica da equipa que está a defender de forma a potenciar uma</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>transição ofensiva uma densidade de transições muito grande, ou condicionar o espaço tornando difícil a ação dos jogadores atacantes para potenciar também uma densidade muito grande de transições ofensivas. Se eu pretender, imaginemos, uma transição ofensiva para segurança, digamos, há dois tipos de transição na minha perspetiva: a “transição para segurança”, chamada mais transição para ataque posicional em termos de método de jogo e uma “transição de risco” que nós olhamos um jogo mais direto, busca da profundidade, busca de ataque à baliza adversária em que o risco, naturalmente, é maior, em que teremos uma superioridade numérica evidente e, portanto, se eu olhar para questões relacionadas com uma transição ofensiva em que privilegio uma transição ofensiva para segurança com o objetivo de garantir a posse de bola, então eu terei de privilegiar a manutenção de um homem livre no lado contrário do campo, quando a bola é recuperada num corredor, no lado contrário, no sentido de potenciar esse estímulo nos jogadores de forma a que eles percebam que há um homem livre, onde está esse homem livre? Está no lado contrário de forma a manter a posse de bola e circular a bola em segurança, se eu, porventura, pretender uma transição para risco, para profundidade, que seja vertical, então aí terei de criar condições, impor estímulos que eles percebam que essa é a solução melhor, como? Ou criando superioridade numérica, ou, pelo menos, igualdade numérica na zona em que eu pretendo que eles procurem que é a zona mais profunda do campo. Basicamente, existem algumas variáveis que nós temos de atender quando organizamos o processo de</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>treino, mas para mim a mais importante está relacionada com a relação com o jogador, ou seja, se eu pretendo que a transição seja feita para um determinado espaço eu tenho de criar nesse espaço maior possibilidade de sucesso do que noutros espaços e aí, como? Colocação de igualdade numérica ou superioridade numérica. Se eu pretendo que o jogador não procure essas zonas, se eu quero uma transição em profundidade, eu, naturalmente, que vou criar dificuldades nas zonas que eu não quero que eles procurem, isto vai ao encontro daquilo que na minha perspectiva é fundamental no processo de treino que é a criação de estímulos no exercício, seja de que forma for, e eu acredito que criando situações numéricas favoráveis e desfavoráveis é um instrumento muito importante com aquilo que acontece no jogo, naturalmente, e os espaços, os espaços livres como disse e número de jogadores e eu acho que é muito importante que nós consigamos através do exercício potenciar comportamentos, sem que tenhamos de dizer aos jogadores o que eles têm de fazer, ou seja, que o exercício, por si só, consiga, orientá-los num determinado comportamento, estimulando-os num determinado comportamento. Mas, para isso, nós teremos de gerir estas variáveis, que são número de jogadores, espaços livres, espaços ocupados, espaços fechados e, portanto, eu acho que esta é uma ideia que nós temos de levar para o processo de treino, invariavelmente, portanto, em relação à pergunta que me fez eu acho que a operacionalização da organização defensiva e da transição ofensiva são muito importantes através destas variáveis, independentemente da forma</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>como eu quero que a transição ocorra, porque estas variáveis são transversais ao treino de futebol, sendo para mim fundamentais o espaço e o número de jogadores. Provavelmente, também, entra aqui a questão da tomada de decisão e na tomada de decisão está também dependente do tempo que tem disponível, portanto, estão todas interrelacionadas, mas sendo o jogo um jogo de espaços, o fundamental é eles perceberem onde é que estará o espaço livre e aonde é que estará o homem livre para poder optar pelo comportamento que nós pretendemos que eles optem.”</p> <p>T7 “É uma preocupação fundamental. Eu enquanto treinadora a minha preocupação é ter uma ideia de jogo que seja concretizável com sucesso pelas minhas equipas e, por isso, como disse anteriormente tenho de ter uma dinâmica de princípios dos quatro momentos do jogo, muito fluida e muito equilibrada, isto não quer dizer que a minha ideia de jogo varie em relação às equipas que eu tenho mas, tem tudo a ver com a distinção entre o futebol que eu gosto e o futebol que eu preciso de treinar, porquê? O futebol é físico é lógico, é prático, é exequível e quando nós não temos sucesso nós temos de ter essa capacidade de perceber que temos de ajustar os nossos princípios para que, progressivamente, a gente consiga chegar a um nível top. E eu aprendi isto porque eu estava no Futebol Clube do Porto com um nível técnico maravilhoso e fui para um contexto do Futebol Clube da Foz onde o nível técnico dos jogadores era muito baixo e foi aí a minha maior aprendizagem, porquê? Porque a minha ideia de jogo, o</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>futebol que eu gosto, não mudou, mas aquilo que eu tive de fazer no treino teve de mudar muito, para quê? Para eu conseguir ter equipas com algum sucesso, o que é que eu queria dizer? Queria dizer que se eu tenho um jogador com debilidades técnicas ao nível do passe eu tenho de conseguir ter uma ideia de jogo, por exemplo, simples, mas sobretudo, não é simples de ser fácil, simples que me permita que ao longo do tempo o jogador vá crescendo, a equipa vá crescendo com sucesso, porque eu não acredito muito quando as pessoas dizem que nós temos de jogar por um ideal, mas o ideal é o sucesso da realização, e o sucesso e a realização não é só defender e vou estar aqui com muitos jogadores atrás da linha da bola e não jogamos, isso não é jogar, o jogar são os quatro momentos do jogo. Outra coisa é nós irmos jogar contra uma equipa que nos obriga a estar muito tempo a defender, isto são duas coisas diferentes. Mas com a nossa ideia nós devemos ter a capacidade de dizer assim: eu gosto deste futebol e eu quero que os meus jogadores gostem deste futebol e eu para fazer com que os jogadores gostem deste futebol eles têm de ter sucesso. Eles não podem apanhar 20-0, porque se apanharem 20-0, não tem a ver com os golos sofridos, tem a ver com não houve proveito, não houve qualidade, não houve emoções positivas para quem sofre 20 golos. Isto porquê, por muito que seja difícil, por muito desnível das equipas, há sempre alguma coisa que nós conseguimos fazer. Então, esta tem sido uma das questões que eu nos últimos anos tenho debatido muito que é o lado pragmático das coisas. Eu gostava de jogar, imagine,</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>como ao Futebol Clube Barcelona, um futebol apoiado, mas eu sei que para jogar esse jogo eu tenho de ter um conjunto de coisas que eu preciso de as construir e para as construir, nós todos percebemos que temos de ter sucesso nas coisas, claro. Depois há muitos treinadores que dizem, nós treinamos isto, mas, depois, não conseguimos fazer na competição, porque o treino não é a competição, mas o treino tem de ser a competição, o que é queremos dizer com isto? Eu no treino posso isolar o que eu quiser, eu no treino tenho uma taxa de sucesso no passe muito grande, nem que seja, imagine, os meus jogadores têm muita dificuldade de passe, eu faço só passe curto dois a dois, frente a frente, a bola vai menos vezes fora do que no jogo, claro, não hánão há dificuldade. Mas o jogo não é isso, é preferível ter situações jogadas em que o passe é privilegiado, e o passe ... a bola vai mais tensa, menos tensa em função das circunstâncias, esta foi a maior aprendizagem que eu tive em contextos de treino de maior debilidade técnica e é uma aprendizagem que eu levo para as minhas equipas, que agora têm qualidade técnica e eu uso os mesmo princípios, que é , mesmo no feminino, se a minha equipa tem dificuldade em fazer passe longo eu não posso em transição ter uma transição que me exija passes de 20/30 metros para o espaço, a intenção é muito boa, pode estar lá, mas eu não tenho ninguém com passe com qualidade, é a mesma coisa de eu desejar ter uma coisa que não consigo concretizar e ter a ideia de que eu não sou boa no passe longo, eu tenho de tirar a bola da pressão, então eu se calhar tenho de ter dois, três quatro apoios curtos, onde eu sou capaz de</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>fazer com sucesso, isto é, o sucesso de tirar a boal...acontece , tendo em conta a qualidade na tomada de decisão, aquilo que eu aprendi foi: se um jogador já é difícil de executar se tiver coisas muito difíceis para pensar ainda mais difícil é, não e? Portanto quando nós temos um jogo simples que é tens três quatro apoios, agora só tens de jogar em função da pressão, mas há quem diga assim, mas se eles são assim tão maus eu decidi que eles ainda são piores, mas se eles forem maus a executar e a decidir é difícil, se eles forem maus a executar vão ficar melhores a decidir, porquê? Porque se nós tivermos três opções e treinarmos a tomada de decisão, a tomada de decisão treina-se como outra capacidade qualquer e, por isso, quando nós treinamos equipas que não são tão evoluídas ou dotadas tecnicamente, nós temos de criar condições de realização, porque, eu vou dar-lhe um exemplo. Nós nas seleções encontramos equipas, em todo o lado, não encontramos equipas com pontos fortes e pontos fracos e quando nós fazemos análise ao adversário, imensamenteverifico que esta equipa deixa muito espaço aqui , espaço acolá. São frágeis nisto, são frágeis naquilo, só que isso não chega para nós termos sucesso, porquê? Porque o espaço imagine, jogámos recentemente com os EUA, os EUA tinham as suas debilidades mas, nós não tínhamos capacidade para conseguirmos fazer aquilo, que era, o espaço que deixavam era do lado contrário, exigia dois três passes numa sequência muito rápida para conseguir aproveitar aquele espaço e, em termos práticos, nós não conseguíamos fazê-lo, nós sabíamos qual era a</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>fragilidade, nós podíamos ter a intenção mas em termos de ...nós não íamos conseguir concretizar. E nós quando vamos para um jogo e dizemos à equipa, isto, isto e isto, mas depois as coisas não são possíveis porque não o conseguirmos fazer, isto gera um conjunto de frustrações que não são realizáveis, por isso é que eu digo que a ligação dos quatro momentos é fundamental. E as transições, para mim, os momentos que nos últimos anos ganharam maior destaque porque até há pouco tempo as pessoas não pensavam nas transições, as transições era perdia-se bola ou baixava-se ou alguém ia pressionar e enquanto se ganhava a bola era atacar o espaço, fosse para onde fosse, agora vemos equipas que são muito mais inteligentes a reconhecer espaços, a reconhecer se vão para a frente ou para trás e porquê? Porque isso foi um ganho que a maioria das equipas tiveramda ideia de jogo e da ligação entre o momento ofensivo e o momento defensivo e este lado das transições é tão importante como o ofensivo e o defensivo e, por isso, quando me pergunta a importância do momento, a importância é fundamental, as transições são fundamentais. E até lhe digo mais, que as transições são muito mais complexas de trabalhar, contrariamente ao que muita gente diz, as transições são fáceis, quando nós não as trabalhamos como consequência de ligação, isto é, as transições para mim são ligações.... São quase como mediadores entre a maneira como nós queremos atacar e a maneira como nós queremos defender e como todo o trabalhador do mediador obriga a grande flexibilidade, digamos, agilidade naquilo que são as ligações e, portanto, as transições são muito difíceis de</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>trabalhar no meu entendimento, por dois motivos: primeiro, quando nós temos um grande princípio na transição, por exemplo reação à perda da bola, as pessoas dizem, nós temos sempre uma forte reação à perda da bola, mas isto não me diz nada, o que é uma forte reação à perda da bola? É pressionar em cima? É dar dois passos atrás? É compactuar bloco atrás? Isto que é a qualidade das decisões coletivas é que me vão dizer a mim o que é uma forte reação defensiva. O que é uma reação rápida ao ganho da bola? O que é isso? para mim pode ser jogar para trás, pode ser jogar para a frente depende do contexto e depende daquilo que nós queremos fazer e, portanto, hoje em dia, por isso eu digo que são o mais difícil de trabalhar por esta questão por um conjunto de rótulos que existem ou de títulos que as pessoas não pensam na organização ofensiva e defensiva e que a transição tem de ser ali a ligação entre estes momentos, portanto, apanham o chavão de que o meu princípio é a reação forte não me diz nada. Uma reação forte ao ganho da bola também não me diz nada, é a qualidade dessa transição que é eu quando ganho a bola eu quero reconhecer aonde é que eu tenho espaço, isto já me diz que a equipa vai ser inteligente em função da sua capacidade de leitura de jogo, se vai jogar para a frente, se vai jogar para trás, porque tem de reconhecer que o princípio de reação ao ganho da bola é o reconhecimento, é ter um critério, é reconhecer quea pressão do adversário, porque se existe a pressão alta do adversário o espaço disponível é na frente, se o adversário baixa o espaço que existe é ali, quando á uma forte reação ao ganho da bola, tem a ver com isto, é eu</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>ter de reconhecer se tenha de jogar para trás ou se tenho de jogar para a frente. E quando é a transição defensiva e ofensiva estão relacionadas com ou tirar a bola para trás ou dar um chutão para a frente e ..por isso é que eu digo que a transição é difícil de trabalhar.....pelos chavões que existem em relação aos momentos e depois por outro motivo: As transições dependem muito de um impulso (tem de ser um pouco mais) individual na reação, isto é, o jogador que perde a bola tem um click de 5 segundos para pressionar a bola, se não o fizer o tempo ...mínimo já é diferente, ,,,,pelo menos eu costumo trabalhar nas minhas equipas,.... Por exemplo, perdemos a bola, quero que o jogador que perdeu a bola que faça pressão para impedir que ... há um passe de vinte metros para trás, o que é que a equipa tem de decidir? Baixar, compactar? e esta leitura é que gera um código entre a equipa que me permite, ou não, ser agressiva na transição. O outro motivo pelo qual as transições são difíceis de trabalhar é este lado mais individual nas transições que tem de ser consequência da grande intenção coletiva, isto é, eu na organização defensiva eu digo quero circular a bola no sentido contrário à pressão do adversário, isto é um princípio e isto faz com que eu tenha de saber qual é o sentido da pressão do adversário em termos coletivos. Na eu digo assim, nos temos e pressionar a bola, impedir que..., quando a equipa adversária ganha a bola e faz um passe para o lado, para o lado e um passe para trás, o timing da pressão, o momento da pressão aconteceu, depois disto houve uma retirada da pressão onde nós já não temos grandes hipóteses ou probabilidades de ganhar a</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>bola, se não temos, nós temos de entrar em organização defensiva e este reconhecimento da equipa é que é muito difícil, o jogador que vai perdeu a bola e reage rapidamente à perda, os jogadores mais próximos que fazem as coberturas têm de tentar ganhar a bola, mas o resto da equipa tem de perceber que tem de baixar, porque se houve uma passe os colegas não chegaram no timing certo para a pressão, se não chegaram no timing certo para a pressão nós já temos de fazer outra coisa, está a entender? Este lado mais individual, mais de pormenor é super difícil de se trabalhar nas equipas, não em termos de treino, mas é muito difícil fazer acontecer na competição esta forma genuína, um jogador perde bola, a equipa reconhece que a bola está na lateral e tenta pressionar toda a gente compacta, mas depois há uma bola tirada da pressão e a equipa tem de reorganizar com as duas linhas mais baixas a baixar claramente e as da frente a impedir que se jogue numa determinada zona, isto é, na transição há duas ou três coisas que não são iguais, pelo menos no meu entendimento, isto +e, para nós sermos agressivos na transição defensiva, nós temos de reconhecer diferentes coisas e, portanto, a transição para mim é mais difícil trabalhar porque precisa de uma mudança de atitude rápida, quer ofensiva quer defensiva, e precisa de muita inteligência, em termos ofensivos e defensivos também é preciso mas quando nós perdemos a bola, o jogador que faz a pressão não reconhecer que tem que ir a bola para conter ...ou para que joguem só para trás, este jogador vai desgastar.se imensas vezes a fazer um esforço que não é necessário fazer, portanto, a equipa, nós queremos</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>pressionar na lateral que o jogador chegue no timing e não deixe o lateral bater a bola para a frente, mas se esse jogador não vai conseguir chegar, a equipa, a linha defensiva, tem de reconhecer que ele está atrasado, que é uma questão de segundos e tem reconhecer que tem de dar logo três ou quatro passes atrás para conseguirem chegar a tempo se a bola for batida e, portanto, este é um momento muito difícil de trabalhar porque trabalhamos em milésimos de segundo e são estas situações de treino que nós temos de ter de saber criar para que depois elas no jogo se repercutam, mais do que criar, nós temos de fazer muitas vezes e, portanto, estas duas coisas, que, para mim, fazem das transições os momentos mais difíceis de trabalhar nas equipas porque requer muita inteligência quer do primeiro jogador que faz a pressão, quer da linha intermédia que tem de perceber se faz cobertura ao jogar mais alto para fazer a pressão ou se baixa para ganhar as segundas bolas porque a bola vai ser batida e esta leitura não é uma leitura que se faz só individualmente, se for só um jogador ou dois a fazer isto não dá certo, e tem de ser muito sintonizado porquê? Dou-lhe um exemplo, se a linha defensiva, a linha de quatro tem de saber se sobe ou se baixa, basta um baixar quando os outros estão a subir porque já sabemos que a bola for batida está a pôr os adversários em jogo, se esta linha de quatro não está entrosada é muito difícil e quando isto no momento defensivo também acontece e fácil o defesa adversário num toque pôr a bola a 30 metros, logo quando a decisão passa por subir ou descer, estamos a falar de decisões de 4, 5, 6 jogadores em segundos, isto para</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>dizer o quê? As transições a serem bem trabalhadas para conseguirmos ter sucesso nesta leitura e na concretização, chegar a tempo nos timings da pressão, chegar a tempo na cobertura, chegar a tempo de perceber que, é pá vou chegar atrasado à cobertura, vou baixar, e este tipo de leituras são leituras requerem muita inteligência e muita variabilidade no exercício, quando eu faço um trabalho para a transição eu não posso ter só um trabalho em que o adversário só me bate a bola, porquê? Porque às vezes a bola entra no meio e os jogadores não têm de decidir nada, ir para tentar impedir que batam e eu tenho de ter exercícios em que acontecem várias coisas que a minha linha defensiva subiu quando deveria baixar, eu paro exercício e digo: porque é que nós não baixamos? Leram mal o timing da pressão do nosso jogador sobre o portador da bola, temos de sintonizar. Por isso é que eu digo é muito exigente, as transições são muito exigentes para conseguir fazê-lo com sucesso e, portanto as transições são um momento muito importante na sua conceção e muito importante na sua concretização por estes dois aspetos que referi.</p> <p>Sim, claro que sim. São momentos que estão ligados. A maneira como eu defendo, nós normalmente, os meus princípios, defendemos com fechos de espaços, com coberturas constantes em função da bola, reconhecendo alguns timings e criando alguns contextos de pressão muito específicos. Normalmente são contextos em que nós treinamos com equipas, bolas na lateral, passes longos, trabalhar a antecipação à bola</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>onde identificados um conjunto de critérios de espaço/tempo e de condições, circunstâncias e fazemos que nesses contextos nós consigamos sempre ser mais agressivos e tentar ganhar a bola para a recuperar e, em função disso, nós trabalhamos a transição ofensiva que é, nós não podemos treinar a transição sem pensarmos como é que vamos trabalhar para recuperar a bola porque senão é um momento feito no vazio, portanto, imagine, eu nas minhas equipas trabalho muito por antecipação nos corredores laterais, isto é, sempre que há um passe longo da central para a lateral do adversário, sempre que esse passe puder ser antecipado, isto é, mais do que deixar o adversário receber é obrigar a tentar antecipar seja a nossa avançada seja a extremo, depende como estivermos a jogar, procuro antecipar e o mesmo acontece na zona da nossa lateral, o que é que isto exige? Exige que haja uma cobertura constante quer da defesa central quer da média, quer das médias do lado da bola e isso faz com que muitas das vezes nós tenhamos condições de risco, digamos assim, nós vamos tentar antecipar mas, às vezes, não conseguimos, e isto são coisas que marcam muito, normalmente, as jogadoras, que é vão uma vez a bola passa por cima, ou tento ir ganhar e não ganhei e depois ficam com medo, mas nós investimos muito nisto que é mais vale ir e tentar ganhar e se não ganhar tens aqui a cobertura da lateral da média para te fazer a cobertura mas nós investimos para se antecipar e, em função disso, nós sabemos que temos condições de ganhar a bola, se tudo correr bem, temos condições para ganhar a bola na lateral, o que é que isto implica? Implica que a maioria</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>das vezes fazemos um passe lateral para tirar da pressão mais do que entrar logo pela frente, isto é, se eu ganho a bola no corredor lateral, não há espaço, quase que não há dupla lateralidade, eu se ganho a bola no corredor esquerdo, a lateralidade que existe é pela direita e pela frente e por trás e há um dos sentidos que fica comprometido que é a falta de espaço pela linha lateral e, portanto, eu tenho de trabalhar um bocadinho isto, no sentido de preponderante, eu nos treinos trabalho nestas zonas e nestas condições para muitos ganhos de bola no corredor lateral em que nós lateralizamos muitas vezes ou pela frente ou por trás, fazemos essa ligação, mas fazemos com que isto seja consequente da maneira como nós defendemos, porque não vou trabalhar uma transição sem perceber por esta maneira como nós defendemos de pressionar mais nos corredores laterais, isto tem efeitos na forma como nós vamos transitar, na zona em que ela acontece, tem efeitos, muitas das vezes, a nossa jogadora lateral e a nossa extremo que antecipam estas bolas têm de ter apoios rápidos e fáceis, nos três sentidos à frente, de lado e , apoios fáceis e rápidos que permitem decidir em função da pressão. Porquê? Se eu digo à minha jogadora lateral, olha pressiona, a bola vem no ar tu tenta antecipar e ela tenta ganhar a bola e depois não tem apoios fáceis para jogar, só tem, olha, mete no espaço, acaba por ser uma transição que não tem fluidez porque não tem condições de realização de sucesso, porquê? Porque nós temos de dizer, a lateral vai, vais investir, tens coberturas no caso seja ultrapassada, e essas coberturas...são os apoios mais rápidos e fáceis para tu num toque pões a bola a</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>sair daqui e já estás disponível para jogar. Porquê? Porque eu também tenho de reconhecer que um jogador ou uma jogadora, faz uma antecipação para ganhar uma bola tenha um desgaste quer cognitivo, quer emocional, quer físico, muito grande e que não pode ser esse jogador que vai fazer um corredor de 20 metros como padrão para a minha transição ofensiva, tem de ser um jogador que depois dessa exigência explosiva, solta a bola e dá apoio e torna tudo muito mais fácil.</p>
<p>(Operacionalização da transição ofensiva)</p>	<p>T1 “Eu tenho muito dificuldade em responder a isso, porque eu não vejo a transição ofensiva como um momento isolado. Ok, quero fazer esta transição ofensiva, então vamos preparar a nossa organização ofensiva desta forma, não, não é um momento isolado. Eu gosto de pensar as coisas, lá está, como um todo, de que forma, como é que é o nosso jogo, como é que queremos jogar? E, então se queremos jogar desta forma, vamos defender desta forma, ou queremos preferencialmente atacar desta forma e quando atacamos o que é que fazemos a seguir a perder a posse de bola, e quando estamos em organização defensiva, estamos onde? Em que zona? Com quantos jogadores? Quais são as zonas preferenciais para recuperar a posse de bola? E, a partir daí, a transição ofensiva surge em função disso, porque se eu estou com uma linha baixa, o meu bloco está completamente baixo, o meu ponta está ainda mais baixo, a meio do meio-campo, o meu ponta de lança, imagine-se, a transição ofensiva significa que, no momento de recuperar a bola, eu estou numa zona</p>

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>extramente baixa, sem jogadores com capacidade para, ou melhor, condiciona muito aquilo que é a minha transição ofensiva. Ao invés, se eu pretendo fazer uma pressão muito alta que tenho a minha primeira linha de pressão lá bem em cima, encostada na área adversária, a minha linha de 4 está a pisar o meio-campo, o momento em que vamos recuperar a bola, seguramente, vai ser completamente diferente, vamos recuperá-la no meio campo ofensivo, podemos condicionar a progressão do adversário por dentro por fora, podemos recuperá-la nos corredores e a transição ofensiva tem de ser em função disso. É isso que nos pretendemos, pretendemos pressionar alto? Pretendemos recuperar a posse de bola onde e com quantos jogadores? Quantos jogadores mobilizados para essa zona de pressão? E a partir daí a transição ofensiva surge de uma forma que contempla essas condições. Ou seja, imagine-se que nós queremos recuperar a bola lá em cima no corredor e por fora, no corredor lateral e primeiro terço de construção adversário? Ok, então, a nossa linha de 4 vai estar subida o nosso quadrante vai estar fechado no corredor lateral que todos os jogadores sejam mobilizados para lá e , se recuperarmos a bola na zona previamente definida, estás perto da baliza adversária, estamos a mobilizar muitos jogadores para a zona de pressão temos de ter o lucro deste gasto de energia e o lucro é estarmos perto da baliza no momento de recuperarmos a posse de bola e atacar rápido a baliza, se possível. Estou-me a fazer entender? Deixa-me que eu te diga o que entendo por transição ofensiva, e choca-me pessoalmente ouvir muitas pessoas a falar de transição ofensiva como um</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>acontecimento alargado no tempo. Para mim, na minha cabeça, segundo aquilo círculo temporal de momentos do jogo, as transições são momentos, breves, e são quantos segundos? Um, dois, vinte segundos? Não, são momentos suficientemente claros, para que nós possamos definir o que é pretendemos fazer, qual é a intenção da equipa, ou seja, uma equipa não tem a posse de bola, recupera a posse de bola e a partir que tem a bola controlada começa a transição ofensiva, a partir do momento em que é claramente perceptível o que é que o jogador que está em posse de bola pretende fazer, acabou a transição ofensiva e começou a organização ofensiva, em ataque, portanto, as fases do jogo de ataque quanto tem a posse de bola e em defesa quando não tem a posse de bola, é tão claro como isto e, depois há os momentos da transição, que as mudanças, transitar da fase ofensiva para a fase defensiva e vice-versa. São momentos breves no tempo que permitem identificar qual é a intenção, transição ofensiva é o momento após recuperar a bola que permite identificar se é feita de uma forma agressiva, vertical, procurando a profundidade ou, ao invés, como eu dizia no outro bloco, é perfeitamente identificável que eles querem ter comportamentos de manter a posse de bola. Quer do jogador que a recuperou quer da equipa toda como um colectivo. E, depois, entramos, na organização ofensiva ou na organização defensiva, em ataque ou em defesa, portanto, a mim choca-me, pessoalmente choca-me, é mesmo uma palavra boa, quando eu oiço que esta equipa marcou golo em transição ofensiva, ninguém marca golo em transição ofensiva, a transição ofensiva</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>são momentos em que ele define quando recupera ou perde a posse de bola. E as equipas podem marcar golo em contra-ataque, ataque rápido e em ataque posicional. Ninguém marca golos em transição. Isto a mim choca-me, é uma coisa conceptual, porque fala-se nessas coisas sem se definir o que é a coisa que estamos a falar. O que é transição, ou que é contra-ataque? O que é um ataque rápido? Como é que diferencia um ataque rápido de um contra-ataque? Para mim estão muito claras estas noções, uma equipa que joga preferencialmente em contra-ataque e uma equipa que joga preferencialmente em ataque, são coisas diferentes. Para mim, porque eu tenho isto muito claro na minha cabeça.</p> <p>T2 “Como lhe disse, pelos posicionamentos dos jogadores que estão mais afastados do centro do jogo e, portanto, aqueles que estão mais afastados da bola sabem que devem bascular para junto dos colegas, fechar espaços interiores mas há jogadores que estão claramente preparados para na conquista da bola, interpretarem o momento mais rápido, mais vertical de transição ofensiva, é preparado dessa maneira, estou a falar dos posicionamentos e depois é preparado através de algumas dinâmicas e de alguns conjuntos de regras, estamos a falar, por exemplo, quando nós ganhamos a bola e há um adversário, por exemplo num corredor lateral, aquilo que nós pedimos aos nossos jogadores é que tirem aquela bola dali, o mais rápido possível e que não seja de forma individual, ou seja, normalmente se eu ganho uma bola a um adversário eu estarei rodeado de 2, 3 ou 4 jogadores adversários e se eu tirar aquela</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>bola dali através de uma passe, seja vertical ou de fora para dentro eu estou a eliminar três ao quatro adversários do centro do jogo e a deixá-los para trás e, portanto, se eu tento fazê-lo em drible, passar um, é possível, passar dois pode até ser possível, mas se estão ali mais três ou quatro e o espaço e o tempo é tão pouco, nós acabamos de conquistar a bola e de perdê-la de imediato, portanto, essa é uma das regras, tirar logo a bola da zona de pressão e, depois, através de situação de passe constante, queremos que os três corredores fiquem ocupados, nós queremos que os três corredores quando nós estamos a progredir na direção da equipa adversária, numa transição ofensiva, queremos sempre que os três corredores, o central e os laterais estejam ocupados com jogadores e os nossos jogadores quando nós trabalhamos os princípios da nossa transição ofensiva, sabem isso, e eu sei que a bola é o que mais adversários. Portanto se a bola entrar no corredor direito e um jogador conduzir a bola sujeita-se, quanto mais tempo ele tem a bola há a aproximação o adversário e sujeito a perdê-la ou que lhe façam uma falta e o momento que pode de ser de vantagem para nós perde-se, precisamente, porque houve um excesso de individualismo, portanto, a noção que nós temos é que quando a bola entra no corredor naturalmente, a bola é um fator atrativo do adversário, vai chamar adversários e quando esses adversários estão a chegar a esse corredor se nós tivermos elementos nos outros corredores é tirarmos a bola dali constantemente, quase no jogo do gato e do rato, até chegarmos à baliza adversária, portanto, tirar da zona de pressão, três</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>corredores ocupados, progredir através de passe para que cheguemos à baliza adversária de forma melhor e mais sustentada, não deixando de lhes dizer que quando eu ganho a bola e se consigo isolar um colega de forma vertical através de um passe e que ele faça golo essa é a melhor transição ofensiva do mundo, ponto final, parágrafo. Quanto menos elaborada, quanto mais rápida e direta melhor, é isso que nós procuramos “...” “Como lhe disse, pelos posicionamentos dos jogadores que estão mais afastados do centro do jogo e, portanto, aqueles que estão mais afastados da bola sabem que devem bascular para junto dos colegas, fechar espaços interiores mas há jogadores que estão claramente preparados para na conquista da bola, interpretem o momento mais rápido, mais vertical de transição ofensiva, é preparado dessa maneira, estou a falar dos posicionamentos e depois é preparado através de algumas dinâmicas e de alguns conjuntos de regras, estamos a falar, por exemplo, quando nós ganhamos a bola e há um adversário, por exemplo num corredor lateral, aquilo que nós pedimos aos nossos jogadores é que tirem aquela bola dali, o mais rápido possível e que não seja de forma individual, ou seja, normalmente se eu ganho uma bola a um adversário eu estarei rodeado de 2, 3 ou 4 jogadores adversários e se eu tirar aquela bola dali através de um passe, seja vertical ou de fora para dentro eu estou a eliminar três ao quatro adversários do centro do jogo e a deixá-los para trás e, portanto, se eu tento fazê-lo em drible, passar um, é possível, passar dois pode até ser possível, mas se estão ali mais três ou quatro e o espaço e o tempo é tão pouco,</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>nós acabamos de conquistar a bola e de perdê-la de imediato, portanto, essa é uma das regras, tirar logo a bola da zona de pressão e, depois, através de situação de passe constante, queremos que os três corredores fiquem ocupados, nós queremos que os três corredores quando nós estamos a progredir na direção da equipa adversária, numa transição ofensiva, queremos sempre que os três corredores, o central e os laterais estejam ocupados com jogadores e os nossos jogadores quando nós trabalhamos os princípios da nossa transição ofensiva, sabem isso, e eu sei que a bola é o que junta mais adversários. Portanto se a bola entrar no corredor direito e um jogador conduzir a bola sujeita-se, quanto mais tempo ele tem a bola há a aproximação o adversário e sujeito a perdê-la ou que lhe façam uma falta e o momento que pode de ser de vantagem para nós perde-se, precisamente, porque houve um excesso de individualismo, portanto, a noção que nós temos é que quando a bola entra no corredor naturalmente, a bola é um fator atrativo do adversário, vai chamar adversários e quando esses adversários estão a chegar a esse corredor se nós tivermos elementos nos outros corredores é tirarmos a bola dali constantemente, quase no jogo do gato e do rato, até chegarmos à baliza adversária, portanto, tirar da zona de pressão, três corredores ocupados, progredir através de passe para que cheguemos à baliza adversária de forma melhor e mais sustentada, não deixando de lhes dizer que quando eu ganho a bola e se consigo isolar um colega de forma vertical através de um passe e que ele faça golo essa é a melhor transição ofensiva do mundo, ponto final,</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>parágrafo. Quanto menos elaborada, quanto mais rápida e direta melhor, é isso que nós procuramos.”</p> <p>T3 “ Vou dar um exemplo prático, eu quero , tenho uma referência, já falei numa pressão alta, numa pressão mais baixa, vamos imaginar que a equipa está num bloco médio, vamos imaginar, organização defensiva no bloco médio e o exercício começa com o adversário a tacar a partir da segunda fase, ou seja, já perto do meio campo, a equipa está num bloco médio a tentar fechar os espaços interiores, vamos obrigar que era esse o objetivo, a obrigar a equipa a jogar por fora, porque aí eram zonas de pressão que nós tínhamos, vamos imaginar que a nossa equipa, ou aquele grupo estava a fazer organização defensiva, estava posicionado, em bloco médio e fechar os espaços interiores, era aquilo que era a minha intenção , a minha indicação, estávamos pressionados para fechar o espaço interior e quando a bola entrava nos corredores laterais, a equipa fazia uma pressão agressiva no corredor lateral para tentar recuperar a bola. A partir do momento que recuperava a bola eu tinha postas de entrada, vamos imaginar em vez de ser atacar a baliza, podia não ser o meu objetivo porque, depois, um dos problemas que podiam surgir com essa situação é que, vamos imaginar, em dez minutos de exercício, esses dez minutos eram mais tempo usados a atacar porque o tempo que demoravam entre recuperar a bola e atacar a baliza adversária era grande, em dez minutos de exercício a equipa, se calhar passava 10% do tempo para fazer aquilo que eu queria que era recuperar a bola e passava 90% do tempo a</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>atacar, e a prioridade do exercício deixava de ser a organização defensiva com a transição e passava a ser o processo ofensivo, portanto, para mim o meu objetivo é se a minha prioridade do exercício for a recuperação da bola e a transição ofensiva eu tenho de garantir que a grande parte do tempo do exercício, por exemplo, no exemplo que dei os dez minutos do exercício que e eu estava a criar é 90% do tempo é eles fazerem esse tipo de comportamentos associados às transições ofensivas e quero que repitam muitas vezes a sensação de recuperar e transitar rápido, ou lento, por uma porta de entrada ou uma referência, porque a ideia de criar o exercício é que se repita durante muitas vezes ou que haja uma densidade de comportamento muito grande dentro de um período que nós definimos para fazer o exercício, por exemplo, nos dez minutos em vez de fazerem quatro recuperação e transição, eu quero garantir que fazem para aí vinte recuperações com transição e se eu aumentar muito o espaço, se eu permitir que a transição ofensiva ou depois de recuperaram a bola eles têm que ocupar o espaço, a partir do momento em que recuperam a bola até atacar o espaço, se for muito longo é fácil de perceber que eles grande parte do tempo vão ficar a atacar e não a fazer aqueles momentos que eu pretendo, portanto, para operacionalizar isso garanto, neste exemplo, bloco médio , recuperam a bola no corredor lateral e têm uma porta de entrada ou têm 5 segundos para atacar o espaço, ou têm 5 ou seis segundos para alcançar um determinado objetivo, uma referência ou jogar por trás, ou jogar no guarda redes, qualquer coisa do género para que isso momento não seja mais longo</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>ou o por isso deixaria de ser a prioridade do exercício...”...” T3 “ Vou dar um exemplo prático, eu quero , tenho uma referência, já falei numa pressão alta, numa pressão mais baixa, vamos imaginar que a equipa está num bloco médio, vamos imaginar, organização defensiva no bloco médio e o exercício começa com o adversário a atacar a partir da segunda fase, ou seja, já perto do meio campo, a equipa está num bloco médio a tentar fechar os espaços interiores, vamos obrigar que era esse o objetivo, a obrigar a equipa a jogar por fora, porque aí eram zonas de pressão que nós tínhamos, vamos imaginar que a nossa equipa, ou aquele grupo estava a fazer organização defensiva, estava posicionado, em bloco médio e fechar os espaços interiores, era aquilo que era a minha intenção , a minha indicação, estávamos pressionados para fechar o espaço interior e quando a bola entrava nos corredores laterais, a equipa fazia uma pressão agressiva no corredor lateral para tentar recuperar a bola. A partir do momento que recuperava a bola eu tinha portas de entrada, vamos imaginar em vez de ser atacar a baliza, podia não ser o meu objetivo porque, depois, um dos problemas que podiam surgir com essa situação é que, vamos imaginar, em dez minutos de exercício, esses dez minutos eram mais tempo usados a atacar porque o tempo que demoravam entre recuperar a bola e atacar a baliza adversária era grande, em dez minutos de exercício a equipa, se calhar passava 10% do tempo para fazer aquilo que eu queria que era recuperar a bola e passava 90% do tempo a atacar, e a prioridade do exercício deixava de ser a organização defensiva com a transição</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>e passava a ser o processo ofensivo, portanto, para mim o meu objetivo é se a minha prioridade do exercício for a recuperação da bola e a transição ofensiva eu tenho de garantir que a grande parte do tempo do exercício, por exemplo, no exemplo que dei os dez minutos do exercício que eu estava a criar é 90% do tempo é eles fazerem esse tipo de comportamentos associados às transições ofensivas e quero que repitam muitas vezes a sensação de recuperar e transitar rápido, ou lento, por uma porta de entrada ou uma referência, porque a ideia de criar o exercício é que se repita durante muitas vezes ou que haja uma densidade de comportamento muito grande dentro de um período que nós definimos para fazer o exercício, por exemplo, nos dez minutos em vez de fazerem quatro recuperação e transição, eu quero garantir que fazem para aí vinte recuperações com transição e se eu aumentar muito o espaço, se eu permitir que a transição ofensiva ou depois de recuperaram a bola eles têm que ocupar o espaço, a partir do momento em que recuperam a bola até atacar o espaço, se for muito longo é fácil de perceber que eles grande parte do tempo vão ficar a atacar e não a fazer aquele momentos que eu pretendo, portanto, para operacionalizar isso garanto, neste exemplo, bloco médio, recuperam a bola no corredor lateral e têm uma porta de entrada ou têm 5 segundos para atacar o espaço, ou têm 5 ou seis segundos para alcançar um determinado objetivo, uma referência ou jogar por trás, ou jogar no guarda redes, qualquer coisa do género para que isso momento não seja mais longo ou o por isso deixaria de ser a prioridade do exercício.”</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>T4) “Sim, era o que eu estava a dizer, geralmente por semana nós gastamos, há um exercício específico que fazemos quase sempre todas as semanas, estamos no meio campo defensivo, atrás de uma linha, todos, e quando ganhamos a bola deixamos o adversário atacar e estamos instalados em meio campo defensivo, quando ganhamos a bola sabemos por onde queremos sair para a frente, o ponte de lança procura logo a profundidade no corredor central, normalmente quando um jogador está de frente para o jogo, ganha a bola de frente para o jogo, então quero os meus avançados a correr logo para a frente, se o meu jogador ganhou a bola e está a ser pressionado a gente procura é que o ponta de lança venha mais em apoio, se o médio está logo pressionado, imagine que ganhávamos a bola e alguém ficou de frente para o jogo em meio campo defensivo é sinal que os avançados têm de ir para a frente rápido, procurando ocupar os três corredores, normalmente , 4, 5 passes para chegar o mais rapidamente à baliza, lateralização para o lado contrário, temos preocupações todas as semanas para estimular estes comportamentos, ganhar a bola em meio campo defensivo e procurar sair rápido, se perdermos a vantagem, é a tal historia, como queremos ser uma equipa mais de organização ofensiva, ficamos com a bola e só a partir de dez passes é que podemos atacar a equipa do adversário, 4, 5 passes para chegar à frente e não conseguimos ferir o adversário, 10 passes para entrarmos em organização ofensiva. Mas, principalmente, a identificação do momento também é ficou alguém de frente para o jogo, eu estava a</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>pressionar o médio e o médio tropeçou e perdeu a bola , eu fiquei de frente, rapidamente a equipa tem de identificar que tem de ir rapidamente para a frente, não temos de voltar para trás, perdemos a tal vantagem aí vamos ficar com a bola...” “...Era como estava a dizer, quando temos a nossa equipa a defender, quando ganhamos a bola, se ganharmos a bola temos de definir o que é que queremos fazer quando a ganharmos. Onde é que ganhámos a bola? E a partir de aí o que fazer, Se ganharmos no meio campo defensivo, queremos sair rápido para a frente, atacar logo a profundidade do adversário, enquanto estivermos de frente para o jogo sem pressão nenhuma continuar a progredir se ganharmos em corredor lateral queremos a variação do centro de jogo, se ganharmos em meio campo ofensivo e em zona perigosa atacar a baliza adversária , se ganharmos em meio campo ofensivo e não tivermos vantagem queremos sair da pressão e fica r com abolam sair da pressão é dois três passes e tirar a bola do contro do jogo, Em relação à organização defensiva eu estou mais preocupado em superioridade, em cobertura em fechar os espaços, Os exercícios são quando eu já tenho a minha organização defensiva consolidada, começo-me a preocupar, a gente já sabe defender percebemos como no próximo jogo vamos estar a defender, agora quando ganharmos a bola vamos tentar fazer isto, primeiro parto da organização defensiva e depois é que vamos para a transição ofensiva mas, é como eu disse, há treinadores que se preocupam muito coma a transição ofensiva quando trabalham a organização defensiva , temos aquele jogador alto, aquele e aquele e então vamos sair</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>por ali, ei não faço tanto isso, como não é um momento de jogo que eu privilegie porque não quero ser uma equipa de transições ofensivas, eu procuro quando a minha equipa identificar espaço livre para sair, sair rápido, se perder vantagem aí, sim, começa a reorganizar. Mas, depois dos jogadores perceberem a estratégia para defender, há sempre um ou dois exercícios por semana, no último jogo ,por exemplo, nós sabíamos que o lateral esquerdo do Benfica que subia bastante e tínhamos claramente trabalhado e estudado essa situação que era: ganhávamos a bola e tínhamos de sair mais para o lado direito, ganhávamos a bola na esquerda e virávamos para o lado direito, às vezes é estratégico, mas não sou uma equipa de trabalhar muito esse momento de jogo é mais sair da pressão para ficar com bola...”...” “Sim, era o que eu estava a dizer, geralmente por semana nós gastamos, há um exercício específico que fazemos quase sempre todas as semanas, estamos no meio campo defensivo, atrás de uma linha, todos, e quando ganhamos a bola deixamos o adversário atacar e estamos instalados em meio campo defensivo, quando ganhamos a bola sabemos por onde queremos sair para a frente, o ponta de lança procura logo a profundidade no corredor central, normalmente quando um jogador está de frente para o jogo, ganha a bola de frente para o jogo, então quero os meus avançados a correr logo para a frente, se o meu jogador ganhou a bola e está a ser pressionado a gente procura é que o ponta de lança venha mais em apoio, se o médio está logo pressionado, imagine que ganhávamos a bola e alguém ficou de frente para o jogo em meio campo</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>defensivo é sinal que os avançados têm de ir para a frente rápido, procurando ocupar os três corredores, normalmente , 4, 5 passes para chegar o mais rapidamente à baliza, lateralização para o lado contrário, temos preocupações todas as semanas para estimular estes comportamentos, ganhar a bola em meio campo defensivo e procurar sair rápido, se perdermos a vantagem, é a tal historia, como queremos ser uma equipa mais de organização ofensiva, ficamos com a bola e só a partir de dez passes é que podemos atacar a equipa do adversário, 4, 5 passes para chegar à frente e não conseguimos ferir o adversário, 10 passes para entrarmos em organização ofensiva. Mas, principalmente, a identificação do momento também é ficou alguém de frente para o jogo, eu estava a pressionar o médio e o médio tropeçou e perdeu a bola , eu fiquei de frente, rapidamente a equipa tem de identificar que tem de ir rapidamente para a frente, não temos de voltar para trás, perdemos a tal vantagem aí vamos ficar com a bola...” “...Era como estava a dizer, quando temos a nossa equipa a defender, quando ganhamos a bola, se ganharmos a bola temos de definir o que é que queremos fazer quando a ganharmos. Onde é que ganhámos a bola? E a partir de aí o que fazer, Se ganharmos no meio campo defensivo, queremos sair rápido para a frente, atacar logo a profundidade do adversário, enquanto estivermos de frente para o jogo sem pressão nenhuma continuar a progredir se ganharmos em corredor lateral queremos a variação do centro de jogo, se ganharmos em meio campo ofensivo e em zona perigosa atacar a baliza adversária , se</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>ganharmos em meio campo ofensivo e não tivermos vantagem queremos sair da pressão e ficar com a bola, sair da pressão é dois três passes e tirar a bola do contro do jogo, Em relação à organização defensiva eu estou mais preocupado em superioridade, em cobertura em fechar os espaços, Os exercícios são quando eu já tenho a minha organização defensiva consolidada, começo-me a preocupar, a gente já sabe defender percebemos como no próximo jogo vamos estar a defender, agora quando ganharmos a bola vamos tentar fazer isto, primeiro parto da organização defensiva e depois é que vamos para a transição ofensiva mas, é como eu disse, há treinadores que se preocupam muito com a a transição ofensiva quando trabalham a organização defensiva, temos aquele jogador alto, aquele e aquele e então vamos sair por ali, ei não faço tanto isso, como não é um momento de jogo que eu privilegie porque não quero ser uma equipa de transições ofensivas, eu procuro quando a minha equipa identificar espaço livre para sair, sair rápido, se perder vantagem aí, sim, começa a reorganizar. Mas, depois dos jogadores perceberem a estratégia para defender, há sempre um ou dois exercícios por semana, no último jogo ,por exemplo, nós sabíamos que o lateral esquerdo do Benfica que subia bastante e tínhamos claramente trabalhado e estudado essa situação que era: ganhávamos a bola e tínhamos de sair mais para o lado direito, ganhávamos a bola na esquerda e virávamos para o lado direito, às vezes é estratégico, mas não sou uma equipa de trabalhar muito esse momento de jogo é mais sair da pressão para ficar com bola.”</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>T5 “Quer que eu dê um exemplo? Vou dar um exemplo, nós identificámos que o lateral esquerdo adversário é o elemento mais fraco, defende mal, ataca muito e defende mal. Podemos convidar a equipa adversária atacar por aquele corredor, porque sabemos que ele é um jogador ofensivo mas que depois não vai chegar lá, em termos defensivos empurramos a pressão para o corredor esquerdo deles, convidamos a atacar por aquele corredor, mas a partir do momento em que , por exemplo, o ponta-de-lança, já não está na zona dele para participar no processo defensivo, quando a linha dele seja quebrada, ele tem de cair sempre naquele corredor, ou seja, no momento da transição ofensiva a equipa está preparada para encontrar o ponta-de-lança naquele corredor, logicamente, não estando lá o lateral vai convidar o central para estar encostado com ele e o objetivo , mal recuperemos a bola é encontrar o ponta de lança, apoio frontal e o extremo contrário a atacar. É uma ideia, obviamente, depende dos adversários, das características dos adversários é apenas um pequeno exemplo onde o processo defensivo é fundamental em que o avançado participa no processo defensivo, mas depois na transição exploramos aquele corredor, que está mais vulnerável e vai estar mais destapado.”</p> <p>T6 “...No Futebol, normalmente, o futebol é essencialmente um jogo de espaços. Basicamente, eu olho para o jogo como, há três macro estruturas: tempo espaço e tarefa e a superestrutura que é a organização, que significa a relação e os jogadores e, portanto, eu em função do tipo de transição ofensiva que eu quero eu</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>vou ter de preparar a minha organização defensiva para que isso aconteça da forma como eu vou querer pretender, quer em termos estratégicos, em função daquilo que é o adversário, quer em função da minha conceção de jogo, do meu modelo de jogo. Em termos de treino eu defendo que nós podemos de uma forma mais simples trabalhar intersectorialmente, numa primeira fase, sectorialmente, numa primeira fase, intersectorialmente numa fase em que vai ser de maior complexidade, até chegarmos de uma forma mais coletiva privilegiando sempre as questões de superioridade numérica em termos defensivos para privilegiar mais transições ofensivas. O que eu quero dizer com isto? A gestão dos espaços e a gestão do número de jogadores, nossos da minha equipa da equipa do adversário, neste caso do processo de treino que eu pretendo que esteja em organização defensiva contra a equipa que estará em organização ofensiva, se o meu objetivo do treino é o momento defensivo e transição ofensiva, naturalmente que eu tenho de criar ou superioridade numérica da equipa que está a defender de forma a potenciar uma transição ofensiva uma densidade de transições muito grande, ou condicionar o espaço tornando difícil a ação dos jogadores atacantes para potenciar também uma densidade muito grande de transições ofensivas. Se eu pretender, imaginemos, uma transição ofensiva para segurança, digamos, há dois tipos de transição na minha perspetiva: a “transição para segurança”, chamada mais transição para ataque posicional em termos de método de jogo e uma “transição de risco” que nós olhamos um jogo mais</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>direto, busca da profundidade, busca de ataque à baliza adversária em que o risco, naturalmente, é maior, em que teremos uma superioridade numérica evidente e, portanto, se eu olhar para questões relacionadas com uma transição ofensiva em que privilegio uma transição ofensiva para segurança com o objetivo de garantir a posse de bola, então eu terei de privilegiar a manutenção de um homem livre no lado contrário do campo, quando a bola é recuperada num corredor, no lado contrário, no sentido de potenciar esse estímulo nos jogadores de forma a que eles percebam que há um homem livre, onde está esse homem livre? Está no lado contrário de forma a manter a posse de bola e circular a bola em segurança, se eu, porventura, pretender uma transição para risco, para profundidade, que seja vertical, então aí terei de criar condições, impor estímulos que eles percebam que essa é a solução melhor, como? Ou criando superioridade numérica, ou, pelo menos, igualdade numérica na zona em que eu pretendo que eles procurem que é a zona mais profunda do campo. Basicamente, existem algumas variáveis que nós temos de atender quando organizamos o processo de treino, mas para mim a mais importante está relacionada com a relação com o jogador, ou seja, se eu pretendo que a transição seja feita para um determinado espaço eu tenho de criar nesse espaço maior possibilidade de sucesso do que noutros espaços e aí, como? Colocação de igualdade numérica ou superioridade numérica. Se eu pretendo que o jogador não procure essas zonas, se eu quero uma transição em profundidade, eu, naturalmente, que vou criar dificuldades nas zonas que eu não quero</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>que eles procurem, isto vai ao encontro daquilo que na minha perspetiva é fundamental no processo de treino que é a criação de estímulos no exercício, seja de que forma for, e eu acredito que criando situações numéricas favoráveis e desfavoráveis é um instrumento muito importante com aquilo que acontece no jogo, naturalmente, e os espaços, os espaços livres como disse e número de jogadores e eu acho que é muito importante que nós consigamos através do exercício potenciar comportamentos, sem que tenhamos de dizer aos jogadores o que eles têm de fazer, ou seja, que o exercício, por si só, consiga, orientá-los num determinado comportamento, estimulando-os num determinado comportamento. Mas, para isso, nós teremos de gerir estas variáveis, que são número de jogadores, espaços livres, espaços ocupados, espaços fechados e, portanto, eu acho que esta é uma ideia que nós temos de levar para o processo de treino, invariavelmente, portanto, em relação à pergunta que me fez eu acho que a operacionalização da organização defensiva e da transição ofensiva são muito importantes através destas variáveis, independentemente da forma como eu quero que a transição ocorra, porque estas variáveis são transversais ao treino de futebol, sendo para mim fundamentais o espaço e o número de jogadores. Provavelmente, também, entra aqui a questão da tomada de decisão e na tomada de decisão está também dependente do tempo que tem disponível, portanto, estão todas interrelacionadas, mas sendo o jogo um jogo de espaços, o fundamental é eles perceberem onde é que estará o espaço livre e aonde é</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>que estará o homem livre para poder optar pelo comportamento que nós pretendemos que eles optem.”</p> <p>T7 “É concretizada procurando fazer no processo de treino realizando a transição sempre com o começo na organização defensiva, isto é, eu quando trabalho as transições ofensivas não faço só a transição. O que é que eu faço? Para incidir na transição ofensiva, normalmente, tenho de pôr a equipa em momento defensivo, normalmente em superioridade, seja espacial, seja numérica, seja em melhores circunstâncias para conseguir ganhar a bola do que o adversário, para que haja efetivamente as transições, mas elas começam em organização defensiva, para quê? Porque se começarem já em transição não faz muito sentido, começa cedo demais. Elas têm de estar a defender para que a transição aconteça de uma forma natural e espontânea e as coisas sejam fluídas, digamos assim. Uma transição sem estar em momento defensivo para mim não é bem transição, isto é, eu posso fazer uma transição lançando uma bola para uma jogadora que está ali, vocês agora vão transitar sempre que coloco a bola, posso fazer isto <u>mas a parte fundamental de que lhe estava a falar à bocadinho do reconhecimento das circunstâncias, da tomada de decisão, aperceber-se se o colega está atrasado ou não, não acontece e isso para mim é chave na transição</u> e, portanto, a minha organização defensiva está sempre contemplada nas várias escalas (seja a nível individual, intersectorial seja a nível coletivo) em melhores condições de maneira a garantir que depois há as transições, isto às vezes passa em eu pôr uma equipa</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>melhor a jogar em igualdade numérica contra outra equipa em que eu coloco a bola em circunstâncias na equipa que tem menos qualidade, em circunstâncias difíceis, por exemplo, numa zona lateral com pouco espaço e a outra equipa transita, tira da pressão, pela frente ou por trás em função da reação ao adversário, mas de maneira a que a transição tenha um contexto, digamos assim, tenha um momento em que acontece para que eles consigam fazer a leitura, porque nós não conseguimos treinar a tomada de decisão se eles não tiverem de decidir, não é? e eles não têm de decidir se as coisas já estiverem delimitadas por nós treinador eles não vão ter de decidir se tiverem de jogar sempre para a frente, não é? Isso não é decidir isso é executar, eu tenho o ponta-de-lança à minha frente, tenho o médio do lado contrário, tenho aqui o meu defesa lateral para me apoiar, em quem é que eu jogo? Vou ter de jogar em função da pressão adversária e, para isso, eu tenho de criar condições no treino para que isto aconteça muitas vezes para que depois na competição ele o conseguir fazer... “... “...É concretizada procurando fazer no processo de treino realizando a transição sempre com o começo na organização defensiva, isto é, eu quando trabalho as transições ofensivas não faço só a transição. O que é que eu faço? Para incidir na transição ofensiva, normalmente, tenho de pôr a equipa em momento defensivo, normalmente em superioridade, seja espacial, seja numérica, seja em melhores circunstâncias para conseguir ganhar a bola do que o adversário, para que haja efetivamente as transições, mas elas começam em organização defensiva, para quê? Porque se começarem</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>já em transição não faz muito sentido, começa cedo demais. Elas têm de estar a defender para que a transição aconteça de uma forma natural e espontânea e as coisas sejam fluídas, digamos assim. Uma transição sem estar em momento defensivo para mim não é bem transição, isto é, eu posso fazer uma transição lançando uma bola para uma jogadora que está ali, vocês agora vão transitar sempre que coloco a bola, posso fazer isto <u>mas a parte fundamental de que lhe estava a falar à bocadinha do reconhecimento das circunstâncias, da tomada de decisão, aperceber-se se o colega está atrasado ou não, não acontece e isso para mim é chave na transição</u> e, portanto, a minha organização defensiva está sempre contemplada nas várias escalas (seja a nível individual, intersectorial seja a nível coletivo) em melhores condições de maneira a garantir que depois há as transições, isto às vezes passa em eu pôr uma equipa melhor a jogar em igualdade numérica contra outra equipa em que eu coloco a bola em circunstâncias na equipa que tem menos qualidade, em circunstâncias difíceis, por exemplo, numa zona lateral com pouco espaço e a outra equipa transita, tira da pressão, pela frente ou por trás em função da reação ao adversário, mas de maneira a que a transição tenha um contexto, digamos assim, tenha um momento em que acontece para que eles consigam fazer a leitura, porque nós não conseguimos treinar a tomada de decisão se eles não tiverem de decidir, não é? e eles não têm de decidir se as coisas já estiverem delimitadas por nós treinador eles não vão ter de decidir se tiverem de jogar sempre para a frente, não é? Isso não é decidir isso é executar, eu tenho</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva
 e de Transição Ofensiva**

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>o ponta-de-lança à minha frente, tenho o médio do lado contrário, tenho aqui o meu defesa lateral para me apoiar, em quem é que eu jogo? Vou ter de jogar em função da pressão adversária e, para isso, eu tenho de criar condições no treino para que isto aconteça muitas vezes para que depois na competição ele o conseguir fazer. “</p>
<p>(Métodos de jogo defensivos e sua relação com a transição ofensiva)</p>	<p>T1 “Claro que tem, já falámos disso. Claro que tem, mas deixa-me dizer outra coisa que tem a ver com isto. Há pouco, para clarificar esta ideia, à medida que os anos vão passando e nós vamos tendo mais experiências de jogares diferentes, de jogar de forma diferente porque estamos num contexto diferente, num clube diferente, com jogadores diferentes, e nos vamos cruzando com todas estas novas exigências, este jogo ideal que eu tenha na minha cabeça e que sonhava com um contexto em que pudesse desenvolvê-lo e aplicá-lo e evolui-lo eu não sei se vai ser possível porque não sei se algum dia o vou conseguir fazer e então o que tem sempre acontecido é aplicar algumas ideias fortes ou evoluir alguns princípios macro em determinados contextos e juntar outros e isto para dizer o quê, que, por exemplo, também já o disse aqui nesta nossa conversa e que me chocaria até hoje em dia, defesas homem a homem, hoje em dia ninguém faz isto, a não ser em determinadas zonas do campo, por exemplo, e nós já o fizemos esta época em que em situação de cruzamento adversário nós</p>

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>definimos uma diagonal negativa dentro da grande área, estamos falar em cruzamento no nosso primeiro terço e a nossa linha de três mais o fecho da estrutura com o médio defensivo, para fazer aquela nossa estrutura de três mais um dentro da área na situação de um cruzamento adversário, que nós temos sempre vindo a trabalhá-lo à zona, mais já aconteceu que , por exemplo, neste campeonato, contra um ponta de lança era um gajo decisivamente, que joga no Nassar do Rui Vitória é um ponta de lança que o ano passado fez 40 jogos e marcou 50 golos, uma coisa parva, e contra este ponta de lança, quando jogámos contra ele, dentro da área nós definimos marcação homem a homem, ou seja, eu queria sempre um central a tocar nele, independentemente de onde saísse o cruzamento, independentemente de onde saísse a nossa linha e da estrutura de três mais um dentro da área, eu queria sempre o ponta de lança sempre marcado homem a homem pelo segundo central, isto é se sai cruzamento deste lado, eu queria sempre o segundo central a tocar nele, porque sentimos que isto era a melhor forma de o defender, , mesmo com cruzamento e com o central, toda a gente no sitio certo ele é fortíssimo e fazia-nos golo, nós fizemos três jogos contra ele esta época e ele, em todos os jogos marcou golos de cabeça, não, um deles foi com o pé, mas foi um cruzamento a bola sobrou e depois ele encostou com o pé, mas só para dar uma ideia que aquilo que era a minha ideia claramente de defender, tivemos que alterá-la porque estávamos à procura de soluções, acima de tudo, é isto, estávamos à procura de soluções porque a forma como o estávamos a</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>fazer não estava a resultar, então no ultimo jogo que fizemos contra ele, alterámos. “</p> <p>T2” Sim, é um pouco a última coisa que eu lhe respondi, ou seja, para nós chegarmos à transição ofensiva nós temos de ser competentes a defender e para sermos competentes a defender nós temos de ter os nossos princípios bem definidos, seja alguém que sai na pressão e os colegas que façam cobertura e fechem por trás para que a bola não entre no espaço interior, seja quando alguém salta no corredor haja uma basculação da equipa seja que o bloco basculhe, derive e esteja quase sempre junto, uma linha defensiva bem alinhada para que não haja um jogador desforme a colocar gente em jogo portanto, os princípios defensivos são quanto melhor trabalhados e quanto melhor postos em prática mais a transição ofensiva se torna possível isso, para mim parece-me, inevitável. Depois em termos ofensivos foram aqueles que já lhe disse, a partir do momento que ganham a bola, são aqueles que enumerei anteriormente, tirar a bola da pressão através do passe, ou fazer chegar rápido na frente à baliza ou então tirar rapidamente a bola da pressão seja no passe, não através de iniciativas individuais, a não ser que o jogador tenha espaço para progredir , três corredores ocupados, bola a circular de corredor para corredor através de passe até chegar à baliza, há pouco não disse uma coisa muito importante que é, lá estamos nós a ligar os momentos que é quanto mais nós progredirmos no campo e nos aproximarmos da baliza adversária na transição ofensiva mais a gente</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>cá de três tem de subir à máxima velocidade para que o bloco suba todo, guarda redes inclusive, para que o bloco suba todo, para que a equipa esteja próxima e maneira a que essa transição ofensiva não for executada com sucesso, se há uma transição ofensiva que origina uma perda de bola, nós ao subirmos o bloco temos duas vantagens: lá está, estamos posicionados para uma nova transição defensiva e se formos mais rápidos a subir que os avançados adversários quando a equipa adversária ganhar a bola e olhar para a frente tem, hipoteticamente, dois três ou quatro jogadores fora de jogo, e, portanto, esse é outro dos princípios que nós trabalhamos muito, guarda-redes inclusive, tudo a manter a distância com a bola, tudo a subir com a bola, para que, lá está, para que os momentos não percam, pelo menos, em termos posicionais, o seu encadeamento.”</p> <p>T3” Eu acho que tem toda a relação, vamos imaginar, por exemplo, eu acho que, vamos diferenciar, eu sou uma defesa pressionante está-se a querer associar a ideia de recuperar rápido a bola, ou seja, tenho o controlo da bola, na transição, ou seja, recuperar rápido para o adversário não ter iniciativa e para a nossa equipa ter o controlo do jogo. Se for, por exemplo, uma defesa zona mista, esá-se à espera que acha uma zona de pressão, temos estrategicamente definidas zonas de pressão para recuperar a bola e, depois com um determinado objetivo vou atacar o espaço ou ficar com a bola, por exemplo, se for uma defesa à zona, que é um estilo de organização</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>defensiva mais passiva, temos de esperar pelo erro do adversário, eu acho que está claro perceber que é atrair o adversário, o maior número de jogadores do adversário para os abrigar a desposicionarem-se relativamente e depois aproveitar o contra-ataque, ou seja, qualquer estilo defensivo, de organização defensiva tem sempre associado, como consequência a forma de transitar”.</p> <p>T4” O método de jogo defesa zonal, seja mais lato, mais baixo, mais lateral, se é pressão nos médios, se é pressão nos centrais, se é pressão no campo todo, a defesa zonal permite-nos estar sempre mais perto uns dos outros, logo aí sair mais rápido para a frente. A defesa individual se nós temos a referência o adversário vamos ser arrastados para sítios que nós não queremos à partida, vamos ser arrastados para sítios e abrir espaços vitais na nossa organização defensiva, vamos estar mais longe uns dos outros e não vamos saber onde é que os outros estão quando ganhamos a bola porque estamos a ser guiados pelo comportamento do adversário e penso que aí não há dúvidas nenhuma que a defesa zonal é sempre a melhor para estimular a transição ofensiva, seja ela para ficar com a bola, para virar para o lado contrário porque os nossos jogadores estão a movimentar-se em função da bola e do espaço e, portanto, sabemos onde é que eles estão. Se for com referências individuais ou mistas há muitos jogadores que deixamos de ter a referência onde eles estão porque são afastados pelo comportamento dos adversários. Logo, quando a ganhamos não sabemos onde eles estão,</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>podem estar umas vezes ali, outras vezes acolá, não é um comportamento que é guiado pela <u>nossa ordem</u> coletiva. “</p> <p>T5” Não, acho que não. Não, propriamente, existem equipas que, depende do modelo de jogo, depende do treinador, obviamente. Mas temos equipas que são muito consistentes em termos defensivos, mas depois quanto têm uma recuperação da posse de bola, lenta e paciente, e que a própria transição ofensiva depois é lenta e mais paciente, mais ponderada, neste caso específico não tem uma relação direta, uma equipa que esteja bem organizada, tem de obrigatoriamente, não significa que não atacará com mais qualidade, que não terá uma transição ofensiva com mais qualidade. O sucesso do ataque ou da transição ofensiva não tem a ver com uma boa organização defensiva.</p> <p>Um defesa à zona tem muito mais possibilidade de ter sucesso numa transição ofensiva do que marcação ao homem, logicamente se seguirmos o nosso adversário para todo o lado, estamos a seguir o nosso adversário, depois para organizar uma transição ofensiva é muito mais complicado e muito mais difícil, neste caso específico tem muita influência. Numa defesa zonal para organização e transição ofensiva estaremos muito melhor organizados.”</p> <p>T6 “Na defesa individual vai-nos inibir de ter uma transição ofensiva organizada e, porquê? Eu não</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>concordo que se chame ataque organizado, pra mim é ataque posicional, porquê? Organizado deverão ser todos e aqui eu digo uma transição terá de ser organizada. Como é que nós quando estamos a fazer marcação individual ou até mista nós vamos saber onde é que estão colocados os nossos jogadores, as nossas referências de transição, porque se eu estou a fazer marcação individual eu vou estar preocupado com o jogador e, portanto, eu vou estar onde ele estiver, eu vou estar dependente da opção do adversário, eu não vou ter tempo de ver a minha referência de transição ou a referência de espaço não vai estar a ser ocupada e, portanto, eu vou estar muito dependente do adversário. A defesa mista é igual, porquê? Porque eu vou ter uma parte da equipa a defender zonal e outra individual, portanto, vou estar sempre dependente do adversário, para eu saber quando recupero a bola, como é que eu estou organizado para poder sair em transição ofensiva, onde é que estão as minhas referências de espaço e de jogadores? Que tipo de tarefa é que eu vou adotar para poder sair rápido e poder ocupar os espaços que eu quero procurar e os jogadores que eu quero procurar, vão estar sempre dependente do adversário. Na zona pressionante poderá acontecer um pouco mas é um método de jogo evoluído e as vantagens que se tem em fazê-lo, condicionar o adversário de uma forma muito pressionante, vai-nos provocar, se calhar, uma menor capacidade para definir espaços de recuperação de bola, senão, imaginemos, nós defendíamos um bloco intermédio, e definimos, como o Atlético de Madrid faz regularmente contra equipas grandes, quando era o</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>Griezmann e o Diogo Costa era óbvio, e quem viu os jogos e conseguiu estar atento a este pormenor, que o Grisman a dez e o Diego Costa a avançado centro a ideia deles era direcionar o comportamento do adversário para a linha lateral, para o corredor e aí apertavam com o adversário e, portanto, esperavam por eles, não faziam zona pressionante. Eles sabiam que iam recuperar a bola em determinadas zonas. Era muito mais estereotipado o comportamento de transição do que propriamente quando nós estamos em defesa à zona pressionante e nós tendemos a pressionar o jogador com bola e agrupar os jogadores todos nessa pressão, ou seja, é tudo muito mais imprevisível do ponto de vista de recuperação de bola do que propriamente quando defendemos com defesa à zona. Não estou a dizer que uma é melhor do que outra, o que estou a dizer é que são diferentes e que, também depende muito a opção por um ou outro método de jogo dos jogadores que se tem, e eu acredito e eu permito-me falar muito disto, porque é o meu trabalho desde há cinco anos, que é observar jogadores não apenas jogadores, nós só podemos observar jogadores se nós olharmos para o jogo na sua completude, na sua globalidade, e, portanto, nós estamos sempre dependentes dos jogadores que nós temos, para optar por uma forma de defender ou por outra forma de defender. Se eu tenho um jogador que a natureza dele não é uma natureza pressionante, temos, por exemplo, o Bruno Fernandes, sei lá, jogadores que nós reconhecemos como muito pressionantes e eu nunca vou conseguir que esse jogador adquira comportamentos de agressividade defensiva positiva para eu conseguir</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>ter uma equipa a pressionar forte e, portanto, a nossa forma de defender vai estar sempre dependente do tipo de jogadores que se tem e de atacar, naturalmente, por isso é que eu não estou a dizer que uma é melhor que a outra, estou a dizer é que existem prós e contras da utilização de uma e de outra e, em termos de transição ofensiva, vamos ganhar porque com a defesa à zona pressionante provavelmente vamos recuperar a bola em zonas mais adiantadas, em zonas em que a bola, vamos dar menos oportunidade ao adversário para poder circular tanto tempo e espaço para executar. Quando estamos a falar de zona vai haver uma maior definição das zonas de recuperação de bola, há diferenças entre as duas.”</p> <p>T7 “Nenhum existe sem o outro. Eu não posso querer criar um método de jogo, por exemplo, de defesa pressionante, se depois nós não conseguimos pressionar. Uma coisa que tenho ouvido falar é o posicionamento defensivo, uma coisa é posicionamento outra coisa é pressionar, porque pressionar implica um timing de pressão, um movimento, implica uma travagem, implica uma aceleração, quase sempre, o que termina numa travagem, que é eu chegar perto ou tentar antecipar e tentar ganhar e isso tem de ser claramente trabalhado como método de jogo mas se eu não perceber como é que o faço na prática, isto é, digamos, que é abstrato, eu vou criar situações de treino que depois vão demorar muito tempo para acontecer em jogo e a minha equipa não vai ser uma equipa que vai crescer com esse método de jogo. Nas minhas equipas, eu procuro sempre que as</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>minhas defesas para serem inteligentes têm de ler as circunstâncias e então faço, quase sempre, defesa à zona pressionante, que é: perceber quais são as circunstâncias em que temos de pressionar e perceber que aquela era uma circunstância que deveríamos ter pressionado, não pressionámos mas agora não vale a pena ir pressionar, temos de baixar. E este é um lado que a gente só o consegue se toda a gente o trabalhar como método de jogo no treino e fazer acontecer na competição, não há isto sem que nós passemos por isto no treino muitas vezes. Por algumas bolas a entrar nas costas, outras entrar no pé, vários timings defensivos, vários espaços a serem explorados, para que, nesta variabilidade a gente consiga crescer e consiga dar respostas positivas em várias situações, senão nós jogamos bem contra um determinado padrão de problemas, percebe? E isto não é o que uma equipa boa faz, uma equipa boa faz, joga bem, tem bons princípios, boas ideias e consegue concretizá-las com problemas diferentes, percebe? Contra equipas que colocam problemas diferentes e que conseguimos ser eficazes na mesma, mas isto implica o quê? capacidade de decidir bem, agilidade nos seus princípios e competência naquilo que é a concretização desses mesmos princípios.”</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

<p> (Métodos de jogo ofensivos e sua influência na transição ofensiva) </p>	<p> T1” Claro que sim...” ...”... a resposta é sempre a mesma. Eu penso nesta linha temporal e obviamente as coisas estão umas ligadas às outras, a forma como eu ataco vai definir a forma como eu faço a transição defensiva, a forma como eu defendo vai definir como eu faço a transição ofensiva, então os momentos estão todos ligados e não há forma disto ser feito de uma forma diferente, é impossível pensar na coisa de uma forma diferente.” </p> <p> T2” Tem porque são momentos diferentes e, lá está, os nossos jogadores têm de perceber esses momentos, do que é o ataque rápido, o que é o contra-ataque e do que é aquilo que é o ataque posicional quando não conseguimos pôr em prática, nenhum dos dois. E aquilo que eu dizia atrás, se me disser qual é a transição ou qual é o momento de ataque que tu preferes, num passe isolar um jogador e fazer golo, o mais rápido, e o mais simples, é o melhor. Agora, o jogo te, obviamente, um jogador que não nos permite que isso aconteça sempre e, portanto, temos de criar estratégias e, portanto, esse é o ideal, muitas das vezes nós tentamos, quando ganhamos a bola, que aquelas regras posicionais e princípios da transição ofensiva se cumpra para que a gente, não num passe, mas em dois ou três e num momento com espaço de tempo muito curto, agente consiga chegar à baliza adversária, muitas das vezes, por um erro posicional, por um passe mal feito, ou por mérito do adversário, nós ao fim de dois , três passes , não conseguimos manifestar com sucesso essa transição ofensiva e, depois, entramos aqui naquele limbo, ao fim de dois , </p>
----------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>três passes a transição ofensiva não se manifesta, as ao quaro ou ao quito passe a gente consegui fazer golo , já não é bem uma transição ofensiva mas sim já uma ataque rápido, ok? E depois de ao fim do sexto, sétimo passe se já não consegues e olhas para a frente e dizes, já não tenho a mínima vantagem, nem numérica, nem espacial, então o melhor é guardares a boa. Entre arriscar a perder a bola sabendo que as probabilidades são muito curtas, então eu vou ficar com a bola, então não manifestei uma transição ofensiva, não consegui manifestar o grau a seguir que é o ataque rápido, então vou ficar em organização ofensiva em ataque posicional e vou ter a bola.”</p> <p>T3” Eu acho que tem toda, lá está, voltamos à primeira pergunta, eu acho que os momentos estão todos associados, vamos imaginar, se, por exemplo, eu jogar num método de jogo de contra-ataque eu, por exemplo, eu no contra-ataque eu só consigo conceber que eu vou fazer um contra-ataque se a equipa adversária estiver desposicionada, se a equipa adversária, estiver, se calhar, no limite com um jogador a mais do que eu a defender, se eu atacar com quatro e eles estiverem cinco, eu não considero, mas, por exemplo, há treinadores que consideram que atacar quatro contra cinco pode ser uma boa oportunidade para fazer o contra-ataque, ou seja, mas para isto acontecer , o que é que tem de acontecer antes? Eu, enquanto equipa, do ponte de vista defensivo tenho de obrigar o adversário a pôr, pelo menos, cinco jogadores no ataque à frente da linha</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>da bola, para quando eu recuperar a bola poder cinco à minha frente para atacar, ou seja, eu acho que qualquer, e eu associo sempre os momentos, qualquer método de atacar, seja em ataque posicional, seja contra-ataque, seja ataque rápido, qualquer método tem sempre associado uma ideia, ou pelo menos, a intenção de forma como eu quero transitar para o ataque. Tenho essa perspectiva, porquê? Porque vai implicar com a forma exatamente como eu tenho que defender, o que é que eu tenho de provocar no adversário, há sempre uma associação direta.”</p> <p>T4” A eficácia tem a ver como a equipa foi trabalhada para ser forte naquilo que o treinador quer, neste caso, se o treinador quiser ser uma equipa de contra-ataque vai ter de trabalhar esses comportamentos, em cinco passes conseguir chegar à baliza do adversário, vai ter de trabalhar isso até ser eficaz. Mas se o trabalhador quiser ser uma equipa rápido já pode chegar à baliza com pouco mais em apoio, mas querendo chegar lá rapidamente à baliza adversária. Uma equipa que quer jogar mais em ataque posicional, se calhar vai recuperar mais vezes para ficar com a bola, preocupa-se mais em reorganizar com bola, para atrair o adversário mais rapidamente, quer mais o controlo da posse, mas tudo isso são transições ofensivas, eu posso transitar ofensivamente para ficar com a bola e não para contra-atacar, agora o que é que define na minha opinião esse sucesso ou insucesso? É a forma como o treinador operacionaliza e consegue passar isso para dentro do campo, junto dos jogadores, não nenhum treinador, eu</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>sou o Luís Freire, e eu quero que a minha equipa seja muito forte a tirar a bola da zona de pressão, por exemplo, o sucesso ou insucesso da minha transição ofensiva é isso. Não é chegar lá abaixo 5 passes para marcar golo, no meu caso, o que a gente prefere é sair rápido para a frente para tentes ferir a baliza do adversário, mas identificar bem o momento em que já não temos vantagem e ficamos com a bola e, a partir de aí, entrar em ataque posicional. Mas, basicamente, é isto. “</p> <p>T5 “Sim, acredito que sim. Se logicamente jogarmos com um bloco baixo, com uma linha de cinco e outra linha de quatro, logicamente que é possível trabalhar e que pode ser feito, mas acredito que, a minha forma de pensar, a melhor defesa é o ataque, e sempre com o olho na baliza adversária, mas , acredito que sim que existem sistema táticos que privilegiam e favorecem muito mais a transição ofensiva, logicamente tem tudo a ver com organização do processo defensivo , como equipa e até individualmente, mas acredito que há sistemas táticos que privilegiam e beneficiam a transição ofensiva.”</p> <p>T6 Depende daquilo que nós entendemos por eficácia e por qualidade, qualidade é um termo muito subjetivo e eficácia menos. Estou a justificar aquilo que estou a dizer a seguir. Se para alguns treinadores a eficácia da transição passa por marcar golo chegar ao último terço, no menor tempo possível, para outros treinadores a eficácia da transição é manter a posse de</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>bola para poder entrar em ataque posicional portanto, aquilo que também está relacionado com os métodos de jogo, está relacionado com isto, que é nos temos, em termos gerais, dois tipos de transição: a transição, eu na minha tese, eu fiz uma tese sobre transição ofensiva, em que eu teci um conjunto de considerações sobre quando inicia e quando terminava a transição, depois faço-lhe chegar, não sei se teve acesso, porque na altura eu peço-lhe o parêntesis mas acho que temos tempo, eu quando fiz essa tese de licenciatura, na altura, o curso era de cinco anos e nós fazíamos uma tese de licenciatura, uma monografia, a maior dificuldade que tive foi a de saber quando terminava a transição, quando começa, nós sabemos, quando há uma recuperação de bola mas, mesmo aí, repare, a transição pode ser transição interfase ou transição estado. Chamei transição estado porque é quase a passagem de um estado líquido para gasoso, basta apenas um grau que muda, é como a transição estado que significa que eu recupero a bola e faço a transição dinâmica que é uma coisa muito rápida. A transição interfase ocorre quando há uma interrupção do jogo, ou seja, há uma interrupção por falta, por bola fora, por algum motivo, uma lesão, uma paragem de jogo, porque nessa interrupção interfase, normalmente as equipas reajustam comportamentos e não há aquilo que nós chamamos de transição, que é, quando a equipa está a reorganizar-se, há equipas que nunca chegam a reorganizar-se, acabam o ataque em transição, não chegam a entrar em ataque posicional, fazem uma transição que não chegam a organizar-se em termos de ataque posicional, fazem uma transição em contra-</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>ataque ou em ataque rápido, ou seja, nós apenas temos transição ofensiva e entram logo em transição defensiva, não chegam a entrar em organização. Porquê? Porque privilegiam chegar à baliza adversária, perdem a bola frequentemente e a bola sai frequentemente e perdem a bola de forma dinâmica e, portanto, a minha grande questão nesse trabalho foi como é que eu defino o momento de terminar a transição ofensiva e entrar em organização? <u>Qual é o momento? E eu acho que se fizer essa entrevista aos entrevistados todos eu acho que ninguém vai conseguir responder. Vão perceber na percepção que têm, dar-lhe um critério objetivo, acho que ninguém vai conseguir, sabe porquê? Porque, na verdade, o futebol não é ciência, é arte, que a ciência ensina a ser melhor arte. Por isso é que fazer um trabalho científico nesta área, definir um momento de quando a transição ofensiva termina foi um desafio que eu tive e encontrei uma solução, pode não ser a solução que toda a gente concorde, mas, pelo menos, houve ali uma lógica que eu tentei encontrar e como eu entendo o futebol como um jogo de comportamentos, não um jogo de estruturas físicas, como por exemplo, há gente que considera que considera o centro do jogo como 9,15m, eu pergunto-lhe assim, nós temos 9,15m à volta da bola, isso é o centro do jogo e se nós tivermos o Cristiano Ronaldo a 15 metros completamente isolado no lado esquerdo, faz parte do centro do jogo? Se calhar, está mais dentro do jogo que os outros, que estão dentro dos 9,15 m mas estão fechados com marcações e com linhas de passe obstruídas, compreende a ideia? Portanto, estar dentro do jogo não é um critério físico e o futebol não é</u></p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>físico, é comportamento. <u>E, por isso, quando digo que futebol é um jogo de espaços é uma procura de espaços permanente, espaços livres, que nós temos de os criar e aproveitar no final.</u> E, portanto, eu defini um critério que é o critério do centro do jogo que é superioridade numérica absoluta que é ter mais jogadores dois, três jogadores que o adversário, superioridade numérica relativa que é ter mais dois ou menos jogadores e igualdade numérica positiva que é quando eu estou em igualdade numérica com o adversário mas estou de frente para o jogo e com linhas de passe disponíveis para a frente e, depois, quando eu estou a ser pressionado que é: inferioridade numérica absoluta, quando tenho menos de três ou mais jogadores quando estou num contexto que tenho muito menos jogadores que o adversário; inferioridade numérica relativa que é quando tenho menos dois ou menos um jogador que o adversário ou igualdade numérica a pressionar que é negativa, quando eu estou com o mesmo número de jogadores que o adversário de costas, ou sem linhas de passe para profundidade. Ou seja, o que é que eu defini para final de transição ofensiva em que os jogadores, a equipa para terminar a transição ofensiva teria de ter, pelo menos, três comportamentos, em situação de superioridade numérica ou de igualdade numérica positiva, porquê? Porque para mim organização ofensiva é quando existe estabilidade de comportamentos positivos. Como é que nós definimos comportamentos positivos? Quando eu tenha a possibilidade de manter a posse de bola. O que é o ataque posicional ou a organização ofensiva? É quando</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>eu tenho a capacidade de manter a posse de bola e procurar espaços livres com situações favoráveis. E, portanto, para mim, esse trabalho que depois faço-lhe chegar, transição ofensiva é quanto a equipa consegue ter comportamentos, em termos de superioridade numérica ou condições favoráveis para poder progredir, em termos de número de jogadores em relação ao adversário, aí entramos em ataque posicional, se nós conseguirmos criar é porque continuamos em transição ofensiva. Este foi o critério objetivo e depois nós fizemos uma análise do campeonato português 2006, já foi há bastante tempo, para aplicar este conceito de transição ofensiva.</p> <p>E então, o que lhe disse é que a eficácia depende daquilo que entende o treinador, a equipa, o que privilegiam e, portanto, eu posso ter dois tipos de transição: transição ofensiva para segurança, em que eu vou privilegiar ataque posicional em que o meu objetivo é garantir a manutenção da posse de bola, para iniciar um ataque posicional, momento da organização ofensiva, ou seja, os meus jogadores ocuparem os espaços familiares e poderem progredir em segurança, que é coisa que no futebol não existe, os espanhóis dizem quando há um passe longo é 50/50, nós dizemos que um passe curto e médio é um passe mais seguro que um passe longo, então o ataque posicional é considerado mais seguro para manter a posse de bola do que um ataque rápido ou um contra-ataque; depois há uma transição ofensiva de ataque rápido ou de contra-ataque que são naturalmente situações em que nós procuramos</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>buscar profundidade, verticalizar o jogo de forma a menos jogadores participarem na ação, a ser mais rápido, os espaços que buscamos são os espaços de profundidade no campo e, portanto, estas equipas privilegiam uma transição para risco, mais risco, para procurar a baliza adversário mais rapidamente e tentar que o adversário não se organize, enquanto eles não chegam ao último terço. Se, porventura, o adversário organizar e eles não perderam a bola a equipa depois entram em ataque posicional. É o que, normalmente, acontece. Portanto, tem normalmente relação entre os métodos de jogo que equipa privilegia e o tipo de transição que vai optar, que são coisas indissociáveis na minha lógica. “</p> <p>T7” Nenhum existe sem o outro. Eu não posso querer criar um método de jogo, por exemplo, de defesa pressionante, se depois nós não conseguimos pressionar. Uma coisa que tenho ouvido falar é o posicionamento defensivo, uma coisa é posicionamento outra coisa é pressionar, porque pressionar implica um timing de pressão, um movimento, implica uma travagem, implica uma aceleração, quase sempre, o que termina numa travagem, que é eu chegar perto ou tentar antecipar e tentar ganhar e isso tem de ser claramente trabalhado como método de jogo mas se eu não perceber como é que o faço na prática, isto é, digamos, que é abstrato, eu vou criar situações de treino que depois vão demorar</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>muito tempo para acontecer em jogo e a minha equipa não vai ser uma equipa que vai crescer com esse método de jogo. Nas minhas equipas, eu procuro sempre que as minhas defesas para serem inteligentes têm de ler as circunstâncias e então faço, quase sempre, defesa à zona pressionante, que é: perceber quais são as circunstâncias em que temos de pressionar e perceber que aquela era uma circunstância que deveríamos ter pressionado, não pressionámos, mas agora não vale a pena ir pressionar, temos de baixar. E este é um lado que a gente só o consegue se toda a gente o trabalhar como método de jogo no treino e fazer acontecer na competição, não há isto sem que nós passemos por isto no treino muitas vezes. Por algumas bolas a entrar nas costas, outras entrar no pé, vários timings defensivos, vários espaços a serem explorados, para que, nesta variabilidade a gente consiga crescer e consiga dar respostas positivas em várias situações, senão nós jogamos bem contra um determinado padrão de problemas, percebe? E isto não é o que uma equipa boa faz, uma equipa boa faz, joga bem, tem bons princípios, boas ideias e consegue concretizá-las com problemas diferentes, percebe? Contra equipas que colocam problemas diferentes e que conseguimos ser eficazes na mesma, mas isto implica o quê? capacidade de decidir bem, agilidade nos seus princípios e competência naquilo que é a concretização desses mesmos princípios.</p> <p>T7” Está ligado, um ataque posicional ou um ataque rápido ou um contra-ataque, seja o que nós quisermos, tem de ter a ver com a maneira como nós queremos</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>atacar, porque se nós fizermos sempre um ataque rápido, isto tem implicações na maneira como nós vamos atacar, o ataque rápido eu normalmente não vou ter discernimento suficiente para conseguir pautar o jogo e criar vários ritmos do jogo no momento ofensivo e, porquê? Provavelmente vou ter situações de um maior risco nessas mesmas situações, vou ter uma situação de maior risco que muitas das vezes me vai implicar um tipo de coisas que em termos ofensivos, pois também lhe gido, aquilo que é uma opinião muito pessoal, é dizer-lhe que as transições ofensivas e o momento ofensivo são muito próximos, isto é, próximos nas solicitações. Nós no momento defensivo para criarmos contextos de pressão, fazermos uma zona pressionante, nós nas transições defensivas temos de utilizar quase os mesmos gatilhos, princípios, os mesmos indicadores, porque se a gente na transição faz exatamente coisas muito diferentes, por exemplo, transição ofensiva tirar a bola do centro do jogo e de modo contrário à pressão do adversário, é o mesmo princípio do ofensivo. Portanto, a concretização é que é diferente. Os gatilhos, os critérios são os mesmos e isto faz com que haja uma grande fluidez entre os 4 momentos, porque se você pede coisas muito diferentes provavelmente a fluidez vai ser mais difícil de alcançar, o sucesso é mais difícil de se conseguir e há muito mais conteúdos a serem absorvidos por uma equipa e, portanto, em três meses não está a evoluir aquilo que poderia evoluir se estes critérios fossem muito parecidos.”</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

<p>(Os Sistemas táticos e a sua relação com a transição ofensiva)</p>	<p>T1 “Claro que sim. Estou a falar de uma decisão que nós tomamos porque não estava a resultar, não estávamos a ter sucesso na forma como o estávamos a fazer. E alterámos, para mim, enquanto treinador de rendimento, treinador profissional é rendimento, é resultados e eu tenho uma ideia muito clara daquilo que é um treinador da formação e um treinador de resultados, são coisas completamente diferentes, aliás, tenho vindo a defender que a formação deste tipo de treinadores deve ser uma coisa diferente, seja formação para treinadores da formação e formação de treinadores de rendimento, serem dois ramos diferentes, porque aquilo que define todo o meu trabalho é resultados e se eu não estou a ter resultados a jogar e a fazer as coisas de uma determinada forma, a minha função é encontrar soluções e eu gosto de pensar que sou um técnico altamente capacitado para procurar qualquer solução, seja aquelas que eventualmente que eu até não gosto muito, mas se eu não estou a ter resultados eu tenho de ter a capacidade de adaptar, mudar, para outras soluções que me deem mais resultados, isto pode ser uma coisa simples, mas olha que eu cheguei muitos anos para chegar a esta conclusão. Antes de ser treinador principal, eu gostava de desenvolver um jogo e eu sou este jogo e estas são as minhas ideias e quem me</p>

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>contratar contrata este conjunto de ideias. Eu pensava isto, hoje em dia já não penso assim, hoje em dia o que eu penso é, eu sou um técnico altamente capacitado e é isto que me diferencia dos demais adeptos do futebol ou aspirantes a treinadores, é eu querer acreditar que sou um indivíduo altamente especializado e tecnicamente capacitado para apresentar resultados em qualquer contexto e, portanto, eu tenho de ser capaz de desenvolver um jogo e uma equipa, naquele contexto específico de forma a apresentar resultados. Agora, isto não invalida, que eu tenha as minhas ideias mais fortes, identidade, porque eu tenho-a e não consigo ser de forma diferente, mas tenho de ser mais maleável, muito mais adaptável, muito mais flexível, elástico se assim queira dizer. É isto. Mas isto, pode parecer muito superficial aquilo que eu estive a dizer, mas olha que eu estive muitos anos até chegar a esta conclusão. Até rebater aquilo que era a minha opinião inicial que um treinador é um conjunto de ideias e um presidente leva e um clube pago por mim, está a pagar um conjunto de ideias, não!!”</p> <p>T2 “Não me parece que os sistemas táticos potenciem, mais ou menos, as transições ofensivas, acredito é que a forma como nós manuseamos ou aplicamos os princípios do sistema tático. A forma como aplicamos o sistema tático no nosso modelo. O nosso modelo é que vai dizer se a transição ofensiva é mais importante ou não ou se o sistema tático tem mais aplicabilidade para as transições ofensivas, ou não, porque o sistema tático, aquilo que faz é espalhar os jogadores pelo campo, as pessoas dão muito importância ao sistema tático e há</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>outras pessoas que não dão muito importância ao sistema tático, nem tanto ao mar nem tanto à terra, o sistema tático tem de existir para que haja um ponto de partida, para que haja um mapa do campo, depois a partir desse sistema tático há dinâmicas e , isso sim, agora, há sistemas táticos que ocupam determinados sistemas do campo e há outros que não, ocupam mais de um lado e no outro não, ocupam mais à frente e ocupam mais atrás, a forma como nós interpretamos o nosso modelo é que nos vai dizer se nós queremos ser mais uma equipa de transições ou se queremos ser uma equipa de menos transições isso é que , evidentemente, faz com que esses comportamentos se manifestem, não acho que seja o sistema tático porque todos os sistemas táticos desde que os treinadores digam e eu acho que dizem quase todos, vamos lá, uns é que dizem mais do que outros, há uns que dão mais interesse à organização ofensiva e transição ofensiva e outros dão mais interesse ao ataque posicional e à transição defensiva, depende, como eu digo, do modelo de jogo e, portanto, todos os sistemas táticos têm posicionamentos para que tu quando ganhas a bola a transição ofensiva seja possível, todos, todos, agora, eles estão lá na teoria mas se me disser na prática , vamos defender 4-1-4-1, mas muito baixo, o nosso primeiro defesa que é o avançado muito atrás da meia lua do meio campo, mesmo no nosso meio campo defensivo, os nossos alas fechados por dentro e sem qualquer pertinência para que nós quando ganharmos a bola sairmos rápido para o ataque, obviamente, que seja que sistema tático for o treinador não está a dar indicadores, ele até pode dizer que quer</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>mas depois não está preparado para, por isso, é que há aquelas equipas que defendem muito bem, sofrem poucos golos mas, depois, marcam poucos golos, porquê? Porque , como defendem tão baixo, obviamente colocam muita gente em zonas nevrálgicas do jogo, perto da baliza deles e acaba por ser difícil fazer-nos golo, mas depois quando recuperam a bola, como não estão preparados para esse momento e estão a alguns setenta metros da baliza adversária não conseguem manifestar comportamentos de transição ofensiva porque rapidamente perdem a bola, portanto, não são os sistemas táticos que vão influenciar se é dá mais ou menos azo à transição ofensiva ou não, são as interpretações do jogo e do modelos de jogo.”</p> <p>T3 “Sim, parece-me que a questão do sistema é importante, mas não determinante, porque pode definir quantos jogadores e em que zonas estão inicialmente para efetuar a transição para o ataque. O exemplo seguinte pode ilustrar esta ideia: se jogares num sistema tático de 4:5:1, naturalmente poderá indicar que defendes com 9 jogadores e (possivelmente) terás um jogador para ser referência na transição. Se optares por um sistema de 4:4:2 e se usares a mesma lógica de raciocínio já poderás ter 2. Mas esta ideia poderá ser pouco fiável, e daí acreditar que, mais importante que o sistema, são as dinâmicas que esse sistema pode oferecer. Podes optar por um sistema de 4:5:1 e manteres 3 jogadores sem defender e prontos para ser referência para transição.”</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>T4 “Como eu disse, nós quando escolhemos um sistema tático, não estamos a pensar só à partida num momento de jogo, e estamos a pensar como é que a equipa fica mais forte em todos os momentos do jogo e beneficiando as características dos nossos jogadores, pelo menos, é assim que eu penso, que permita à equipa ter um momento forte em todos os momentos do jogo. Se nós somos treinadores e queremos um método de jogo ofensivo, por contra-ataque ou ataque rápido, se tivermos, cada treinador a sua cabeça e pode achar que joga melhor com dois pontas de lança na frente, um é forte no apoio e o outro é forte nas costas, dois extremos, pode achar que o 4x3x3 é melhor, eu não escolho o meu sistema tático em função da minha transição ofensiva, nem posso dizer, até posso dizer que até escolho mais o meu sistema tático em função da organização defensiva, nem da organização ofensiva, mas sempre potenciando as características do jogo.”</p> <p>T5 “Sim, acredito que sim. Se logicamente jogarmos com um bloco baixo, com uma linha de cinco e outra linha de quatro, logicamente que é possível trabalhar e que pode ser feito, mas acredito que, a minha forma de pensar, a melhor defesa é o ataque, e sempre com o olho na baliza adversária, mas , acredito que sim que existem sistema táticos que privilegiam e favorecem muito mais a transição ofensiva, logicamente tem tudo a ver com organização do processo defensivo , como equipa e até individualmente, mas acredito que há sistemas táticos que privilegiam e beneficiam a transição ofensiva.”</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>T6 “Sim. O jogo de futebol apresenta uma organização estrutural e uma organização funcional, o que eu quero dizer com isto, isto é, como, por exemplo, o nosso corpo, o corpo humano. Nós temos os órgãos mais ou menos todos nos mesmos sítios, mas o funcionamento é diferente entre nós, o metabolismo é diferente, isto tem uma analogia para as equipas de futebol. Nós optámos por uma estrutura em 1-4-3-3, uma organização estrutural, mas depois o funcionamento, a forma como nos damos vida a essa estrutura, a tal organização funcional, as dinâmicas, é que vão transformar a estrutura num jogo diferente, cada estrutura terá um jogo diferente. E, naturalmente, que, quando nós falamos em estruturas que beneficiem a estratégia nas transições ofensivas, vai depender, não apenas da estrutura, mas também das dinâmicas que o treinador vai incutir nessa mesma estrutura. Se olharmos, por exemplo, para o 1-4-3-3, naturalmente que vamos ter dois jogadores nos corredores laterais, o tipo de transição ofensiva que nós vamos privilegiar vai ser, naturalmente, mas na busca de corredores laterais porque eles vão defender por lá e vão atacar por lá. Agora imagine que o treinador diz assim, ok eu quero que o extremo esquerdo acompanhe sempre o lateral direito, quando eu recupero a bola esse extremo nunca vai estar no sítio de transição ofensiva, sítio de profundidade, se eu procurar a saída em profundidade, portanto, quando nós falamos em estruturas que potenciam as transições, mais do que as estruturas vai depender das dinâmicas que eu dou a cada estrutura, a vida que eu dou a essa mesma estrutura, no entanto, há</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>naturalmente uma dependência da estrutura com os espaços que nós procuramos. Se nós repararmos e defendemos em 1-4-4-2, mas com dois avançados no corredor central é obvio que, a forma como eu transito vai depender dessa mesma estrutura em termos da linha adiantada. Ou então agora imaginemos que falamos no sector médio, se eu em 1-4-4-2 em linha e tenho quatro jogadores que abrangem a linha toda do campo, 4-4-2 em linha como os italianos faziam muitas vezes, o 4-4-2 clássico, a minha transição ofensiva vai ter de ser diferente se eu, por exemplo, faço um 4-4-2 em losango, porquê? Porque um 4-4-2 losango eu não vou ter gente quando estou a defender no corredor lateral, mas terão que ir para o corredor lateral, e vai haver ali uma questão de tempo/espço que vai ter de acontecer, para que eu transite no corredor lateral, eu vou privilegiar, naturalmente, linhas de passe no corredor do lado onde está a bola, no corredor central ou no corredor lateral, porque vão estar mais jogadores aí quando eu jogo 4-4-2 losango. Agora se eu jogo 1-4-4-2 clássico eu vou ter dois jogadores chamados médio ala que vão estar a defender do corredor, próximo dos dois médios centro, mas sempre mais no corredor lateral e, portanto, a minha transição defensiva já vai poder ser feita por esses corredores laterais, porquê? Porque o jogar está lá a defender, ou seja, já não vai haver aquela exigência do losango, do jogador ir para o corredor lateral porque ele vai estar lá no corredor lateral, portanto, é óbvio que o momento da transição ofensiva vai estar dependente da estrutura que se utiliza, mas mais dependente estará da organização funcional que eu dou aquela estrutura, a tal</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

	<p>dinâmica que eu dou à minha estrutura, em cada momento do jogo, neste caso, falamos de organização defensiva.”</p> <p>T7 (não respondeu...)</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Depois da apresentação dos resultados, vamos passar agora à discussão dos mesmos, confrontando as respostas dos peritos com a revisão da literatura.

5 - A Discussão dos Resultados

5 - A Discussão dos Resultados

Após a apresentação dos resultados que se traduziu na introdução das respostas dos peritos nas categorias previamente criadas, chegou o momento de proceder à discussão dos resultados, o que vai ocorrerá por categoria.

A Interdependência dos Vários Momentos do jogo

Quanto à primeira categoria “Interdependência dos vários Momentos do jogo” (em que se pretende saber que relações se estabelecem entre os vários momentos em geral e dois momentos em especial – Organização Defensiva/Transição Ofensiva), todos os treinadores acabaram por responder que não há uma separação rigorosa entre os vários momentos do jogo.

A este respeito o T1:

“...os cinco momentos estão dissociados apenas para identificação e para melhorar a comunicação com os jogadores, mas depois não podem estar dissociados, durante o treino e durante o jogo, pelo menos no meu entender, estarem sempre preparados, obviamente interligados, para atacar e defender com qualidade...”.

O T3 no mesmo sentido comentou:

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

“...não considero que, por exemplo, os momentos de transição não estejam completamente associados ao processo defensivo ou ao processo ofensivo, eu acho que é necessário, na minha perspetiva, atenção, é necessário perceber que as transições só acontecem após o processo defensivo ou após o processo ofensivo, portanto, se existe um momento de transição após um determinado processo é necessário considerá-lo associado a esse mesmo processo...” e acrescentou que “...nada está separado, sempre que nós queremos incidir nalguma coisa nós temos de perceber que essa incidência não incide só numa coisa, tem sempre repercussões nas outras todas, não só ao nível dos momentos, mas também entre as várias escalas de cada momento, isto é, se nós trabalharmos um grande princípio da organização ofensiva, por exemplo, isso vai ter repercussões quer na transição no momento defensivo, quer na outra transição, da mesma maneira que um grande princípio tem depois consequências na manifestação como isso se traduz em termos individuais, ou seja, nas escolhas das coisas mais pequeninas”.

Os resultados alcançados estão em conformidade com o que já é defendido na literatura que não há uma separação estanque entre os vários momentos do jogo e o modelo (e os seus momentos) mais não são do que elementos facilitadores e orientadores para analisar a estrutura e a organização e proceder à estruturação da equipa nos treinos e nos jogos.

Com vimos, Vítor Frade concebe o jogo como um todo contínuo e fluido e não há uma a separação estanque entre os vários momentos do jogo, o que é qualificado como a “inteireza inquebentrável do jogo” em que as partes só ganham importância pensadas como fazendo parte do todo (Amieiro, 2004), tal como Garganta, para quem o jogo é um fluxo contínuo, não é faseado e tem de ser construído (Garganta, 2004, citado Soares 2009). A propósito Quinta (2005) referia que “Não existe ataque e defesa, mas sim ataque-defesa-ataque-defesa...isto é, existe uma relação contínua entre esses dois momentos e a nossa preocupação deverá ser também a preocupação entre eles (transições). Guilherme Oliveira defende que a separação do jogo e dos seus momentos

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

deve ser evidente em termos teóricos e metodológicos como meio orientador e facilitador da análise da estruturação e organização do treino e nos jogos, o que não deve ser evidente na prática (Oliveira, 2006).

Em suma, há uma relação direta e uma interdependência entre os vários momentos, em geral, e nos dois momentos – da organização defensiva e a transição ofensiva – em particular.

A Preocupação e Cuidados com a Transição Ofensiva

Quanto à segunda categoria “Preocupação e cuidados com a transição ofensiva” (Qual é a importância do momento da transição ofensiva na ideia de jogo do treinador) a maioria dos peritos responderam em conformidade com a importância atribuída pela literatura que consideram os momentos de transição preponderantes no futebol, no entanto, dois deles responderam negativamente (um deles respondeu negativamente dentro do seu contexto e positivamente fora do seu contexto). Um dos treinadores referiu que a redução dessa importância se devia ao contexto em que está inserido e outro referiu que essa reduzida importância se deve ao modelo de jogo que preconiza.

No que se refere aos treinadores que responderam afirmativamente, o **T1** a este respeito referiu:

“Claro que sim. Eu separo em dois grandes grupos as transições ofensivas, obviamente que entre estes dois extremos, obviamente que estou a falar numa transição ofensiva agressiva, rápida e em profundidade ou de uma transição ofensiva que privilegia, acima de tudo, a manutenção da posse de bola. Esses são os dois extremos das transições ofensivas, ou fazemos a transição ofensiva desta forma rápida, agressiva, vertical a procurar a profundidade ou fazemos uma transição ofensiva que privilegia a manutenção da posse de bola.”

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O T2 referiu que numa perspetiva descontextualizada do universo em que está inserido

”...Neste contexto tu tens sempre preocupação com a transição ofensiva, quando ensinas o jogo tens sempre que passar todos os momentos de jogo, todos os princípios inerentes ao jogo aos teus jogadores, isso é obviamente, tu não podes ensinar o jogo de forma imperfeita ou de forma incompleta, não estás obviamente a ensinar o teu modelo de jogo, estás a ensinar partes do teu modelo de jogo e, portanto, a transição ofensiva é um dos momentos do modelo de jogo e como é natural tens que o ensinar...”

O treinador T3 respondeu que:

“E, resumindo, dá para perceber que a transição ofensiva é um momento determinante para afirmar a minha ideia de jogo”.

O Treinador T7 comentou que:

É uma preocupação fundamental...” (...) “... tenho de ter uma dinâmica de princípios dos quatro momentos do jogo, muito fluida e muito equilibrada, isto não quer dizer que a minha ideia de jogo varie em relação às equipas que eu tenho

No que toca aos treinadores que responderam negativamente, o T2 referiu que:

“Em termos de contextualização, num universo Benfica e no universo de futebol de formação do Benfica, pela falta de competitividade...” (...) “... de forma mais prática, 90% dos jogos que nós temos, daquilo que treinamos em treino em termos de modelo de jogo, o que é que acontece, em competição nós experimentamos de forma massiva dois momentos a organização ofensiva e a transição defensiva, porque nos dão a bola, nos dão iniciativa e nos dão o espaço...”

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Outro dos treinadores (T4) não tem preocupações e cuidados com a transição ofensiva referiu que

“...É assim, é um momento de jogo que eu acabo por não valorizar tanto, aquilo que é a operacionalização do modelo de jogo, porquê? Porque procuramos mais ser uma equipa de organização ofensiva, de reação à perda da bola, seja de transição defensiva mais agressiva, e depois de organização defensiva”.

O sentido da maioria das respostas vai ao encontro do que já era defendido na literatura, no futebol atual vive-se da emergência traduzida na seguinte ideia: “ataca-se preparando para defender e defende-se preparando para atacar” (Castelo, 2019), onde essa preocupação está sempre presente. Para Carvalhal (2004) essa preocupação e cuidado permite alcançar o equilíbrio que caracteriza o jogo. No fundo, o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender [se não contemplar um equilíbrio defensivo no ataque] e ninguém consegue atacar bem se, a defender, a equipa não estiver preparada para atacar [se não contemplar um equilíbrio ofensivo na defesa] (Amieiro, 2004). Carlos Queiroz que refere que “...qualquer equipa que na fase de transição tem problemas, é imediatamente dominada pela outra equipa. Tem um prejuízo de efeitos psicológicos trágicos” (Queiroz, 2005).

Em suma, a importância da transição ofensiva tem uma relação direta com o contexto onde o treinador está inserido, com os meios que o clube e o treinador dispõe, com o modelo de jogo/ forma de jogar preconizado pelo treinador.

Operacionalização da transição ofensiva

Quanto à terceira categoria “Operacionalização da transição ofensiva” (Como os entrevistados treinam a transição ofensiva?) todos os treinadores referiram a importância de ter presente uma definição rigorosa do comportamento dos jogadores e de um conjunto de variáveis, o que já resultava da preocupação dos autores como vimos na revisão de literatura.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

No que se refere a esta categoria todos os treinadores referiram que há que ter bem definidos os comportamentos dos jogadores no momento da recuperação da posse de bola.

Segundo os vários treinadores a recuperação da posse de bola será efetuada em função de várias variáveis: do modelo de jogo/forma de jogar adoptado, o que pressupõe também uma coerência entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva; em função do espaço (onde se encontra a bola e os jogadores), do tempo, do n.º de jogadores envolvidos, da existência ou não de pressão ao portador da bola (bola descoberta/não descoberta), do local exato onde se vai recuperar a bola e do local onde se vai criar a zona de pressão.

A este respeito o T1 referiu:

“...eu gosto de pensar as coisas, lá está, como um todo, de que forma, como é que é o nosso jogo, como é que queremos jogar? E, então se queremos jogar desta forma, vamos defender desta forma, ou queremos preferencialmente atacar desta forma e quando atacamos o que é que fazemos a seguir a perder a posse de bola, e quando estamos em organização defensiva, estamos onde? Em que zona? Com quantos jogadores? Quais são as zonas preferenciais para recuperar a posse de bola? E, a partir daí, a transição ofensiva surge em função disso.”

O T6 afirmou que:

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

“é muito importante que nós consigamos através do exercício potenciar comportamentos, sem que tenhamos de dizer aos jogadores o que eles têm de fazer, ou seja, que o exercício, por si só, consiga, orientá-los num determinado comportamento, estimulando-os num determinado comportamento. Mas, para isso, nós teremos de gerir estas variáveis, que são número de jogadores, espaços livres, espaços ocupados, espaços fechados e, portanto, eu acho que esta é uma ideia que nós temos de levar para o processo de treino, invariavelmente, portanto...” (...)”...estas variáveis são transversais ao treino de futebol, sendo para mim fundamentais o espaço e o número de jogadores. Provavelmente, também, entra aqui a questão da tomada de decisão e na tomada de decisão está também dependente do tempo que tem disponível, portanto, estão todas interrelacionadas, mas sendo o jogo um jogo de espaços, o fundamental é eles perceberem onde é que estará o espaço livre e aonde é que estará o homem livre para poder optar pelo comportamento que nós pretendemos que eles optem.”

O T6 referiu:

“...que quando se recupera a bola é importante aproveitar a desorganização do adversário (em termos de transição defensiva é importante reagrupar), antes de reagrupar; Há uma interdependência muito grande entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva, há uma dependência mútua; O futebol é um jogo de espaços, eu tenho uma organização defensiva em função do que eu quero na transição ofensiva, quer em termos estratégicos, quer em termos do modelo da minha equipa, sectorialmente, intersectorialmente e coletivo; criação de estímulos principalmente através da superioridade ou inferioridade numérica ou pelo espaço); Escalas: individual; grupal (relação entre 2 ou três jogadores); setorial; intersectorial; coletiva.”

Na revisão de literatura constatou-se que o jogo exige dos jogadores uma elevada capacidade perceptiva e de visualização enquanto fonte de informação (Costa et al., 2002). A grande importância da componente tática no futebol para fazer face à maioria dos problemas do jogo – essencialmente de natureza tática - exige dos jogadores conhecimentos prévios, resultando a ação do jogador desse conhecimento e da percepção que tem no momento de atuar (Costa et al., 2000). Para Castelo (2019) “As decisões expressas em atos motores realizadas pelos elementos constituintes das duas equipas, durante o desenvolvimento do jogo de futebol, tendo propósitos estratégico/táticos”, e dependem da realização das missões e dum plano prévio e, quanto às” ... ações realizadas suportam-se em capacidades perceptivas de cada jogador, elegendo informações pertinentes no âmbito dos contextos situacionais que os envolvem em cada momento que o jogo proporciona. Logo, a eficácia dos comportamentos efetuados, sejam estes defensivos ou ofensivos, estão dependentes de informações e exploração do contexto situacional e, em simultâneo, do que o jogador tem capacidade técnica para executar” (Castelo, 2019).

Em suma, a operacionalização da transição ofensiva depende de uma escolha prévia (modelo de jogo) e da conjugação das várias variáveis referidas pelos treinadores.

Métodos de Jogo Defensivos e sua Relação com a Transição Ofensiva

Quanto à quarta categoria “métodos de Jogo defensivos e sua relação com a transição ofensiva”, além daquilo que era defendido pela doutrina, isto é, a vantagem de utilizar o método de defesa à zona, mas também se acrescenta as ideias de posicionamento e de zonas de pressão.

Quanto a esta categoria todos os treinadores responderam tendencialmente pela existência dessa relação.

O T2 referiu:

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

”...Sim, é um pouco a última coisa que eu lhe respondi, ou seja, para nós chegarmos à transição ofensiva nós temos de ser competentes a defender e para sermos competentes a defender nós temos de ter os nossos princípios bem definidos, seja alguém que sai na pressão e os colegas que façam cobertura e fechem por trás para que a bola não entre no espaço interior, seja quando alguém salta no corredor haja uma basculação da equipa seja que o bloco bascula, derive e esteja quase sempre junto, uma linha defensiva bem alinhada para que não haja um jogador desforme a colocar gente em jogo portanto, os princípios defensivos são quanto melhor trabalhados e quanto melhor postos em prática mais a transição ofensiva se torna possível isso, para mim parece-me, inevitável.

O T4 respondeu:

”... O método de jogo defesa zonal, seja mais lato, mais baixo, mais lateral, se é pressão nos médios, se é pressão nos centrais, se é pressão no campo todo, a defesa zonal permite-nos estar sempre mais perto uns dos outros, logo aí sair mais rápido para a frente. A defesa individual se nós temos a referência o adversário vamos ser arrastados para sítios que nós não queremos à partida vamos ser arrastados para sítios e abrir espaços vitais na nossa organização defensiva, vamos estar mais longe uns dos outros e não vamos saber onde é que os outros estão quando ganhamos a bola porque estamos a ser guiados pelo comportamento do adversário...”

O T5 referiu:

”... Uma defesa à zona tem muito mais possibilidade de ter sucesso numa transição ofensiva do que marcação ao homem, logicamente se seguirmos o nosso adversário para todo o lado, estamos a seguir o nosso adversário, depois para organizar uma transição ofensiva é muito mais complicado e muito mais difícil, neste caso específico tem muita influência. Numa defesa zonal para organização e transição ofensiva estaremos muito melhor organizados.”

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O T6 respondeu:

“...Na defesa individual vai-nos inibir de ter uma transição ofensiva organizada...”

O T7 comentou:

“...Nenhum existe sem o outro. Eu não posso querer criar um método de jogo, por exemplo, de defesa pressionante, se depois nós não conseguimos pressionar. Uma coisa que tenho ouvido falar é o posicionamento defensivo, uma coisa é posicionamento outra coisa é pressionar, porque pressionar implica um timing de pressão, um movimento, implica uma travagem, implica uma aceleração, quase sempre, o que termina numa travagem, que é eu chegar perto ou tentar antecipar e tentar ganhar e isso tem de ser claramente trabalhado como método de jogo, mas se eu não perceber como é que o faço na prática...”

Na literatura, como vimos, segundo Castelo as equipas organizadas revelam “interdependência e concordância” entre os métodos defensivos e ofensivos, na medida em que os pressupostos táticos de uns não podem pôr em causa a existência dos outros, ou seja, exige-se uma “flexibilidade estratégico/tática suficiente para transitar” de um momento para outro momento, de uma fase para outra fase (Castelo, 2019), aliás, a solução ideal é que um método de jogo num momento ou fase de jogo potencie o surgimento de outro método no outro momento ou fase (Castelo, 2019).

Em suma, exige-se uma coerência entre o método de defesa (à zona, preferencialmente) e os métodos de jogo ofensivo (contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional).

Métodos de Jogo Ofensivos e sua Relação com a Transição Ofensiva

Quanto à quinta “métodos de Jogo ofensivos e sua relação com a transição ofensiva” todos os treinadores à semelhança da literatura consideraram que existe uma relação direta entre aquilo que são os métodos ofensivos e a transição ofensiva, todos os

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

treinadores referiram que há uma relação entre os métodos ofensivos e a transição ofensiva.

O T1 referiu:

“...claro que sim...” ... Eu penso nesta linha temporal e obviamente as coisas estão umas ligadas às outras, a forma como eu ataco vai definir a forma como eu faço a transição defensiva, a forma como eu defendo vai definir como eu faço a transição ofensiva, então os momentos estão todos ligados e não há forma disto ser feito de uma forma diferente, é impossível pensar na coisa de uma forma diferente.”

O T2 comentou:

“...tem porque são momentos diferentes e, lá está, os nossos jogadores têm de perceber esses momentos, do que é o ataque rápido, o que é o contra-ataque e do que é aquilo que é o ataque posicional quando não conseguimos pôr em prática, nenhum dos dois. E aquilo que eu dizia atrás, se me disser qual é a transição ou qual é o momento de ataque que tu preferes, num passe isolar um jogador e fazer golo, o mais rápido, e o mais simples, é o melhor.

Para o T4:

” A eficácia tem a ver como a equipa foi trabalhada para ser forte naquilo que o treinador quer, neste caso, se o treinador quiser ser uma equipa de contra-ataque vai ter de trabalhar esses comportamentos, em cinco passes conseguir chegar à baliza do adversário, vai ter de trabalhar isso até ser eficaz...” (...)
“...Uma equipa que quer jogar mais em ataque posicional, se calhar vai recuperar mais vezes para ficar com a bola, preocupa-se mais em reorganizar com bola, para atrair o adversário mais rapidamente, quer mais o controlo da posse, mas tudo isso são transições ofensivas, eu posso transitar ofensivamente para ficar com a bola e não para contra-atacar, agora o que é que define na minha opinião esse sucesso ou insucesso? É a forma como o treinador operacionaliza...”.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Por fim, o T7, comentou:

” Está ligado, um ataque posicional ou um ataque rápido ou um contra-ataque, seja o que nós quisermos, tem de ter a ver com a maneira como nós queremos atacar...”

Castelo, como vimos, aquando da revisão de literatura, referia que a organização/desorganização da defesa adversária influencia também o método de ataque que a equipa que recupera a bola vai adotar, ficando em ataque posicional quando a defesa adversária está organizada e em contra-ataque ou ataque rápido quando a defesa está desorganizada (Castelo, 2019).

A escolha de um método de jogo ofensivo influencia diretamente aquilo que se vai ou se quer quando se vai recuperar a bola, mas a transição ofensiva depende, também, da existência de outras variáveis, o local do campo onde se recupera a bola, se a equipa adversária está organizada ou não, entre outras.

Sistemas Táticos e sua Relação com a Transição Ofensiva

Quanto à sexta categoria “Os sistemas e a sua relação com a transição ofensiva” tendencialmente há a ideia de que o sistema é importante enquanto organização estrutural da equipa, no entanto, será a organização funcional, as dinâmicas da equipa que vão determinar e tornar efetiva a probabilidade inicial da organização estrutural favorecer a transição ofensiva.

O T2 referiu que:

“O sistema tático tem de existir para que haja um ponto de partida, para que haja um mapa do campo, depois a partir desse sistema tático há dinâmicas e , isso sim, agora, há sistemas táticos que ocupam determinados sistemas do campo e há outros que não, ocupam mais de um lado e no outro não...”(...) “...todos os sistemas táticos desde que os treinadores digam e eu acho que dizem quase todos, vamos lá, uns é que dizem mais do que outros, há uns que dão mais interesse à organização ofensiva e transição ofensiva e outros dão mais interesse ao ataque posicional e à transição defensiva, depende, como eu digo, do modelo de jogo...”.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O T3 acrescentou:

“...Sim, parece-me que a questão do sistema é importante, mas não determinante, porque pode definir quantos jogadores e em que zonas estão inicialmente para efetuar a transição para o ataque. O exemplo seguinte pode ilustrar esta ideia: se jogares num sistema tático de 4:5:1, naturalmente poderá indicar que defendes com 9 jogadores e (possivelmente) terás um jogador para ser referência na transição. Se optares por um sistema de 4:4:2 e se usares a mesma lógica de raciocínio já poderás ter 2. Mas esta ideia poderá ser pouco fiável, e daí acreditar que, mais importante que o sistema, são as dinâmicas que esse sistema pode oferecer. Podes optar por um sistema de 4:5:1 e manteres 3 jogadores sem defender e prontos para ser referência para transição.”

O T4 referiu:

“Como eu disse, nós quando escolhemos um sistema tático, não estamos a pensar só à partida num momento de jogo, e estamos a pensar como é que a equipa fica mais forte em todos os momentos do jogo e beneficiando as características dos nossos jogadores, pelo menos, é assim que eu penso, que permita à equipa ter um momento forte em todos os momentos do jogo. Se nós somos treinadores e queremos um método de jogo ofensivo, por contra-ataque ou ataque rápido, se tivermos, cada treinador a sua cabeça e pode achar que joga melhor com dois pontas de lança na frente, um é forte no apoio e o outro é forte nas costas, dois extremos, pode achar que o 4x3x3 é melhor, eu não escolho o meu sistema tático em função da minha transição ofensiva, nem posso dizer, até posso dizer que até escolho mais o meu sistema tático em função da organização defensiva, nem da organização ofensiva, mas sempre potenciando as características do jogo.”

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O T5 respondeu:

“Sim, acredito que sim. Se logicamente jogarmos com um bloco baixo, com uma linha de cinco e outra linha de quatro, logicamente que é possível trabalhar e que pode ser feito, mas acredito que, a minha forma de pensar, a melhor defesa é o ataque, e sempre com o olho na baliza adversária, mas , acredito que sim que existem sistemas táticos que privilegiam e favorecem muito mais a transição ofensiva, logicamente tem tudo a ver com organização do processo defensivo, como equipa e até individualmente, mas acredito que há sistemas táticos que privilegiam e beneficiam a transição ofensiva.”

O T6, disse:

“...é óbvio que o momento da transição ofensiva vai estar dependente da estrutura que se utiliza, mas mais dependente estará da organização funcional que eu dou aquela estrutura, a tal dinâmica que eu dou à minha estrutura, em cada momento do jogo...”

Quanto à sexta Categoria “sistemas táticos e sua relação com a transição ofensiva” (em que se pretendia saber como os treinadores articulam o sistema estrutural da equipa e o momento em que a está em organização defensiva e recupera a bola), já Garganta (Garganta,1999) defendia que duas equipas podem usar o mesmo sistema tático e jogarem de modo completamente diferente, ou seja, o funcionamento do sistema que é a equipa não depende só da sua apresentação estrutural, o que foi confirmado pelas respostas dos peritos.

Outros Resultados

Além destes resultados foi possível surpreender algumas ideias ou conceitos.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Além destas dimensões os treinadores, em termos sequenciais consideraram importante o equilíbrio (na fase da defesa e na fase do ataque) e o posicionamento defensivo no momento da organização defensiva (T4, T5 e T6) para alcançar a transição ofensiva que pretendem.

Todos os treinadores entenderam que deve ser definida uma zona de pressão definindo quando, onde, e como e quem vai recuperar a bola; com uma prévia basculação e num fecho dos espaços interiores, com a concentração dos jogadores em dois corredores, lateral e central.

A maioria dos treinadores refere de forma expressa ou tacitamente que o jogador que recupera a bola deve reconhecer o grau de segurança que tem quando recupera a bola, se tem a bola “descoberta” (sem pressão do adversário), em caso afirmativo e se for possível atacar a baliza através da exploração da profundidade todos os treinadores defendem que se deve explorar tal possibilidade porque tal possibilidade coincide em alcançar o principal objetivo do jogo – marcar golo na baliza adversária. Caso não seja possível atacar de imediato a baliza, todos os treinadores defendem que a bola deve ser retirada do centro de jogo, logo após a recuperação da bola, uns treinadores entendem que através de passes rápidos (T1, T2 e T4) e que devem ser de imediato ocupados os três corredores (T1, T2, T4 e T6).

A presença de uma distinção clara entre a “transição em segurança” em que se pretende a recuperação da posse de bola e a entrada da equipa no método de jogo de ataque posicional e a “transição em risco” que tem em vista a recuperação de posse de bola com vista a fomentar o método de jogo contra-ataque ou ataque rápido (T1, T2 e T6). A denominação de transição em risco refere-se ao risco decorrente da eventualidade da equipa adversária recuperar a bola e responder em transição ofensiva com vista ao contra-ataque, exigindo da outra equipa uma transição defensiva muito agressiva.

Para o T1 há um círculo temporal em que o que se faz num momento vai influenciar o seguinte, é como que uma preparação do que vai acontecer a seguir; Há uma interligação entre os vários momentos do jogo e 2 tipos de transição; agressiva, rápida, vertical em profundidade; Que privilegia a posse de bola. É importante quando recuperas

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

a bola: Tirar a bola da zona de pressão com qualidade para poder atacar; Em que zona vais recuperar a bola? Quais as zonas preferenciais para recuperar a posse de bola?

Para o T1 a transição ofensiva começa quando o jogador tem a bola controlada e acaba quando é perceptível o que a equipa adversária ou o portador da bola vai fazer. Aqui começa a organização ofensiva; uma das tendências do futebol é o aumentar da velocidade em que se faz golos principalmente em contra-ataque e ataque rápido e no menor número de passes; Há uma tendência no futebol de privilegiar o ataque posicional, a posse de bola mas muitos golos ocorrem em contra-ataque e ataque rápido; Privilegiar uma pressão alta vertical, equipa compacta, para que os jogadores estejam próximos quando recuperarem a bola, privilegiando a intercepção de passe ao desarme, para em passe curto, no chão para a frente ou para o lado, sair da zona de pressão de forma limpa. Tentar jogar no PL para depois sair para os extremos. Definir zonas de pressão recuperar e jogar no PL em apoio frontal e depois jogar nas alas.

O T2 defende duas modalidades de transição ofensiva: Transição segurança/transição para risco; Transição para segurança – transição para recuperar a bola e entrar em ataque posicional; Transição de risco - transição para contra-atacar (até 12”) ou atacar rapidamente a baliza (até 18”). Aqui há a participação de menos jogadores, mais vertical, procurar a baliza mais rapidamente. A transição interfase (com interrupção do jogo e transição estado (estado líquido para gasoso). O Futebol é um jogo de comportamentos e não de físicos”... “Os métodos de jogo adotados são indissociáveis do tipo de transição adotado”. O Futebol tem uma organização estrutural e uma organização funcional. A transição vai depender mais da dinâmica que se dá à estrutura (sistema tático). Antes de recuperar a bola o jogador tem de saber que tem de dar continuidade à transição quando está em organização defensiva; Os defesas 80% a defender e 20% a pensar em atacar; Os médios 60% a defender e 40% a atacar; E os avançados 30% a defender e 70% em atacar; Uma perda de bola, após a recuperação pode ser fatal, pode ser golo; Quando recupera a bola o jogador tem de reconhecer o grau de risco, que depende do espaço do tempo onde recupera a bola e a zona, e se pode sair logo ou não e perceber também o grau de segurança (os mais próximos). Os jogadores mais distantes têm de perceber que tipo de tarefas determinado colega vai poder fazer e reconhecer o grau de segurança que ele tem; “A ação de cada jogador está

sempre condicionada pelo tempo, pelo espaço e pela tarefa que o jogador tem que e consegue fazer” (T6).

O T3 defende 4 fases na organização ofensiva 1.^a fase; fase construção; fase criação; e fase de finalização; só faz sentido fazer pressão se houver ideia de processo no sentido de depois concretizar uma proposta. Quando se perde a bola deve-se pressionar o portador da bola, as linhas devem estar próximas e proximidade de sectores; Princípios na transição ofensiva: oferecer linhas de passe próximas, poucos toques na bola; procurar apoio frontal para quebrar uma linha; Para cada momento, estão associados macro princípios que vão definir a ideia de jogo e dentro daqueles há princípios e dentro destes há subprincípios (os detalhes) que são o onde, quem, como e quando; Exemplo de macro princípio – pressionar alto; princípios – pressionar próximo e rápido, linhas próximas; Os princípios gerais dependem da ideia de jogo e do modelo de jogo de terminada equipa, por exemplo, a contenção será aplicada diferentemente em função do modelo de jogo

O T7 além da confirmação por todos os treinadores da existente continuidade entre todos os momentos do jogo, segundo este treinador é importante questionar se as ideias e as decisões que se tomamos num determinado momento vai ser um fator facilitador da fluidez que deve acontecer no momento seguinte. O T7 focou a importância desta congruência entre os momentos com vista a criar fluidez (minuto 12 da entrevista):

“... tenho de ter uma dinâmica muito fluida e equilibrada entre os vários momentos do jogo...” e que”... as transições eram como mediadores da forma como queremos defender ou atacar”. Importante quando se ganha a bola “é reconhecer onde o adversário está a fazer pressão e reconhecer onde há espaço para jogar”. “O jogador que perde a bola tem 5’’ para recuperar a bola”.

Quando se recupera a bola tem de se reconhecer as circunstâncias, o timing, pois a decisão começa como o reconhecimento das circunstâncias o que exige inteligência na realização, que, por sua vez, depende dos treinadores aos criarem várias possibilidades de ação em determinado contexto (em treino).

O T2 relativamente à separação entre os vários momentos do jogo entende que pedagogicamente é importante no futebol de formação. Entende que sair da zona de

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

pressão deve ser em passe e não através e condução de bola ou drible e a importância do olhar vertical pelo jogador que recupera a bola.

A subida da linha defensiva quando se ganha a bola favorece a transição defensiva e coloca os avançados da equipa contrária em fora de jogo (fluidez na mudança de momentos tal como já defendia o T7)

Para o treinador T4 ganhar a bola em meio-campo defensivo, sair em 4 passes para a frente se se mantiver a vantagem atacar a baliza, se não for possível, ficar com a bola e dar 10 passes. Novamente a ideia de ocupar os três corredores. Pressionar quando o jogador está de costas. Se o jogador recebe com “a bola descoberta” os avançados devem correr e ocupar os três corredores. Se não há “bola descoberta” os alas ou o ponta de lança deve vir buscar (apoio frontal, linha de passe). Quanto mais perto os jogadores estiverem uns dos outros mais vantagem teremos na transição. Antes de perder a bola: fechar dois corredores; pouco espaço entre linhas. O importante na transição é reconhecer a bola descoberta, campo grande; os movimentos de rotura; a penetração, espaço livre e avançar ao máximo. Referiu que é importante nesta matéria definir as zonas privilegiadas para sair e os jogadores alvo/referências para sair.

Para o Treinador T5 é importante definir zonas de pressão específicas. Estar equilibrados e organizados e ter uma referência onde a bola vai chegar (jogador ou espaço). Antes de recuperar a bola é importante ter bom posicionamento, organização defensiva, responsabilidade no processo defensivo e agressividade. Depois de recuperar a bola: qualidade de passe, velocidade de deslocamento e de execução.

As respostas dos entrevistados vêm confirmar em parte o defendido por Jesualdo Ferreira a respeito do modelo e dos princípios do jogo, ao referir que o êxito desportivo das equipas depende do domínio dos princípios do jogo e da qualidade dos jogadores (Ferreira, J, 2003).

Decorre do depoimento de todos os treinadores que os princípios gerais enunciados na revisão de literatura são a base do jogo de futebol e são absorvidos em função da ideia e do modelo de cada equipa, por isso, o modo como se concretiza os princípios gerais em determinada equipa permite conhecer a ideia de jogo e o modelo dessa equipa. Dito de outro modo, por exemplo, os princípios da defesa e do ataque variam em função da escolha de cada equipa em cada momento do seu modelo de jogo.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

O método de defesa previamente adotado de defesa à zona pressionante consubstanciado na definição de uma zona de pressão e numa definição concreta do local onde se vai recuperar a posse de bola é um processo que conceptualmente se enquadra na fase defensiva e no momento de organização defensiva, certo é que está diretamente ligado com aquilo que será o desenvolvimento do processo ofensivo e com a transição defesa/ataque, o que reforça a ideia inicial e defendida por todos os peritos de que há uma ligação estreita entre os vários momentos do jogo.

Podemos numa perspetiva teórica e tendo em conta a investigação efetuada, avançar com uma tentativa de elencar as fases para a construção teórico-prática do processo da transição defesa/ataque de qualquer equipa de futebol: em primeiro lugar a definição de uma zona de pressão; definição da execução da zona de pressão (como e quem); definição dos comportamentos dos jogadores após a recuperação da posse de bola em função do espaço, do tempo, do número de jogadores, da pressão sobre o portador da bola (bola descoberta/bola coberta).

O conhecimento destes passos e conseqüente construção, aprofundamento e operacionalização permite padronizar comportamentos reforçando a ligação entre jogadores e o rendimento da equipa. Além disso, o conhecimento da padronização da transição no que toca à equipa adversária permite estrategicamente direcionar os jogadores da equipa para constrangimentos informacionais (Travassos, B. 2014).

Quanto a problemas encontrados podemos referir a ideia de centro de jogo é muito limitadora porque só tem em conta um critério geográfico (em função da localização da bola) e é uma ideia que não tem em conta as qualidades de determinados jogadores colocados fora do centro de jogo. Além disso, faz algum sentido definir o centro de jogo em redor da posição da bola quando a bola está no primeiro terço defensivo da equipa em organização ofensiva e quando a equipa adversária está a defender no seu meio-campo e em bloco baixo? Por fim, faz algum sentido falar em centro de jogo quando a bola está colocada no meio-campo defensivo da equipa em organização ofensiva em posse de bola e o portador da bola não é alvo de qualquer pressão (“bola descoberta”) e vários jogadores nesse preciso momento iniciaram movimentos de rotura para as costas dos jogadores da última linha defensiva? Parece-nos, obviamente, que não, porque o risco e o perigo da equipa em termos consideráveis, no último exemplo, implica a

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

situação 1x1 com o guarda-redes da equipa que defende, num espaço a 20/30 metro de onde se encontra a bola e o centro de jogo.

Assim, a este conceito de centro do jogo deve ser acrescentado o critério da existência de um jogador exímio colocado numa posição estratégica ou nas situações de bola descoberta acompanhadas de um risco circunstancial (exemplo, movimentação de jogador para o espaço atrás da linha defensiva), situações que impõem um alargamento consideravelmente da circunferência pensada para o efeito.

Uma última nota, dentro de cada momento haverá vários macro princípios, e dentro destes princípios que, por sua vez, subdividem-se em subprincípios que são os detalhes (Onde, quando, quem, como). São os macro princípios são os pontos de conformidade que vão influenciar todos princípios e todos os subprincípios.

O que acontece no momento da organização defensiva dependerá da escolha dos macroprincípios, princípios e subprincípios adotados nesse momento do jogo que, por sua vez, vai influenciar o momento seguinte, transição ofensiva, também composto por macroprincípios, princípios e subprincípios. Terá de haver uma coerência lógica e sequencial entre aquilo que são os macroprincípios, princípios e subprincípios e essa coerência lógica e sequencial e visão sistémica também deverá ocorrer entre os vários momentos do jogo, no caso em estudo, entre organização defensiva e transição ofensiva, quer a nível da conceptualização quer a nível da operacionalização, pois só assim será alcançada a fluidez que se pretende em determinada equipa. Entendemos que esta fluidez deve constitui-se como princípio geral na medida em que a adoção de qualquer princípio geral (por exemplo contenção) deve ter uma sequência lógica e temporal com outro princípio geral (por exemplo espaço) e dado que os princípios gerais variam em função do modelo de jogo adotado (O T6 referia que “A expressão dos princípios é que define uma forma de jogar”, por exemplo o City privilegia a cobertura e a largura, enquanto que o Atlético de Madrid privilegia a profundidade, que depende da mobilidade, que no caso em mobilidade em rotura e não mobilidade em apoio) e que se pretende a fluidez entre os vários momentos e seus princípios.

Avançamos agora para a apresentação de conclusões.

Conclusões

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Conclusões

Os três objetivos deste estudo foram alcançados.

O primeiro, que se traduzia em analisar a interdependência entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva, foi possível concluir pelo elevado grau de interdependência entre um momento e o outro, que não se resumiu a dizer que se definem, um, a organização defensiva, pela existência entre não ter a posse de bola e, outro, a transição ofensiva, em ter a posse de bola (os primeiros segundos 12” dessa posse), mas pela constatação que num momento prepara-se o outro e que os resultados alcançados no momento subsequente dependem dessa preparação prévia, onde as ideias de fluidez, concordância, sintonia, complementaridade, unidade, programação, ligação, sincronicidade entre os vários elementos da equipa, coordenação e conjugação entre as várias variáveis, definição de tarefas e de comportamentos, conhecimento micro e macro do modelo de jogo da equipa, são ideias orientadoras que devem ser do conhecimento de todos os jogadores e fomentadoras da cooperação de todos na prossecução de objectivos comuns. Além disso, é uma relação ecológica na medida em que há uma relação sistemática, interativa e pluridirecional entre os vários elementos do jogo. Em regra, há uma relação estreita entre estes dois momentos em termos temporais e sequenciais. Para cada modelo de jogo, haverá os vários momentos (organização ofensiva, transição defensiva, organização defensiva e transição ofensiva) que não são necessariamente sequenciais (pode haver uma transição seguida de uma transição e um momento de organização seguido de outro momento de organização, cf. T6). Esta investigação no que se refere às relações entre os momentos do jogo vai tornar mais evidente a ideia de Castelo que quando atacamos preparamos a defesa e quando defendemos preparamos a forma como queremos atacar. A profunda relação entre os vários momentos do modelo de jogo é algo que se tornou mais evidente com este estudo, além de numa perspetiva da ciência em geral isso resultar dos avanços do conhecimento científico com o aparecimento do pensamento sistémico em que todas as partes se interrelacionam e devem ser analisadas e connexionadas com o todo, o que é defendido na área das ciências do desporto pela abordagem ecológica, conclui-se que não são momentos estanques e separados entre si, pelo contrário, há, em regra, uma relação muito direta, de interdependência, de continuidade entre o momento anterior e

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

posterior no processo sequencial e circular de organização ofensiva, transição defensiva organização defensiva e transição ofensiva, mas essa continuidade tem de ocorrer de forma coerente, segura e como elemento facilitador da fluidez do que vem a seguir.

O segundo objetivo - conhecer o pensamento dos treinadores de futebol sobre a relação entre o momento da organização defensiva e o momento da transição ofensiva – foi possível conhecer esse pensamento, onde diversas variáveis (entre outras, dimensões do treino – tática, técnica, psicológica e física e os seus princípios) são articuladas pelos treinadores de forma complexa e segundo os conhecimentos e a experiência da equipa técnica, onde o planeamento e a periodização são essenciais, a preocupação pela recolha de informação, pelo detalhe, como instrumentos de evolução e meios para alcançar eficiente e eficazmente resultados desportivos. O modelo de jogo ou a ideia de jogo é pensado como algo em constante evolução.

Quanto ao terceiro objetivo - Identificar as situações, ações, comportamentos e factos que determinam a relação entre o momento da organização ofensiva e o momento da transição defensiva.

Quanto às situações, Castelo referia que há que responder às seguintes questões: quem, onde e como a equipa vai fazer a transição ofensiva? (Castelo, 2009).

Na fase final desta investigação, podemos dizer que há uma sequência lógica e cronológica a essas perguntas.

A resposta à questão de saber onde a equipa vai recuperar a posse de bola será diferente se essa recuperação de bola resultou de uma pressão previamente determinada ou não. Uma coisa é dizer que vamos, por exemplo, exercer uma pressão para um dos corredores e tentar recuperar a bola nesse corredor, outra coisa será recuperar a bola em função de outra situação (interceção, falha de adversário ou outro). No primeiro caso, a bola será recuperada na zona, corredor, previamente determinado. No segundo caso, ela poderá ser recuperada em qualquer local do campo.

Se a posse de bola for recuperada na zona de pressão previamente definida a definição do seu processo (como) também estará previamente definida, bem como quem vai participar nesse processo.

Se a bola é recuperada no meio-campo defensivo ou meio-campo ofensivo, ou no primeiro terço defensivo ou no último terço ofensivo há pressupostos que continuam a

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

ser aplicados, no entanto, o grau de risco varia em função do espaço onde se recupera a bola.

Neste ponto podemos ainda referir no que os fatores determinantes para a eficácia da transição ofensiva, o que já era defendido pelos autores mencionados na revisão de literatura que essa eficácia varia em função de várias situações: do lugar onde é recuperada a bola, do posicionamento da equipa adversária e da própria equipa, do modelo de jogo da própria equipa, dos métodos ofensivos e defensivos da equipa; da organização defensiva da equipa adversária; do método de jogo ofensivo do adversário; dos métodos defensivos do adversário; e da qualidade técnica dos jogadores das duas equipas.

Quanto a ações e comportamentos o objetivo de conhecer as ações tomadas pelas equipas e pelos jogadores quando se recupera a posse de bola depende da ideia de jogo e do modelo de jogo adotado, depende do que se escolheu nos vários momentos do jogo através da adoção de determinadas dimensões, macro princípios, princípios e subprincípios de jogo. Em regra, essas ações estão pré-definidas e permitem identificar a existência de padrões, no entanto, dado que o jogo é imprevisível por ter situações imprevisíveis, caberá aos jogadores na imprevisibilidade de cada situação e em função da ideia adotada pela equipa para cada momento, optar pela solução mais ajustada contribuindo, assim, para a construção do modelo ou da ideia de jogo da equipa.

Ainda no que se refere às ações/comportamentos e, em especial à cronologia de ações podemos realçar a importância da definição de zona(s) pressionante(s) (o que implica definir quem, como e onde se vai efectuar a pressão, e todos os comportamentos individuais e sectoriais necessários para o efeito, o que afasta em regra, as defesas individuais, o correr desnecessariamente e implica fechar as zonas onde a bola está e as zonas próximas ou contíguas), o que tem como consequência que a equipa esteja posicionada como um bloco, antecedido de passes em frente dados pela linha defensiva, garantindo as coberturas, o equilíbrio e a redução dos espaços entre linhas;

No momento da recuperação da posse de bola, o portador da bola tem, antes de tudo, olhar vertical (T2), evitar o drible e privilegiar o passe e retirar rapidamente a bola da zona de pressão (preferencialmente para a profundidade) para a frente ou para o lado. A este jogador exige-se que reconheça a zona de pressão e o espaço livre para jogar - cf.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

T7 - (o que só será possível se olhar vertical); os jogadores mais perto da linha da bola devem dar linhas de passe e devem afastar-se dos adversários para receber a bola; os jogadores mais afastados do portador da bola e após esta ser recuperada devem atacar a profundidade e a largura, ocupar os três corredores, circular entre corredores até chegar à baliza. A linha defensiva também tem de subir para que o bloco avance compacto (inclusive o GR) para que a equipa esteja próxima, para diminuir a profundidade entre a linha defensiva e a baliza (o que tem duas vantagens: a equipa já está posicionada para a eventual transição defensiva e alguns jogadores adversários são colocados em fora de jogo).

As ações levadas a cabo pelos jogadores estão predefinidas e predeterminadas, no entanto, dado que o futebol é um jogo imprevisível por surgirem situações imprevisíveis, uma conjugação de variáveis não prevista, caberá ao jogador e à equipa criar ou inventar as melhores ações/soluções na imprevisibilidade de cada situação, contribuindo assim para a construção e consistência do modelo de jogo da equipa.

Não basta ter princípios individuais e colectivos, há que saber quem são os jogadores e o que eles são capazes de fazer. A sincronização tem de ocorrer nas várias escalas; individual, grupal sectorial, intersectorial e colectiva.

Se a equipa quer recuperar a bola no último terço isso implica que em organização defensiva em defesa pressionante se defina uma zona de pressão no primeiro terço do campo da equipa adversária.

Quanto aos factos tal como defendido por Mourinho e Queirós (Mourinho, J. 2003; Queiroz, C., 2005), os treinadores elegeram o equilíbrio defensivo (princípio fundamental da defesa) na fase de construção como uma ação determinante no momento da organização ofensiva, remetendo também para todos os outros princípios da defesa (cobertura defensiva, cobertura defensiva e concentração). Quanto aos princípios fundamentais do ataque referiram-se apenas à importância da cobertura ofensiva.

Ainda quanto aos factos poderemos referir no que toca aos princípios gerais todos os entrevistados manifestaram a sua preocupação em procurar a superioridade numérica no momento ofensivo para responder eficazmente à perda de bola e à transição defensiva.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Além destas dimensões, os treinadores, em temas sequenciais consideraram importante o equilíbrio e o posicionamento defensivo momento da organização ofensiva (T4, T5 e T6) para alcançar a transição ofensiva que pretendem.

Todos os treinadores entenderam que deve ser definida uma zona de pressão onde se define onde, como e quem vai recuperar a bola; com uma prévia basculação e num fecho dos espaços interiores, com a concentração dos jogadores em dois corredores, lateral e central.

A maioria dos treinadores expressa ou tacitamente referiu que o jogador que recupera a bola deve reconhecer o grau de segurança que tem quando recupera a bola, se tem a bola “descoberta” (sem pressão do adversário), em caso afirmativo e se for possível atacar a baliza através da exploração da profundidade todos os treinadores defendem que se deve explorar tal possibilidade porque tal possibilidade coincide em alcançar o principal objetivo do jogo – marcar golo na baliza adversária.

Caso não seja possível atacar de imediato a baliza, todos os treinadores defendem que a bola deve ser retirada do centro de jogo logo após a recuperação da bola, uns treinadores entendem que através de passes rápidos (T1, T2 e T4) e que devem ser de imediato ocupados os três corredores (T1, T2, T4 e T6).

Em geral, os objetivos desta investigação traduziam-se nos pontos já focados, sem deixar de tentar compreender e explicar todos os fenómenos e os problemas que fossem surgindo ao longo do estudo e se relacionassem com o objeto de estudo, o que permite agora formular um conjunto de princípios que podem ser importantes na modelação e na construção da ideia de jogo/modelo de jogo.

O princípio da sincronização que se traduz no conhecimento por parte de todos os jogadores da mesma equipa do que cada um tem de fazer em todos os momentos ou nas fases do jogo e na sintonia entre todos no que se refere aos princípios do modelo ou da ideia de jogo da equipa como meio para aprofundar a cooperação. Esta coerência lógica entre os princípios, subprincípios e ações selecionados num momento ou numa fase e os princípios e subprincípios adotados noutra momento ou noutra traduz o princípio da sincronização.

O princípio da fluidez que se traduz na ideia de confluência, sintonia, compatibilidade entre aquilo que se adota num momento e noutra momento para que os

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

objetivos a alcançar sejam alcançados (não se pode transitar ofensivamente sem ter no momento da organização defensiva a equipa preparada para transitar, adotando o método de defesa homem a homem, por exemplo). A fluidez é a consequência da aplicação do princípio da sincronização. O recurso a peritos através de entrevistas semiestruturadas e a sua análise e interpretação e análise de conteúdo permitiu-nos criar um princípio metodológico tático que poderá ter o nome de princípio da fluidez (defendido na periodização tática) que se traduz na importância das decisões metodológicas ou táticas na definição da ideia ou modelo de jogo que garantam a fluidez do jogo nos seus vários momentos, exigindo coerência entre as decisões na definição dos princípios num determinado momento e aquilo que se pretende no momento seguinte, em que tem de existir congruência entre aquilo que se define num momento ou fase e o que vai acontecer no momento seguinte para que haja fluidez.

O princípio do reconhecimento, traduz-se na leitura por parte de um ou mais elementos da mesma equipa da situação em função do espaço (do local da bola, dos companheiros, dos adversários), do tempo e da tarefa (T6) tendo presente o modelo de jogo da equipa e dos objectivos previamente definidos.

O princípio do tempo, se o futebol é cada vez mais uma tentativa de reduzir o espaço e o tempo ao adversário para pensar o jogo no processo defensivo e a tentativa de aumentar o espaço e o tempo para pensar o jogo no processo ofensivo, porque será que a variável tempo não tem sido considerada tão importante como o espaço para os autores, nomeadamente quando se definiu os princípios gerais do futebol? A velocidade de pensamento, de reconhecimento, de tomada de decisão e de execução é determinante no futebol atual (o que inclui os jogadores e o treinador). A variável tempo é determinante como uma das regras do jogo (regra n.º 7) onde se define o tempo de duração de jogo, o intervalo...A velocidade de execução, de perceção, de decisão, a necessidade de preparar e antecipar o que vai acontecer a seguir, a velocidade da transição exige que o tempo seja tratado como princípio tal como acontece com o espaço...

No que se refere à dinâmica interna do jogo há uma conclusão que parece decorrer deste estudo que é a seguinte: na evolução do jogo de futebol constatou-se que há uma relação direta entre o aumento da velocidade do jogo e aumento do conteúdo de cada

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

um dos momentos em que se se decompõe o jogo para efeitos de análise e de investigação (sempre no pressuposto da conexão entre eles), este estudo parece evidenciar e confirmar que dentro de um determinado momento do modelo de jogo, para efeitos de análise ou de investigação há que definir o que já é uma preparação do momento posterior, o que se traduz num aumento de conteúdos de cada momento e no aumento da velocidade do jogo, ou seja, há como uma antecipação, previsão do que vai acontecer o que pode aumentar a capacidade do jogador e da equipa reagir à imprevisibilidade do momento seguinte, aumentando o tempo de reação para o efeito.

Quanto aos problemas a complexidade do jogo de futebol e as suas múltiplas dimensões, a sua imprevisibilidade em que uma ocorrência pode mudar tudo, exige das equipas de alto rendimento, uma tentativa de antecipar, de prever, de visionar o que vai acontecer ou o que se quer fazer acontecer, o que exige um conhecimento profundo do modo como se articulam e conjugam todas as variáveis existentes no jogo de futebol em geral e que determinam o rendimento desportivo em particular.

Esta exigência e esta necessidade das equipas de, cada vez mais, preverem num momento de jogo ou fase do jogo o que vai acontecer no momento seguinte ou na fase seguinte, além de aumentar os conteúdos do que se deve abordar, treinar e executar num momento anterior, tende a acelerar, cada vez mais, aquilo que é a tendência de aumento da velocidade em que se joga o jogo de futebol e, por isso se pode afirmar que jogar é também antecipar, prever e visionar o que vai acontecer no momento ou na fase seguintes.

Além disso, pode concluir-se pelas declarações de um dos treinadores no universo das equipas com mais recursos o momento da transição ofensiva não é assim tão importante porque as equipas com recursos mais reduzidos não se desequilibram defensivamente enquanto atacam inviabilizando o sucesso da transição ofensiva e, por isso, não há muitas vantagens em treinar e jogar em transição ofensiva tendo presente que essas equipas de maiores recursos jogam em ataque posicional, dando-se mais importância à transição defensiva e à organização ofensiva, adoptando o método ofensivo de ataque posicional.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Este estudo evidenciou alguns aspetos já mencionados noutros estudos, mas pelo reduzido objecto de estudo e pela sua especificidade é apenas um contributo para o aprofundamento futuro desta temática.

Referências Bibliográficas

- Almeida, F. (2006). A importância dos momentos de transição (ataque-defesa/defesa-ataque) num determinado entendimento do jogo. Dissertação de Mestrado, FADEUP.
- Amieiro, N. (2004). *Defesa à zona no Futebol. Um pretexto para reflectir sobre o “jogar”... bem, ganhando!* Porto: Edição de autor.
- Araújo, D. (2010). A Dinâmica ecológica da tática Individual em desportos de equipa com bola. Versão modificada do artigo Araújo, D. (2010) A dinâmica ecológica das decisões coletivas, In P. Passos (Ed.), *Rugby* (pp.37-44). Cruz Quebrada: FMH Edições.
- Araújo, D., & Davids, K. (2016). Team synergies in sport: Theory and measures. *Front. Psychol.*, 7, 1449.
- Azevedo, C., & Azevedo, A. (2004). *Metodologia Científica, Contributos práticos para a Elaboração de Trabalhos Académicos*, 7.^a Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos coletivos*. Lisboa: Dinalivro.
- Bardin, L. (2019). *Análise de conteúdo* (4^a ed.). Lisboa: Edições70.
- Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em futebol. Análise sequencial de padrões de jogo referentes ao campeonato português 2004/05*. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Barreto, R. (2003). *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior do futebol: o pressing e a posse de bola expressões de uma descoberta guiada suportada numa lógica metodológica em que o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo*". Dissertação de Licenciatura (não publicada), FCDEF -UP.
- Bompa, T. (2007). *Periodización. Teoría y metodología del entrenamiento*. Barcelona. Editorial Hispano Europea.
- Braz, J. (2006). *Organização do jogo e do treino em futsal: estudo comparativo acerca das conceções de treinadores de equipas de rendimento superior de Portugal, Espanha e Brasil*. Dissertação de Mestrado, FDUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Capra, F. (2009). *O Tao da Física* (3.^a Ed.). Sintra. Editorial Presença.
- Carl, K. (1992). Training science: fundamental aspects. In H. Haag, O. Grupe Kiersier (Eds.) *Sport science in Germany* (pp. 223-239). Berlin: Springs.
- Carvalho, C. (2002). *No Treino de Futebol de Rendimento Superior a recuperação é ... muitíssimo mais que recuperar* (2.^a Ed). Braga: Liminho, Indústrias Gráficas.
- Carvalho, G. (2019). *Planeamento e periodização, em equipas profissionais, na perspetiva do Treinador de elite*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Santarém Escola Superior de Desporto de Rio Maior.
- Castellano, P. (2000). *Observación y análisis de la acción de juego en el fútbol*. Tese de Doutoramento (não publicada), Universidad del País Basco Vitoria Gasteiz.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Castellano, J., & Alvaréz, D. (2013). Uso defensivo del espacio de interacción en fútbol Defensivo. *International Journal of Sport Science*, 9(1), 126-136.
- Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo Técnico Tático do jogo*. Lisboa: FMH.
- Castelo, J. (1996). *O Futebol - a organização do jogo*. Lisboa. Edição do Autor.
- Castelo, J. (1999) Futebol - a organização do jogo. In: F. Tavares (Ed.). *Estudos 2 - Estudo dos jogos desportivos. conceções, metodologias e instrumentos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Multitema, pp. 41-49.
- Castelo, J. (2004). *Futebol – Organização e Dinâmica de Jogo*. Lisboa: FMH Edições.
- Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização dinâmica do jogo*. Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Castelo, J. (2019). *Futebol. Periodização, planeamento e programação de métodos de treino*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Costa, J., Garganta, J., Fonseca, A., & Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(4), 7-20.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., & Mesquita, I. (2009). Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. *Motriz, Rio Claro*, 15(3), 657-668.
- Couture, M., & Valcartier, D. (2007). *Complexity and chaos – state-of-the-art – overview of theoretical concepts*. Canada: Minister of National Defence.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Davids, K., Araújo, D., & Shuttleworth, R. (2005). Applications of dynamical systems theory to football. In J. Cabri, T. Reilly, & D. Araújo (Eds.), *Science and Football V* (pp. 556-569). London: Routledge.
- Deleplace, R. (1979). *Rugby de Mouvement – Rugby Total*. Paris: E.P.S.
- Descartes, R. (1984). *Discurso do método e as paixões da alma*. Lisboa. Sá da Costa.
- Dufor, W. (1992). Computer – assisted scouting in soccer. In T. Reilly, J. Clarys, & A. Stibbe (Eds), *Science and Football II* (pp. 160-166). London: E & FN Spon.
- Falcão, H. (2014). *Análise do momento de transição defesa-ataque em função do tempo, localização e resultado do jogo - uma comparação entre culturas futebolísticas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Faria, R. (1999). *“Periodização Tática” – Um imperativo conceptometodológico do rendimento superior em futebol*. Dissertação de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Fernández, D. (2003). Acercándonos a um generador de ideias: “Juan Manuel Lillo”. *abfutbol*, N.º 5, setembro de 2003. pp. 6-23.
- Ferreira, J. (2005). Prefácio, In Amieiro (2005), *Defesa à zona no futebol*. Dissertação de Licenciatura, FCDEP-UP.
- Ferreirinha, F. (2008). Transições – Momentos de desorganização organizada...ou não! *Revista Futebolista*, 38, 45-46.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Festa, F. (2009). *Importância, comportamentos e operacionalização de transição ataque-defesa no futebol inserido num contexto de jogo colectivo. A perspectiva de treinadores de primeira Liga*. Monografia de Licenciatura, FDUP.
- Frade, V. (2015). Periodização Tática: fundamentos e perspectivas. Entrevista com Vítor Manuel da Costa Frade, *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, 13(1),180-204.
- Garganta, J., Maia, J., & Marques, A. (1996). Acerca da investigação dos fatores do rendimento em Futebol. *Revista Paulista Educação Física*, 10(2), 146-158.
- Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de futebol – estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de doutoramento (não publicada), Universidade Porto.
- Garganta, J., Pinto, J. (1998). O ensino do futebol. In A. Graça, & J. Oliveira (Eds.). O ensino dos jogos desportivos (pp. 95-135). Porto: Centro de estudos de jogos desportivos. Universidade Porto. FCDEF.
- Garganta, J. & Gréhaigne, J. (1999). Abordagem sistémica do Jogo de futebol: moda ou necessidade?. *Movimento*, 5(10), 40-50.
- Garganta, J. Cunha e Silva, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Horizonte* 91:5-8.
- Garganta, J. (2001) O desenvolvimento da velocidade em jogos desportivos colectivos. *Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital*, Ano 6, 30. <http://www.efdeportes.com/>.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Garganta, J. (2002). Competências no ensino e no treino de jovens futebolistas. *Lecturas Educación Física y deportes. Revista Digital*, Ano 8, 45. <http://www.efdeportes.com/>.
- Garganta, J., Arda, A., & Lago, C (2002). *A Investigação em futebol – estudos ibéricos*. Porto: Universidade Porto Editorial.
- Garganta, J. (2009). Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9 (1), 81-89.
- Guia, N. & Araújo, D. (2014). *Treinar o treinador*. Estoril: Primebooks.
- Gréhaigne, J. (2001). *La organización del juego en el fútbol*. Barcelona: Inde Publicaciones.
- Gréhaigne & Godbout, (1995). Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. *Quest*, 47(4), 490-505.
- Laranjeira, J. (2009). *Análise sequencial do processo ofensivo em futebol. Chelsea FC: época desportiva de 2004-2005. Um estudo de caso*. Monografia de Licenciatura (não publicada), Universidade do Porto.
- Lopes, J. (2007). *Análise diacrónica heterocontingente dos métodos de jogo ofensivo no futebol*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Universidade do Porto.
- Mahlo, F. (1997). *O Acto Táctico no Jogo* (2.^a edição). Lisboa: Compendium.
- Malta, P., & Travassos, B. (2014). Caracterização da transição defesa-ataque de uma equipa de futebol. *Motricidade*, 10(1), 27-37.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Martins, N. (2007). *Padrões de jogo em futebol. Análise de situações de finalização com recurso à metodologia observacional*. Monografia de Licenciatura (não publicada), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Martins, L., Simas, H., & Júnior, M. (2018). Análise das ações ofensivas e defensivas dos finalistas (França e Portugal) da Uefa Euro 2016. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(40), 564-571.
- Morrow, S. (2005). Quality and Trustworthiness in Qualitative Research in Counseling Psychology. *Journal Of Counseling Psychology*, 52(2), 250-260.
- .
- Mourinho, J. (2002). Entrevista ao Jornal “A Bola”, 26 de julho de 2002.
- Mourinho, J. (2005). Entrevista in Amieiro (2005). Defesa à zona no futebol, Dissertação de Licenciatura. Porto FCDEP-UP.
- Oliveira, J. (2003). *Organização do jogo de uma equipa de futebol. Aspetos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional*. Documento de apoio das II Jornadas técnicas de Futebol da U.T.A.D.
- Oliveira, J. (2004). *Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo*. (Dissertação de Mestrado), FCDEF-UP.
- Oliveira, B., Barreto, R., Resende, N., & Amieiro, N. (2006). *Mourinho: Porquê tantas vitórias?* Lisboa. Gradiva Publicações.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Praça, G. M., Silva, M. V., Barreira, D. B. V. de A., Garganta, J. M., & Greco, P. J. (2017). Em busca de padrões de jogo da fase ofensiva em pequenos jogos de futebol. *Conexões*, 15(1), 34–50.

Queiroz, C. (1983). Para uma teoria de ensino/treino do futebol. *Ludens*, 8(1), 25- 44.

Queiroz, C. (2003). Entrevista a Jesus Cuadrado Pino in nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica. Valladolid. *Revista Técnica Profesional – Training futebol*, 93, 8-17.

Quinta, R. (2005) Entrevista in Amieiro (2005). Defesa à zona no futebol, Dissertação de Licenciatura. Porto. FCDEP-UP.

Rosado, A., Mesquita, I., & Colaço, C. (2012). *Métodos e técnicas de investigação qualitativa*. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana.

Santos, F., Teixeira, E., Clemente, F., Sarmiento, H., Santos, J., Coutinho, P., Abranja, P., Ruivo, R., García Calvo, T., Padinha, V., & Pinheiro, V. (Eds) (2020). *Futebol – do treino à competição*. Lisboa: Primebooks.

Santos, R., Morais, E., & Costa, I. (2015). Análise de padrões de transição ofensiva da selecção espanhola de futebol na Copa do Mundo FIFA 2010, *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, 29(1), 119-126.

Sarmiento, H. (2012). *Análise de jogo de futebol, padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. Tese de doutoramento, UTAD.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

- Silva, A. (2004). *Padrões de jogo no processo ofensivo em futebol de alto rendimento: análise dos jogos da segunda fase do campeonato do mundo Coreia - Japão 2002*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Universidade Autónoma de Madrid.
- Silva, M. (1998). *O desenvolver do jogar segundo a periodização tática*. Pontevedra: Mcsports.
- Soares, P. (2009). *Transições: uma intencionalidade suportada pelo equilíbrio...a representatividade da fluidez que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação da Universidade do Porto.
- Sousa, P. (2005). *Organização do jogo de futebol. Proposta de mapeamento de situações táticas a partir da revisão de literaturas e do entendimento de peritos*. Dissertação de Mestrado, FCDEP-UP.
- Tavares, J. (2003). *Uma noção fundamental: A especificidade. O como investigar a ordem das coisas do jogar, uma espécie de invariâncias do tipo fractal*. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Teodorescu, L. (2003). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos coletivos* (2.^a edição). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tobar, J. (2013). *Periodização tática: explorando a sua organização conceptometodológica*. Monografia de Bacharel, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Travassos, B. (2014). Caracterização da Transição Defesa-Ataque de Uma Equipa de Futebol. Universidade da Beira Interior. Covilhã. *Motricidade* 10 (1), pp. 27-37. Doi: motricidade 10.603/10 (1) 1544.

Travassos, B. (2014a). *A Tomada de Decisão no Futsal* (2.^a Edição). Lisboa: Prime Books.

Valdano, J. (2001). *Apuntes del Balón*. Madrid: La Esfera dos Libros.

Vilar, L., Araújo, D., Davids, K., & Button, C. (2012). O papel do ecológico na análise da dinâmica de desempenho em desportos coletivos. *Sports Med*, 42, 1–10.

Vilar, L., Araújo, D., Travassos, B., & Duarte, R. (2016). Os fundamentos da dinâmica ecológica para o entendimento da especificidade do treino de futebol. *Journal Gymnasium*, 1(2), 1-12.

Williams, A., Davids, K., & Williams, J. (1999). *Visual perception and action in sport*. London: E & FN Spon.

Williams, A. (2000). Perceptual skill in soccer: Implications for talent identification and development. *Journal of Sports Sciences*, 18, 737-750.

Worthington, E. (1974). *Learning & teaching soccer skills*. California: Hal Leighton Printing Company.

Análise da Relação dos Momentos de Organização Defensiva e de Transição Ofensiva

Um Estudo Qualitativo com Treinadores de Futebol

João Chumbinho

Anexos

Anexo n.º 1 – Guião da entrevista

- 1) Segundo a sua opinião, na operacionalização do modelo de jogo há uma separação rigorosa entre os vários momentos do jogo?
- 2) Enquanto treinador, que preocupação tem com as transições ofensivas?
- 3) Há algum cuidado com a preparação da transição ofensiva no momento da organização defensiva?
- 4) No treino da organização defensiva tem uma preocupação com a transição ofensiva?
- 5) Como é que é concretizada essa preocupação no momento da organização defensiva da equipa?
- 6) Há alguns princípios de jogo (defensivos e ofensivos) que sejam preponderantes para a eficácia e para a qualidade da transição ofensiva?
- 7) Que princípios e subprincípios são aplicados na organização defensiva que já se relacionam com a transição ofensiva?
- 8) A adopção de métodos de jogo defensivos (defesa individual, defesa à zona, defesa pressionante e defesa mista) tem alguma relação/consequência directa com a qualidade e eficácia da transição ofensiva?
- 9) A adopção de métodos de jogo ofensivos (contra-ataque, ataque rápido, ataque posicional) tem alguma influência directa na qualidade e na eficácia da transição ofensiva?
- 10) Há alguma relação ou consequência entre adopção de um determinado sistema táctico entre os vários existentes e a qualidade e eficácia da transição ofensivas?
- 11) Quais as acções que devem ser exigidas aos jogadores, quer antes quer depois de recuperar a bola, que são preponderantes para a qualidade e eficácia da transição ofensiva?